

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA

AQUISIÇÃO DA SINTAXE DA NEGAÇÃO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO COMO
SEGUNDA LÍNGUA (L2)

Autora: Hely Dutra Cabral da Fonseca

Tese apresentada ao Departamento de
Lingüística do Instituto de Estudos da
Linguagem da Universidade Estadual de
Campinas como requisito parcial para a
obtenção do título de Doutor em Lingüística.

Orientadora: Profa. Dra. Mary A . Kato

Campinas
Fevereiro de 2005

Banca examinadora

Profa. Dra. Mary A . Kato (IEL/UNICAMP)
Orientadora

Prof. Dr. Carlos Miotto (UFSC)

Profa. Dra. Maria A . C. R.Torres Morais (USP)

Profa. Dra. Marilza de Oliveira (USP)

Profa. Dra. Cecília Perroni (UNICAMP)

Profa. Dra. Esmeralda Negrão (USP)
Suplente

Profa. Dra. Eunice Henriques (UNICAMP)
Suplente

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

F733a Fonseca, Hely Dutra Cabral da.
Aquisição da sintaxe da negação no português brasileiro como segunda língua (L2) / Hely Dutra Cabral da Fonseca. -- Campinas, SP : [s.n.], 2005.

Orientador : Mary Aizawa Kato.
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Aquisição da linguagem. 2. Aquisição da segunda língua. 3. Princípios e parâmetros (Linguística). 4. Gramática gerativa. 5. Aquisição da sintaxe da negação.
I.Kato, MaryAizawa. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

(tjj/iel)

Dedicatória

A meus irmãos e irmãs:

Horácio Cabral da Fonseca

Henry Cabral de Oliveira

Hédina Cabral de Amorim (in memoriam)

Enancy Dutra Menezes Leal

Eaide Fonseca Cunha (in memoriam)

Eleodora Fonseca Felice

Edi Cabral da Fonseca (in memoriam)

Onélio Dutra Cabral da Fonseca

Carlos Eduardo Dutra Cabral da Fonseca

À nossa família.

Agradecimentos

Agradeço, de maneira especial, à Profa. Dra. Mary A . Kato pela orientação firme, cuidadosa, paciente, e pelo entusiasmo com que me influenciou na busca do amadurecimento intelectual. Devo muito dos acertos deste trabalho a ela.

Aos Profs. Drs. Jairo Nunes, Mary A . Kato, Charlotte Galves e Kanavilil Rajagopalan, meus mestres, pelos cursos e seminários magníficos em diferentes campos da Lingüística.

Aos Profs. Drs. Lorenzo Vitral, M. A. Torres Morais e Charlotte Galves pelas sugestões valiosas e orientação dos trabalhos para minha qualificação em Gramática.

Aos Profs. Drs. Sírio Possenti, Jonas Romualdo e K. Rajagopalan pelas sugestões valiosas e orientação dos trabalhos para minha qualificação em Pragmática.

Às Profas. Dras. Maria Aparecida Torres Morais e Marilza de Oliveira, membros da banca de qualificação da presente tese, pelos inúmeros comentários e sugestões.

Ao Prof. Dr. Gertjan Postma, pelos seminários sobre negação por ocasião de sua visita à Unicamp, e pela delicadeza em partilhar conosco os conhecimentos resultantes de suas pesquisas

Ao Prof. Dr. Sze-Wing Tang, da Universidade de Hong Kong, pelas explicações ‘*on-line*’ sobre o Chinês/Cantonês.

Aos membros da banca de defesa, Profs. Drs. Carlos Miotto, Maria A . Torres Morais, Marilza de Oliveira e Cecília Perroni pelo exame cuidadoso deste trabalho, pelos comentários e sugestões valiosas. À Profa. Dra. Eunice Henriques pela atenção especial para com esse trabalho.

Aos Informantes, que permitiram as gravações que constituíram o *corpus* da presente tese.

Aos colegas de cursos, Telma Magalhães, Eneida E. Martins, Claudiana Nogueira, Antonio José Filho, Alba Gibrail, Lourdes Jorge, Ruth Bohunovsky, Marina Augusto, Ana Paula Scherr pelas discussões sobre questões teóricas, pela amizade e apoio.

Às colegas da Universidade Estadual de Feira de Santana, Évila Oliveira, Zenaide Carneiro, Norma L. Almeida, Gildete Xavier, pela amizade e solidariedade demonstradas.

A meus familiares e amigos, como Marlene Correa, Sonia Alcântara e Shirlene Rossi, que me acompanharam, ainda que distantes fisicamente, por esse caminho escolhido.

A Rogério Novaes Neto, jovem vizinho, pelo apoio em informática.

Agradeço à toda equipe de trabalho do Instituto de Estudos da Linguagem, aos professores, secretários e pessoal da informática, pela presteza em me atender quando precisei. A todos meus agradecimentos.

Devo agradecer, ainda, às instituições:

Universidade Estadual de Feira de Santana, por ter oferecido, em parte, condições para a realização deste trabalho.

Capes, órgão de incentivo à pesquisa, pelo financiamento parcial desta pesquisa..

Unicamp, que me recebeu como aluna.

RESUMO

O objetivo desta tese é investigar a aquisição da sintaxe da negação no português brasileiro (PB) como segunda língua, por falantes adultos. O referencial teórico para sua realização é fornecido pela Teoria de Princípios e Parâmetros em seus desenvolvimentos mais recentes. Os dados, com acompanhamento longitudinal, foram coletados de estágios iniciais da fala de informantes adultos em processo de aquisição do PB. Um dos objetivos foi verificar como a aquisição da negação se dá, através da análise dos dados e pelo estudo das características relacionadas ao surgimento da posição da negação e da concordância negativa na L2. O acompanhamento da aquisição por falantes de línguas semelhantes ao português foi feito com o objetivo de testar se o estado inicial (S_0) desses falantes era a L1, o que se confirmou. Percebemos que, no caso de falantes bilíngües, as estruturas das duas línguas envolvidas são utilizadas, através de um processo que confirma a hipótese de $S_0 = L1$. No caso de línguas que são [-CN], observou-se que houve uma substituição do parâmetro para a opção [+CN], com fases bem distintas. Concluimos que os falantes se apóiam na evidência do estatuto de Neg, em XP, para determinar a ausência de concordância negativa. A negação no núcleo indica possibilidade de concordância negativa nas línguas. Observou-se, também, que a ordem desenvolvimental constatada em um trabalho anterior, na aquisição do PB como L1, se repete, quando o PB é uma L2, indicando, assim, que a língua que está sendo adquirida impõe uma certa ordem na aquisição da negação.

ABSTRACT

The aim of this thesis is to investigate the acquisition of the syntax of negation in Brazilian Portuguese (BP), by adult learners. The theoretical background is provided by the recent development of the Principles and Parameters Theory. The data, with a longitudinal follow-up, were collected from the informants' initial stages in the acquisition process. One of the objectives of the present study was to find out how the acquisition of negation takes place, through the analysis of data and, through the study of characteristics related to the emergence of the negation position, as well as to the emergence of the negative concord (NC) in the L2. The follow-up of subjects whose L1s are similar to Portuguese was done with the aim of testing if those informants' initial state (S_0) was their L1, what has been confirmed. We noticed that, in the case of bilingual informants, the structures of the two languages involved are used, in a process that validates the hypothesis of $S_0 = L1$. In the case of languages that are [-NC], it was observed that there was a substitution of the parameter for the option [+NC], with well distinct phases. We conclude that the informants rely on the evidence of the Neg position, in XP, to determine the absence of the negative concord. Negation in the head position indicates possibility of negative concord in languages. It has also been observed, that the developmental order verified, in a previous paper, on the acquisition of Brazilian Portuguese as an L1 is confirmed when BP is an L2, thus indicating that the language being acquired imposes a certain order in the acquisition of negation.

Índice

Capítulo I – Introdução / Aquisição da negação

1.1	O objeto de estudo	01
1.2	O problema	01
1.2.1	Ciclo da negação (Jespersen, 1917)	01
1.2.2	Fenômenos variáveis	02
1.2.2.1	Ordem	02
1.2.2.2	Concordância negativa	03
1.2.2.3	Negação descontínua	03
1.2.2.4	Negação externa	04
1.3	Resultados da primeira pesquisa	04
1.4	Objetivos da presente pesquisa	07
1.5	Questões da pesquisa	07
1.6	A hipótese empírica.....	08
1.7	Hipóteses teóricas	08
1.8	Metodologia	08
1.8.1	Línguas do grupo I	09
1.8.2	Línguas do grupo II e o acompanhamento longitudinal	10
1.9	Os sujeitos	11
1.9.1	Descrição dos sujeitos	12
1.9.1.1	Kirsten	12
1.9.1.2	Sylvia	13
1.9.1.3	Rokya	13
1.9.1.4	Emily	14
1.9.1.5	Angélica	14
1.9.1.6	Byron	14
1.9.1.7	Cristina	14
1.9.1.8	Mônica	15
1.9.1.9	Johnny	15
1.9.1.10	Olga	16

1.10	A organização da Tese	16
------	-----------------------------	----

Capítulo II - Aquisição de L1 e L2

2.1	– Introdução	18
2.2	Breve história.....	18
2.3	A teoria gerativa	19
2.3.1	O Modelo de Princípios e Parâmetros e a aquisição de L1.....	20
2.3.2	As hipóteses sobre o estado inicial	20
2.3.3	A visão de seleção <i>versus</i> instrução	21
2.3.4	O Modelo de Princípios e Parâmetros e a aquisição de L2.....	21
2.3.4.1	A GU na aquisição de L2	21
2.3.4.2	Acesso Nulo.....	22
2.3.4.3	Período Crítico	22
2.3.4.4	Reflexões de Kato	23
2.3.4.5	Acesso Pleno	24
2.3.4.6	Acesso Parcial e Indireto.....	24
2.3.5	A abordagem de Herschenson.....	25
2.3.6	A abordagem de Carrol	26
2.3.7	A abordagem de Roeper	27
2.4	Nossas hipóteses	30

Capítulo III – Teorias sobre a negação

3.1	Introdução	31
3.2	A posição da negação	31
3.2.1	Movimento ou ausência do movimento do verbo para I (inflection).....	32
3.2.2	Movimento de V+I para C	32
3.2.3	A natureza da categoria NegP e a posição da negação	32
3.2.3.1	O VP cindido e a projeção NegP	32
3.2.3.2	A proposta alternativa de Belletti (1990)	34
3.2.3.3	A projeção PolP	36
3.3	Concordância negativa (CN)	38

3.3.1	O critério Neg	38
3.3.2	A (im)possibilidade de dois elementos negativos	39
3.3.3	Sintaxe atribuidora de sentidos	41
3.4	A negação descontínua	42
3.4.1	A negação descontínua no francês (Jones, 1996)	43
3.4.2	Fusão de itens contíguos	44
3.4.3	Enfatizadores ou minimizadores da negação	44
3.4.4	A negação ‘dupla’ no alemão	45
3.5	Parâmetros da negação	45
3.5.1	Posição de Neg e CN	46
3.5.2	Parâmetros e c-seleção de Neg.....	47
3.5.2.1	Ouhalla (1991)	48
3.5.2.2	Zeijlstra (2002)	49
3.5.2.3	Palavras-n em posição pré-verbal (Martins).....	50
3.5.4	Resumo e conclusões	53

Capítulo IV – Da negação em L1 para a negação do PB (L2)

4.1	Introdução	58
4.2	A negação no PB	58
4.2.1	Influência de falares africanos no PB	59
4.2.2	Análises da sintaxe da negação no português	62
4.2.3	A posição do não pré-verbal (Mioto).....	62
4.2.4	A abordagem de Martins	66
4.2.5	Negação externa no PB (Oliveira)	67
4.2.6	Noção de concordância negativa ‘estrita’ (Peres & Negrão)	68
4.2.7	Apagamento do não pré-verbal (Vital).....	70
4.2.8	A negação e a concordância negativa (Vital)	72
4.2.9	Posições assumidas	75
4.3	A negação das línguas dos sujeitos em processo de aquisição do PB.....	77
4.3.1	Italiano, espanhol, francês (=PB).....	78

4.3.2	Inglês	79
4.3.3	Chinês cantonês	80
4.3.4	Polonês	83
4.4	Conclusões	85

Capítulo V – Análise dos dados

5.1	Introdução	87
5.2	Grupo I: espanhol, italiano, francês	87
5.2.1	Espanhol	88
5.2.2	Italiano	88
5.2.3	Francês	89
5.2.3.1	Análise da fala de Rokya (francês)	89
5.2.3.2	Análise da fala de Emily (francês, inglês)	90
5.2.4	Conclusão sobre o dados de espanhol, italiano, francês	90
5.3	Grupo II: inglês americano como L1 e PB como L2	91
5.3.1	Análise da fala dos informantes americanos.....	91
5.3.2	Tabelas	94
5.4	Chinês cantonês como L1 e PB como L2	96
5.4.1	Análise da fala de Johnny	97
5.4.2	Resumo da análise da fala de Johnny	99
5.5	Polonês como L1 e PB como L2	100
5.5.1	Análise da fala de Olga.....	101
5.5.2	Resumo da análise da fala de Olga	104
5.6	Aquisição da concordância negativa	105
5.7	Discussão da análise de dados	106

Capítulo VI – Conclusões

6.1	Hipóteses de trabalho.....	109
6.1.1	(a) Estudo prévio	109

6.1.2	(b) Teorias sobre negação	110
6.1.3	(c) Teorias sobre aquisição	112
Referências bibliográficas		114
Anexo.....		120

Abreviaturas

Apresentamos abaixo a lista de abreviaturas utilizadas no presente trabalho. A maioria das abreviaturas foram mantidas em inglês, conforme consenso existente entre os pesquisadores da linha gerativista para trabalhos nessa área.

Agr	Agreement/concordância
AgrP	Agreement phrase/sintagma de concordância
CN	Concordância Negativa
CP	Complementizer phrase/ complementizador
DN	Double negation/Dupla negação
Entr.	Entrevista
Expressões-n	Incluem o operador de negação <i>não</i> e as palavras-n
GU	Gramática Universal
Head	núcleo, por exemplo, X ^o na representação arbórea)
IP	Inflectional phrase/ sintagma flexional
IPN/Ipn	Item de polaridade negativa
L1	Língua materna
L2	Segunda língua
LF	Logical Form/Forma lógica
Neg	Negação
NegP	Negation phrase/sintagma negativo
NP	Noun phrase/sintagma nominal
Palavras-n	Nada, ninguém, nunca nenhum/a
PB	Português Brasileiro
PE	Português Europeu
PF	Phonetic Form/forma fonética
PolP	Polarity phrase/sintagma de polaridade
Qn	Quantificador negativo
Spec	Specifier/especificador
VP	Verb phrase/sintagma verbal

Capítulo I – Introdução

1 - Objeto de estudo

Este trabalho situa-se no campo da aquisição do português brasileiro (PB), como segunda língua (L2), por falantes estrangeiros em situação de imersão. Respalda-se na teoria de Princípios e Parâmetros (Chomsky 1981, 1995).

O fenômeno a ser estudado é a aquisição da negação e fenômenos correlatos, como a concordância negativa e a negação externa, tendo por base as observações formuladas por Meisel (1997) de que a negação, embora não apresente problemas de aquisição na L1, apresenta dificuldades para falantes quando se trata da aquisição em L2.

Este estudo propõe-se a prosseguir o trabalho de Fonseca (1999)¹, que tratou da aquisição da negação no PB como L2, no qual, ao contrastar os resultados obtidos de uma informante alemã com os de crianças brasileiras, em fase de aquisição, constatou haver a mesma ordem desenvolvimental. Decidiu-se, partindo desses fatos, empiricamente observados, continuar o estudo da aquisição do PB por falantes adultos de outras línguas semelhantes e diferentes do PB, com o objetivo de atingir maior generalização do estudo na área. Cabe esclarecer que os questionamentos serão levantados considerando-se o quadro teórico que trata da sintaxe da negação nas línguas envolvidas.

1.2 - O problema

A negação nas línguas é um fenômeno que tem sido bastante estudado, sendo o trabalho de Jespersen (1917) pioneiro sobre essa questão. Nas seções seguintes, trataremos dessa abordagem, que ficou conhecida como ciclo da negação e de outras, igualmente significativas para a aquisição da linguagem.

1.2.1 - Ciclo da negação (Jespersen, 1917)

Partindo da constatação de que a grande maioria das línguas estudadas apresentavam a negação pré-verbal, a explicação que Jespersen (1917) apresenta para a existência do reforço da negação respalda-se em razões da fonologia. A negação pré-verbal teria uma tendência de se reduzir, uma vez que, no início de um enunciado, as três primeiras sílabas são pouco audíveis. Como consequência desse quadro, surge, segundo Jespersen, a necessidade de se acrescentar mais

¹ Ver Cabral da Fonseca, H. D. *Aquisição da Concordância Negativa (CN) no Português Brasileiro (PB) como segunda língua (L2)*. Dissertação de Mestrado. Unicamp, Campinas/SP, 1999.

uma partícula final para assegurar que a sentença seja, de fato, interpretada como negativa. A partícula usada para reforçar a negação passa a ser, com o uso e passar do tempo, um operador de negação, forçando o apagamento da primeira partícula. Pela repetição desses movimentos, forma-se o que ficou conhecido como “ciclo da negação” de Jespersen.

1.2.2 – Fenômenos variáveis

Nas línguas naturais, a negação é considerada como marcada na representação estrutural da sentença; as sentenças negativas são distintas das afirmativas pela presença de certa morfologia, e propriedades sintáticas. Quando as línguas são comparadas, encontramos quatro aspectos de variação relacionados à negação.

1.2.2.1 - Ordem

O primeiro refere-se à posição do marcador negativo, que pode aparecer:

a) em posição pré-verbal, antes do verbo finito, como acontece em português e em espanhol.

(1) Os filmes **não** têm sido bons. (português, [+ neg pré-Aux])

(2) Juan **no** há llamado a su padre. (espanhol, [+ neg pré-Aux])
‘Juan não chamou seu pai’

b) em posição pós-verbal, depois do verbo finito, como acontece em alemão e em inglês.

(3) Heiko ist **nicht** zur Schule geganger. (alemão, [+ neg pós-Aux])
Heiko é não para escola ir
‘Heiko não foi para a escola’

(4) She does **not** smoke. (inglês, [+ neg pós-Aux])
Ela V auxiliar não fumar
‘Ela não fuma’

Se as duas línguas envolvidas tiverem escolhas diferentes no que tange à colocação da negação, se o sujeito parte de sua L1, alguma dificuldade poderá se apresentar.

1.2.2.2 - Concordância negativa

O segundo aspecto relaciona-se ao fenômeno lingüístico denominado concordância negativa (CN) que se caracteriza pela presença de dois ou mais elementos negativos em uma mesma sentença, os quais são interpretados como uma negativa simples. Sabemos que há línguas que têm CN, como a portuguesa e a francesa. Vejamos os exemplos:

(5) Ele **não** disse **nada**. (português, + CN)

Há, porém, línguas que não admitem a concordância negativa, como o inglês-padrão e o alemão. Abaixo temos alguns exemplos:

(6) He saw **nothing**. (inglês, - CN)

Ele viu nada

‘Ele não viu nada’.

(7) Ich sah **niemand** dort. (alemão, - CN)

Eu vi ninguém lá.

‘Eu não vi ninguém lá’.

Visto por esse ângulo, o fato de não haver CN na L1 do falante que está adquirindo PB como L2, uma língua do tipo [+CN], pode constituir-se em uma outra fonte de dificuldades. Se assumirmos que a L1 tem algum papel no estado S₀.

1.2.2.3 - Negação descontínua

O terceiro aspecto é o da negação descontínua como o caso de *ne...pas* do francês.

c) (±) a negação descontínua do Francês, (*ne... pas*).

(8) Jean **ne** voit **pas** Marie.

(francês, + neg descontínua)

‘Jean não vê Marie’

1.2.2.4 – Negação externa

O quarto aspecto é o da negação externa como no caso do *não... não* do português brasileiro.

d) (±) a negação externa do PB, (*não...não*)

(09) Ele **não** foi ainda **não**.

(português, - neg descontínua, + neg externa)

(10) Heiko ist **nicht** zur Schule gegangen.

(alemão, - neg descontínua, - neg externa,)

Heiko é não para escola ir

‘Heiko não foi para a escola’

(11) He does not go to school.

(inglês, - neg descontínua, - neg externa,)

‘Ele não vai para a escola’

Resumindo, os aprendizes de PB como L1 ou L2 têm que aprender que o PB é uma língua:

(12) [+neg pré-verbal], [+ CN], [+ negação externa].

1.3 - Resultados da primeira pesquisa

Nosso primeiro trabalho teve por objetivo analisar o estágio inicial da gramática de L2, a partir da fala de uma informante de língua alemã em processo de aquisição do PB. Pesquisou-se a ordem de aparecimento do operador de negação, das palavras-n, e da concordância negativa. O fenômeno da negação externa não foi objeto daquela pesquisa. O desenvolvimento da negação da informante apresentou semelhanças com o da aquisição da negação por crianças brasileiras² quanto à ordem de aquisição.

Apresentamos a seguir um resumo sobre a sintaxe da negação no alemão.

² Os dados de aquisição do PB como L1 foram consultados no Cedae/Unicamp, sendo, portanto, as amostras analisadas provenientes da fala de crianças da região de Campinas/São Paulo. Uma outra amostra, mais recente, também de uma criança de São Paulo, nos foi cedida por Telma Magalhães, a quem agradeço.

Alemão é uma língua SOV, mas nas orações principais somente o verbo não finito ocupa a posição final, enquanto o verbo finito sempre aparece na segunda posição, nas estruturas da oração, apresentando desta forma o efeito V2.

Em orações principais, a expressão negativa *nicht* segue o verbo finito e precede o elemento verbal não finito. Neg é colocado depois do primeiro verbo finito, se Aux ou V.

Vejamos os exemplos:

(13) Heiko ist nicht zur Schule gegangen

Heiko é não para escola ir

‘Heiko não foi para escola’

(14) Heiko geht nicht zur Schule.

Heiko vai não para escola

‘Heiko não vai para escola’

Nos exemplos acima podemos observar que, em Alemão, o elemento negativo aparece sempre à direita do verbo finito na superfície:

Alemão

V_[fin] + Neg

Em Português, observando a tradução correspondente dos exemplos citados, temos:

Português

Neg + V

Observando as estruturas superficiais do alemão e do português, a previsão de nosso primeiro trabalho de que, se houvesse transferência de sintaxe de L1 para L2, haveria inversão [V+Neg] nas frases em português, se confirmou.

Percebeu-se, também, ter havido uma seqüência desenvolvimental, revelada pela amostra da informante, com duas fases bem delineadas.

A primeira fase foi caracterizada pela variação, na qual houve a co-ocorrência de três padrões: Neg+V, V+Neg, V+palavra-n, resumida no quadro abaixo, com asterisco nas formas não atestadas.

V Neg
 Neg V
 V palavras-n
 * Neg V palavras-n (*CN)

A segunda fase atestou a CN na fala da informante, após três meses de permanência em Salvador, assinalando o término da variação. Os dados permitem traçar o seguinte quadro-resumo:

* V Neg
 Neg V
 * V palavras-n
 Neg V palavras-n (CN)

Verificamos então que, com a aquisição da CN, desapareceu a ordem V+Neg, bem como as palavras-n sem Neg.

A conclusão de Fonseca (1999) é a de que existe um *default*³ presente na fala de crianças paulistas e também no alemão. Podemos afirmar que a análise da fala das crianças brasileiras aponta no sentido de que o *default* para a negação é [V Neg, -CN]⁴.

Abaixo temos exemplos da fala de crianças brasileiras, oriundas da região sul/sudeste do Brasil, e que atestam a presença do *default* nos estágios iniciais da aquisição do PB como L1.

- | | |
|--------------------|---|
| (15) É não. | (CHILDES ⁵ Paulo,1;10.20, Florianópolis, SC) |
| (16) Quer não. | (Ana ⁶ , 2;5.18; Campinas/SP) |
| (17) Consegui não. | (Ana, 2;4.0, Campinas/SP) |
| (18) Grudou não. | (Ana, 2.4.0, Campinas/SP) |

³ Por *default* entendemos ser o caso em que a GU já traz o parâmetro marcado em um dos dois valores possíveis, mesmo antes da criança ter sido exposta aos dados de uma L1.

⁴ A estrutura [VNeg] aparece na fala da criança, no entanto, [Vneg] não está presente no *input*.

⁵ CHILDES = Child Language Data Exchange System, banco de dados da *Carnegie Mellon University*.

⁶ Os dados de Ana, como mencionado, nos foram cedidos por Telma Magalhães.

Na aquisição do PB como L2, porque nossa informante de alemão estava na Bahia, uma outra leitura para o tipo de negação apresentada pode afirmar que a estrutura [Vneg] não vem do valor *default*, mas da variante dialetal do *input*, que pode apresentar a forma [V Neg, -CN], que se confunde com o alemão. A variante dialetal da Bahia, na superfície, não é reveladora para distinguir essas duas situações. Portanto, o presente trabalho pretende analisar a aquisição do PB, que acontece em outra região do Brasil.

1.4 - Objetivos da presente pesquisa

Pretende-se: (a) descrever as diferenças entre a sintaxe da negação do PB e a das línguas estrangeiras estudadas, usando autores que trabalharam com o entendimento do fenômeno da variação na sintaxe da negação, (b) mostrar como os fenômenos da negação do PB são adquiridos por falantes de outras línguas, e (c) especificar o tipo de acesso, dos sujeitos, à GU.

Como o português é uma língua relativamente pouco estudada em relação à aquisição de L2 na linha gerativa, este trabalho se constituirá em uma contribuição para o campo da aquisição do português por falantes de outras línguas.

Especificamente, objetiva-se analisar as construções negativas, sua ordem de aparecimento e sua estrutura interna, assim como o surgimento do fenômeno da Concordância Negativa (CN). Sendo o Português uma língua de negação pré-verbal (Neg+V), de preenchimento obrigatório, na maioria das variantes dialetais, vamos observar seu aparecimento quanto à posição e quanto à CN. Objetiva-se, também, verificar o que ocorre quando o dialeto adquirido apresenta o fenômeno da negação externa, havendo a possibilidade de se confundir negação externa com apagamento com a negação pós-verbal. Pretende-se considerar como ponto de partida, a sintaxe da L1 do falante, sendo que um dos objetivos é verificar se há distinção nas propriedades elencadas acima e de que forma as eventuais diferenças podem ser sintaticamente representadas.

1.5 - Questões da pesquisa

Delineado o problema, o presente trabalho pretende responder às seguintes perguntas:

- a) O desenvolvimento dos sujeitos em processo de aquisição do PB como L2 é semelhante ao que ocorre com crianças, quando da aquisição da negação no PB como L1?
- b) Há diferenças determinadas pela L1 dos sujeitos?

- c) Que teorias correntes sobre a aquisição de L2 os dados deste estudo corroboram? Que tipo de acesso os sujeitos têm à GU?

1.6 - A hipótese empírica

Com base nos resultados do trabalho de Fonseca (1999), podemos formular a seguinte hipótese empírica:

O desenvolvimento dos sujeitos da presente pesquisa será semelhante ao que ocorre com crianças, quando da aquisição da negação no PB como L1, apresentando as seguintes fases de desenvolvimento:

- i) Surgimento da negação simples pós-verbal, que pode ser concomitante com a negação pré-verbal.
- ii) Surgimento das palavras-n, isoladas, sem concordância negativa.
- iii) CN expressa por [negação pré-verbal + palavras n].

1.7– Hipóteses teóricas

Quando, no nosso primeiro trabalho, comparamos a aquisição da CN por crianças brasileiras com a aquisição da CN pela falante alemã, e encontramos a mesma ordem desenvolvimental para a aquisição desse fenômeno nas duas situações, levantamos a hipótese de que os valores do alemão são o *default*.

Contrapondo a hipótese de que o alemão tem o *default* para a negação com a hipótese de muitos autores de que o estado inicial é a L1 do falante e não o valor *default* que a criança usa, temos, assim, duas hipóteses a testar:

- a) [S_0 = valor *default* do parâmetro = neg pós-verbal e -CN]
- b) [S_0 = L1 para L2]

1.8 – Metodologia

Embora a idéia de uma abordagem comparativa tenha existido por longo tempo, só recentemente a comparação de dados entre as línguas veio a se constituir num procedimento para investigar hipóteses que se referem às propriedades gramaticais emergentes do conhecimento lingüístico. Ancorada no programa de pesquisa da teoria de Princípios e Parâmetros, a concepção atual de investigação comparativa entre as línguas embasa seus métodos de pesquisa nessa teoria. O

que se procura são certos efeitos que se replicam entre as gramáticas das línguas que partilham de certas propriedades gramaticais, e não se replicam entre aquelas que não partilham dessas propriedades.

O fato de não haver acesso direto empírico à competência gramatical, determina que toda evidência do conhecimento lingüístico, deva advir de uma análise do desempenho lingüístico que se manifesta no desenvolvimento de uma tarefa específica, ou, de uma situação informal, como na situação de uma conversa entre entrevistadora e informante, ou quando o informante conta uma história, por exemplo.

No caso da presente pesquisa, estamos assumindo que os falantes, todos adultos, já dominam uma gramática, e que, portanto, essa gramática, que tem os parâmetros marcados de uma L1, será revelada durante a aquisição de L2. Buscamos evidências dos parâmetros que os informantes têm já assentados de sua L1.

Entre o PB e a língua materna dos aprendizes há uma variação de: (a) muito próxima, com o espanhol e o italiano, (b) próxima, com o francês, (c) média com o inglês, o alemão e o polonês, e (d) distante, com o chinês cantonês. Assim, temos um tipo de coleta para línguas do grupo I e um outro para línguas do grupo II.

Vemos que é necessário considerar o fato lingüístico, a teoria assumida e os métodos a serem adotados. Já delineamos o fato lingüístico a ser pesquisado, a negação e fenômenos correlatos nas línguas. Tomamos por base o arcabouço teórico da Teoria de Princípios e Parâmetros. Passamos, em seguida, ao delineamento da metodologia de trabalho adotada. Para a análise dos dados utilizamos sempre o método observacional.

1.8.1- Línguas do grupo I

Com as línguas do grupo I, espanhol, italiano e francês, procuramos detectar os efeitos que se replicam entre línguas que partilham de propriedades semelhantes relacionadas ao fenômeno da negação.

Os dados do sujeito da nossa primeira pesquisa (Fonseca, 1999) foram levados em conta para efeito de comparação.

Começamos por comparar a fase inicial de aquisição de L2 de uma informante de espanhol, língua do tipo +CN, com a fase inicial de aquisição de L2 da informante de alemão, uma língua [-CN], da primeira pesquisa.

Em seguida, passamos à aplicação de um teste de tradução⁷ com falantes de italiano. Portanto, utilizamos um experimento para a coleta dos dados de italiano.

A preocupação com o fato de que a escrita pudesse ter influenciado nos resultados obtidos com os os falantes de italiano nos levou a considerar entrevistas feitas com falantes de francês, recém chegados ao Brasil. O detalhamento dos procedimentos utilizados e os resultados decorrentes da análise das línguas do grupo I (espanhol, italiano e francês) estão na seção 5.2.

1.8.2– Línguas do grupo II e o acompanhamento longitudinal

No trabalho anterior (Fonseca, 1999), quando consideramos a aquisição da CN no PB pela falante alemã, utilizamos o o acompanhamento longitudinal para a coleta de dados.

No grupo II temos línguas diferentes do PB quanto à negação, que são o inglês americano e o chinês cantonês. Optamos por fazer um acompanhamento longitudinal da coleta de dados desses informantes, com o objetivo de acompanhar o desenvolvimento dos mesmos. Varmos observar, principalmente, fatores relacionados à aquisição dos parâmetros da negação, que são diferentes entre o PB e essas duas línguas.

A coleta de dados do tipo longitudinal permite detectar dados espontâneos no processo de aquisição, além de poder revelar informações não previstas pelo pesquisador. Outra vantagem desse procedimento é poder mostrar a variação individual no desenvolvimento, permitindo-se perceber as fases da aquisição, se houver.

A coleta da amostra de Polonês, língua semelhante ao PB quanto à presença da negação pré-verbal e da [CN], foi feita, com acompanhamento longitudinal, com o objetivo de verificar se o que foi observado com as línguas do grupo I, se repetiria.

Utilizamos para as análises o método observacional, parcialmente controlado, pois definimos, desde o início, o objeto de estudo: acompanhar a aquisição da sintaxe da negação e fenômenos correlatos no PB como L2.

A gravação em fita magnética foi utilizada para registrar a coleta das entrevistas e dos testes. Os informantes interagem informalmente com a entrevistadora, em ambientes diversificados, conforme explicitado na seção ‘os sujeitos’.

A entrevistadora dispunha de uma seleção de assuntos, abaixo relacionados, que poderiam ser abordados durante as entrevistas⁸:

⁷ O texto em italiano está no anexo.

- 1 – País de origem, trabalho, língua, família.
- 2 – Vida no Brasil, costumes, refeições, sistema vendas em lojas/livrarias, TV brasileira, planos para o futuro.
- 3 – Viagem. Preço dos alimentos no Brasil. Sistema de ensino no país do informante.
- 4 – Língua do sujeito x língua portuguesa.
- 5 – Narrativa de histórias do país de origem dos informantes. Descrição de fotos. Tarefas domésticas, escola.
- 6 – Gramática do português. Cantores brasileiros. Gostos. Cores da bandeira.
- 7 - Comentário sobre a vida no Brasil, sistema dos correios, vida em família, situação funcionalismo público no Brasil.
- 8 – Situação do ensino de inglês no Brasil. Passeios no local onde o informante estava. Novas amizades, comentários sobre, pesos e medidas. Relato sobre um filme visto.
- 9 – Uso dos verbos em português: pensar, acreditar, lamentar. Comentários sobre problemas com pronúncia.
- 10 – A gramática tradicional e a língua do informante, abordando: verbos, casos, negação, advérbios, pronomes, frases, gramática, oração subordinada.

Ao longo das entrevistas, foram inseridas perguntas que poderiam provocar o uso da negação no PB. Como exemplos dessas perguntas temos: o sistema escolar de seu país e o do Brasil são parecidos? Você gostou da festa? Você dançou na festa? O preço das roupas aqui é igual ao preço das roupas em seu país? Você gosta dos pratos típicos daqui? Você já foi alguma vez a São Paulo/Salvador? Etc.

1.9 - Os Sujeitos

O *corpus* analisado compõe-se de entrevistas gravadas por sujeitos em processo de aquisição do português brasileiro. Cabe esclarecer que, em sua maioria, os entrevistados falavam, além da L1 declarada, outras línguas, portanto, os informantes já dominavam outra L2 anteriormente, constituindo-se o PB uma L3 ou mesmo uma L4. Consideramos, entretanto, que a L1 dos informantes será extremamente importante na aquisição de L2, se a S_0 for igual à L1.

⁸ Os informantes não tinham conhecimento da existência da lista. Se o informante optasse por um outro assunto, diferente do programado, poderia livremente falar sobre o assunto de sua escolha, não sendo interrompido.

Há muitas definições para o termo bilingüe⁹, aqui, consideramos bilíngües aqueles que se declararam bilíngües ‘de berço’.

A seleção dos sujeitos obedeceu a dois critérios: a) falantes de línguas [+CN]: espanhol, italiano, francês e polonês; e b) falantes de línguas [-CN]: chinês cantonês e inglês americano. Alguns falantes foram entrevistados em Campinas/SP, outros em Salvador/BA. A língua alvo, o PB, apresenta variações em função do contexto, isto é, se o falante está em Campinas, região sudeste do Brasil, ou em Salvador, no nordeste. Esse fato será levado em consideração quando da análise dos dados. Na descrição do PB baiano, na seção 4.2.1, apresentamos as possíveis razões históricas que podem justificar as diferenças.

1.9.1 – Descrição dos sujeitos

1.9.1.1 - Kirsten – Alemanha, L1 = alemão.

Informante do primeiro trabalho. Alemã, 32 anos, chegou a Salvador/BA em outubro/1997 e permaneceu até janeiro/1998. Frequentou cursos de inglês na Alemanha, mas não fala inglês. Objetivo em estar no Brasil: aprender português. Havia tido aulas de português na Alemanha.

As entrevistas foram feitas na casa da entrevistadora em Salvador/BA. As transcrições totalizam 101 páginas e os temas tratados foram os seguintes de acordo com as entrevistas:

- 1 – País de origem, trabalho, língua alemã, família.
- 2 – Vida no Brasil, costumes, refeições, sistema vendas em lojas/livrarias, TV brasileira, planos para o futuro.
- 3 – Viagem para João Pessoa, Recife, cores, preços de alimentos no Brasil Sistema de ensino na Alemanha.
- 4 – Língua alemã x língua portuguesa. Visão dos alemães construída pelo cinema de Hollywood.
- 5 – Narrativa. Kirsten conta a história escrita por Goethe, Dr. Faustus. Descrição de fotos, tarefas domésticas, escola.
- 6 – Verbos em português. Comentário sobre o livro de Darcy Ribeiro “O Povo Brasileiro”, cantores baianos, comentários sobre a obra dos irmãos Grimm. Conto “Branca de Neve e os sete anões”.

⁹ Uum trabalho bastante abrangente sobre bilingüismo pode ser encontrado em Gonçalves(1997).

7 - Comentário sobre a vida no Brasil, sistema dos correios, vida em família, situação do funcionalismo público na Alemanha e no Brasil.

8 – Situação do ensino de inglês em Salvador/Berlim, passeios em Salvador Novas amizades, comentários sobre língua portuguesa, pesos e medidas. Língua alemã – comentários.

9 – Uso dos verbos em português: pensar, acreditar, lamentar, relato de filme visto, pronúncia. A informante faz perguntas usando os pronomes interrogativos. Tema livre sobre vida em Salvador. Ida às cartomantes.

10 – Estudando a sintaxe da língua alemã, ela faz uma exposição em português abordando: verbos, casos, negação, advérbios, pronomes, frases, gramática, oração subordinada. Comentário sobre a festa do Senhor do Bonfim. Continuação das informações sobre a gramática do alemão: o uso do *não*.

1.9.1.2 - Sylvia – Colômbia, L1 = espanhol.

Chegou a Campinas/SP em 30 de janeiro de 2000, tem 26 anos de idade. Fala espanhol e lê inglês, tem o objetivo de realizar o Mestrado em Estatística na Unicamp. A entrevista foi feita em 29/3/00.

A entrevista foi gravada na Unicamp, em uma sala da pós-graduação ocupada pela informante.

1.9.1.3 - Rokya – Costa do Marfim, L1 = francês e anhi.

Chegou a Campinas/SP em 10/fev/2000. Natural da Costa do Marfim, país em que são faladas 63 línguas, sendo francês a língua oficial. Língua materna da falante: Anhi. A falante declarou ser bilingüe. Idade: 22 anos de idade. Tem o objetivo de falar português bem e estudar medicina.

As entrevistas foram gravadas na Unicamp em 10/5 e em 17/5/2000, em uma sala do CEL¹⁰.

¹⁰ CEL = Centro de Estudos Lingüísticos do IEL/UNICAMP. Agradeço à Direção do CEL por autorizar o uso do espaço para a gravação das entrevistas.

1.9.1.4 - Emily – Suíça, L1 = francês e inglês.

Chegou a Salvador/BA em 30/06/2001. Nasceu na Suíça e declarou-se bilíngüe, fala francês e inglês. Aos quatro anos de idade mudou-se para os EUA. Reside e estuda na Universidade de Santa Cruz, na Califórnia. Tem 19 anos.

As entrevistas foram gravadas no *hall* de entrada do ACBEU¹¹. O acompanhamento da aquisição da informante foi feita nas seguintes datas: 05/07, 10/07, 19/07, 26/07 e 02/08/2001, portanto, as entrevistas tiveram início com cinco dias da chegada de Emily a Salvador.

1.9.1.5 - Angélica- USA, L1 = espanhol e inglês.

Chegou a Salvador em 30/06/01. Reside na Califórnia, é bi-lingue, dominando inglês e espanhol. Idade: 20 anos. Nos testes para o curso de português foi classificada no nível intermediário.

As entrevistas foram gravadas no *hall* de entrada do ACBEU. O acompanhamento da aquisição da informante foi feita nas seguintes datas: 05/07, 10/07, 19/07, 26/07 e 02/08/2001, portanto, logo no início da aquisição, com cinco dias da chegada de Angélica a Salvador.

1.9.1.6 - Byron – USA, L1 = inglês.

Americano, 26 anos de idade, entrevistado em Salvador/BA. Universitário, assunto: política da América Latina. Fala inglês, não fala outras línguas. Tomou aulas de espanhol, mas declarou que não fala essa língua. Ficou por 6 semanas em Salvador em 2000 e voltou em 2001, ficando de 31.3 a 30.5. Objetivo: estudar problemas brasileiros e aprender português.

As entrevistas foram gravadas na residência da entrevistadora nas seguintes datas: 4/5, 8/5 e 15/5 de 2001.

1.9.1.7 - Cristina – USA, L1 = inglês, fala espanhol.

Chegou a **Salvador** em 5/agosto/2001. Reside na Califórnia, em San Francisco, tem 19 anos. Estuda na Universidade de Davis, faz o curso de Relações internacionais. Fluente em Espanhol, que começou a estudar aos dez anos de idade, visitou o México por três vezes. Estudou 1 ano de francês. Foi classificada no nível pré-intermediário para o curso de

¹¹ ACBEU = Associação Cultural Brasil Estados Unidos/Salvador/BA. Agradeço à Coordenação daquela instituição por ter permitido a gravação das entrevistas dos alunos do curso de português para estrangeiros.

português em Salvador, mas não havia estudado português antes. Chegou a Salvador/Bahia, em 30/6/01.

As entrevistas foram gravadas no *hall* de entrada do ACBEU. As entrevistas foram feitas nas seguintes datas: 05/07, 10/07, 19/07, 26/07 e 02/08/2001, portanto, logo no início da aquisição, com cinco dias da chegada de Cristina.

1.9.1.8 - Monica – USA, L1 = inglês, fala espanhol e italiano.

Chegou a Salvador em 05/julho/2001. Mora em Los Angeles e vive na fronteira, onde se fala também o espanhol. Idade: 19 anos. Fala inglês, espanhol e italiano. Começou a frequentar o nível para iniciantes em português e depois foi transferida para o nível intermediário.

As entrevistas foram gravadas no *hall* de entrada do ACBEU, nas seguintes datas: 09/07, 12/07, 19/07, 26/07 e 02/08/2001, com cinco dias da chegada de Mônica a Salvador.

1.9.1.9 - Johnny – Hong Kong, L1 = chinês cantonês e inglês.

Chegou a Salvador/BA em julho/2001. O informante Johnny é chinês de Hong Kong, falante nativo do chinês cantonês, fala também inglês, tem 18 anos. Estava em Salvador por quatro meses como estudante de intercâmbio no início das entrevistas.

As entrevistas foram gravadas na residência de Johnny. O acompanhamento da aquisição do informante foi feito em entrevistas nas seguintes datas: 20/11/97, 5/12/97, 2/2/98, 17/2/98 e 2/2/98. As transcrições das entrevistas totalizam 100 páginas e de acordo com o tema foram assim distribuídas:

- 1 – Conversa sobre a família no Brasil e na China. Sistema de escrita no chinês. Pratos típicos em Salvador. McDonalds. Vestimentas em Hong Kong. Vida escolar em Salvador.
- 2 – Sistema familiar em Hong Kong. Nomes em chinês. Passeios em Salvador. Férias. Viagem. Excursão. Programas de TV. Diversão aos domingos. Colegas da escola. Polícia em Hong Kong. Revistas. Dança. Uso de palavras de baixo calão.
- 3 – Viagem a Recife. Amigos. Praia. Volta às aulas. Festas de Ano Novo. Namorada brasileira. Saídas à noite. Perigo. Bebidas.
- 4 – Carta para namorada. Música axé, dança. Aulas de inglês, de matemática. Festas na Bahia. Família que não gosta de sair de casa. Festas em Hong Kong. Preços de alimentos em Salvador. Comentários sobre a inteligibilidade entre espanhol e português. Falta de inteligibilidade entre chinês e japonês.

5 – Carnaval. Johnny pulou de ‘pipoca’. Gosta do Terrasamba. Carnaval no Campo Grande. Pelourinho. Olodum. Carla Perez e é o tchan.

1.9.1.10 - Olga – Polônia, L1 = polonês.

Entrevistada em Campinas/SP. Cidade natal: Wejherowo, na Polônia. Olga tem 23 anos, estudou em Gdanski. Estudou russo, francês e alemão por 3 anos e espanhol por 2 anos. Mestranda: Engenharia Elétrica. Chegou ao Brasil em 12.2.2000. Objetivo: quer morar no Brasil, quer falar português bem.

As entrevistas foram gravadas na Unicamp, em uma sala do CEL. O acompanhamento da aquisição da informante foi feito em entrevistas nas seguintes datas: 29/03, 12/04, 10/05, 17/05, 31/05, 07/06, 28/06, 07/07, 14/07 e 14/08/2000. As transcrições totalizam 74 páginas e de acordo com o tema as entrevistas foram assim distribuídas:

- 1 – País de origem. O político Lek Walenskwa. Aulas na Unicamp. Família na Polônia.
- 2 – Narrativas: história da infância, filme visto, história da vida de uma amiga.
- 3 – Mudança de endereço em Campinas. Problema de moradia. Permanência no Brasil, visto, etc.
- 4 – Visita à Holanda. Descrição de Varsóvia. Meios de transporte em Varsóvia.
- 5 – Aulas de português. Surpresas da vida, afogamento quando criança. Salvamento.
- 6 – Festa na casa nova. Problemas com tradução de documentos. Embaixadas. Burocracia no Brasil.
- 7 – Polícia Federal e documentos de estrangeiros. Formulários. Preenchimentos de formulários.
- 8 – Descrição de salvamento pela informante de pessoa que se afogava. Temperatura no Brasil.
- 9 – Preocupação com documentos para permanência no Brasil. Passaporte. Ovnis. Arquivo-X.
- 10 – Problemas com a língua portuguesa.

1.10 - A organização da Tese

O presente trabalho está organizado em seis capítulos: este capítulo I, uma introdução que apresenta o objeto de estudo, propõe objetivos, define o fenômeno da negação, levanta as questões da pesquisa, as hipóteses, informa a metodologia e define o *corpus* a ser utilizado. O capítulo II, que trata da evolução dos estudos sobre a aprendizagem de uma língua estrangeira, das teorias sobre aquisição de L1 e de L2, conforme a teoria gerativa. O capítulo III, que

aborda teorias sobre a negação, com base nas línguas românicas e germânicas, de acordo com a teoria dos Princípios e Parâmetros, procurando relacionar a noção de parâmetros à de negação. O capítulo IV, que trata da negação nas línguas envolvidas, levando em conta as análises encontradas no mesmo quadro teórico descritivo. Nesse capítulo, abordam-se ainda as propostas de análise para a negação no PB. No capítulo V, tratamos da aquisição do PB por falantes de: a) línguas [+CN], Espanhol, Italiano, e Francês; e b) e línguas [-CN], Inglês Americano e Chinês Cantonês, e de Polonês, [+CN], apresentando a análise e discussão dos dados. Finalmente, no capítulo VI, apresentamos as conclusões apontadas pela pesquisa.

Capítulo II - Aquisição de L1 e L2

2.1 – Introdução

Primeiramente abordamos os trabalhos de pesquisa em L2 que precederam o surgimento do modelo de Princípios e Parâmetros.

2.2 - Breve história

As teorias que precederam os estudos sobre a aquisição de L2, a partir da segunda metade do século XX foram, a *Contrastive Analysis*, ou análise contrastiva, AC, com Lado (1957), lingüísta estruturalista, que vê a aprendizagem de línguas como o automatismo de estruturas. Vemos que a questão central da AC era considerar a língua materna do aprendiz como principal barreira para a aquisição de uma segunda língua. Por essa razão, era necessário que o lingüísta desenvolvesse uma taxonomia de contrastes entre as duas línguas em questão, a fim de prever as dificuldades. Como se vê, o processo de aquisição, que é um processo interno do aprendiz, não era o foco da AC.

A idéia de que aquisição da linguagem acontecesse de forma idêntica à aquisição de um hábito foi criticada por Chomsky (1957), que se opõe às idéias contidas no livro “Verbal Behavior” de Skinner. Salientando que a aquisição da linguagem era algo cronologicamente programado, Chomsky propõe a existência de um dispositivo inato para a aquisição da linguagem (LAD), que facilitaria a aquisição de uma gramática abstrata, o que colocou em cheque a visão behaviorista de Skinner, adotada pela Análise Contrastiva.

A década de sessenta vê nascer a visão da ‘*Error Analysis*’, ou Análise de Erros (AE), que tem um outro olhar sobre a questão: adquirir uma outra língua implica não apenas adquirir as diferenças existentes entre a L1 e a L2. EA foi uma linha de pesquisa liderada por Pit Corder (1967) que apontou o fato de haver uso de regras abstratas, quando os erros de crianças mostram certa regularidade, como pode ser observado no caso do uso da forma ‘*goed*’ produzida por crianças inglesas, antes de aprenderem a forma irregular ‘*went*’ para o verbo ‘ir’ naquela língua.

A partir dessa época, os pesquisadores começaram a estabelecer um ponto de comparação entre o processo de aquisição de línguas e o de aquisição da linguagem. Surge, assim, um novo olhar para o aprendiz, que passa a ser visto como um sujeito que estabelece analogias, que usa o raciocínio, etc, para processar conhecimento em uma nova língua, e sobre esta nova língua. Para esses teóricos, aprender uma nova língua implicava em um processo de ensaio e erro, ou seja, o aprendiz formava hipóteses sobre o sistema da nova língua e passava a testá-lo, o que poderia levá-

lo à confirmação ou ao abandono de determinada regra ou forma. Esse foi o contexto em que surgiu a noção de ‘interlíngua’ de Selinker (1972).

O termo ‘interlíngua’ se refere, portanto, a um sistema que tem um *status* estruturalmente intermediário. Em outros termos, a interlíngua de um aprendiz apresenta elementos da sua L1, acentuadamente no nível fonológico, como é o caso do ‘portunhol’, por exemplo, e da L2 – léxico, estrutura, etc. Interlíngua é, portanto, um sistema intermediário entre a L1 do aprendiz e a L2.

A *Creative construction* ou construção criativa é a denominação da linha de pesquisa em que Dulay & Burt (1974) negam existir o fenômeno da transferência, considerando que L1 e L2 são regidas por Princípios Universais, não havendo, para esses autores, diferenças entre os dois processos de aquisição, que são considerados como independentes.

É nos estudos de L2 dessa época que aparece a distinção entre ‘aprendizagem’ e ‘aquisição’, descrita por Krashen (1982) da seguinte forma: aquisição = processo inconsciente; e aprendizagem = processo que envolve informação metalingüística sob a forma de regras de gramática do tipo apresentado em aulas de línguas estrangeiras.

2.3 - A teoria gerativa

O primeiro momento da teoria gerativa, denominado de Modelo Padrão (Chomsky, 1965), caracteriza-se pela presença de regras sintagmáticas, de inserção e transformacionais, e pela introdução das noções de universais na linguagem. A criança era vista como um pequeno lingüista, que deveria descobrir as regras de sua língua materna.

Noções como a da Faculdade da Linguagem surgem nesse modelo, como algo que nos é dado pela genética, e que portanto, implica em que todas as línguas humanas têm as mesmas propriedades.

O segundo momento, conhecido como Modelo-Padrão Estendido (Chomsky, 1973), apresenta restrições às regras e representações. A língua I, por esse modelo, é o resultado da interação da GU com os dados lingüísticos primários, com o ambiente social e afetivo em que a criança se encontra. Língua E (externa) é um conjunto de sentenças produzidas em uma determinada comunidade, que mostram as regularidades, abstraindo-se os mecanismos internos responsáveis pela produção do falante.

O modelo de regência e ligação (*Government and Binding*, Chomsky, 1981) segue-se ao modelo do Padrão Estendido, já mencionado. Esse novo modelo ficou mais conhecido como Teoria de Princípios e Parâmetros, cuja pesquisa busca indicar os Princípios como propriedades

obrigatórias comuns a todas línguas naturais, e os Parâmetros como propriedades de escolha binária os quais, portanto, podem dar conta da variação entre as línguas.

2.3.1– O Modelo de Princípios e Parâmetros e a aquisição de L1

A teoria gerativa responde ao chamado problema de Platão¹², afirmando que a capacidade para falar é inata, fazendo parte da bagagem genética de todas as pessoas. É a tese do inatismo, que atribui um conhecimento interno ao falante. A comprovação dessa capacidade dos falantes se traduz por diferentes habilidades como, por exemplo, a de julgar sentenças aceitáveis ou não, pelo domínio das anáforas, sem que nenhuma instrução formal tenha sido feita e pela compreensão e produção de frases nunca antes ouvidas.

2.3.2 – As hipóteses sobre o estado inicial

A tarefa da criança no processo de aquisição é, segundo o modelo de Princípios e Parâmetros, basicamente a de fixar os valores dos parâmetros abertos que estão na GU. A criança, exposta a uma língua, deverá atribuir um determinado valor a um parâmetro, proposto como binário, com as possibilidades de marcação para [+] ou para [-] para uma determinada propriedade em uma língua. A idéia inicial era de que havia uma disposição neutra para os dois valores (+) e (-) Chomsky (1981/86). Nesse caso a criança, partindo de sua experiência lingüística, decidiria em qual das duas posições um parâmetro deveria ser ligado, partindo, portanto, de uma posição neutra.

Com a evolução das pesquisas na teoria gerativa, surgiu uma nova proposta: a proposta do *default*, ou marcada, em que a criança já traria, em sua GU, o parâmetro fixado em um dos dois valores, mesmo antes de ter sido exposta aos dados de sua L1. Se a língua meta tivesse o valor oposto, a criança teria que reassentar o parâmetro.

Dessa maneira, a GU é vista como um estado inicial para a aquisição da linguagem, também referida como S₀. A GU contém os Princípios invariáveis e os Parâmetros, que deverão estar, ou na posição neutra, ou na posição *default*, linha de pesquisa adotada para a presente tese. Quando se adota a última, coloca-se a pergunta: se a língua alvo tiver o valor oposto ao do *default*, a criança teria que remarcar o parâmetro? Surgem, então, duas correntes de pensamento:

A) pró-reassentamento, e

¹² Ou problema lógico da aquisição da linguagem, aponta que o tempo, muito curto que uma criança leva para aprender a língua materna, de grande complexidade, com dados pobres e limitados do *input*, não poderia acontecer via aprendizagem de regras. As crianças demonstram saber muito mais do que os dados recebidos.

B) contra-reassentamento de parâmetros.

Há que considerar, no entanto, um terceiro posicionamento, proposto por Roeper (1999), para quem, não há reassentamento de parâmetros, mas sim um bilingüismo na aquisição de L1. A tese de Roeper será examinada na seção 2.3.7.

2.3.3– A visão de seleção versus instrução

O argumento da pobreza de estímulos tem sido usado para mostrar que a aprendizagem como instrução não pode dar conta da aquisição da linguagem e de suas propriedades manifestadas pela capacidade amadurecida do falante. Lightfoot (1982), autor que contrasta a noção de uma teoria de instrução sobre a linguagem com uma teoria seletiva, argumenta que a criança não é ensinada a falar uma língua, mas, antes, a criança seleciona a gramática correta uma vez que é guiada pelo *input* positivo da L1 e pelos princípios genéticos fornecidos pela GU.

2.3.4 – O Modelo de Princípios e Parâmetros e a aquisição de L2

No caso de aquisição de uma segunda língua (L2), discute-se qual seria o estado inicial (S_0) para a L2. De onde partiria o falante, que já tem uma L1, com os parâmetros marcados? As possibilidades abertas da GU estariam disponíveis para esse falante? Ou teria o falante acesso somente aos parâmetros marcados de sua L1? O que acontece com a GU? A sintaxe de L1 seria transferida para L2? Se o falante já tiver passado do período crítico para aquisição da linguagem, o que acontece?

2.3.4.1 - A GU na aquisição de L2

A questão do acesso à GU é entendida e respondida de formas diferentes conforme a concepção de GU vai se modificando na teoria.

Partindo do pressuposto de que o adulto, ao aprender uma segunda língua (L2), já marcou o valor do parâmetro para sua primeira língua (L1), discute-se como seria o comportamento desse adulto no caso em que sua L1 e a língua alvo apresentem valores diferentes para um mesmo parâmetro. Para responder a essa questão, vários estudos partem da idéia ou de que a aquisição de segunda língua é semelhante à aquisição de primeira língua, ou seja, de que a GU é acessível ao adulto, ou de que é diferente. Examinaremos algumas dessas propostas a seguir.

2.3.4.2 - Existe uma linha de pesquisa que nega haver acesso à GU, é a hipótese do **Acesso Nulo** (Clashen & Muysken, 1986; Bley-Vroman, 1989). Esta hipótese considera a aquisição de L2 como um fenômeno não lingüístico. A idéia básica é de que a aquisição de L2 é constrangida por faculdades cognitivas que são distintas daquela do domínio específico da linguagem, da GU. Princípios operacionais dariam conta da aprendizagem de L2, sugerindo que as estratégias para aprendizagem de L2 derivam das idéias de Piaget sobre princípios formais de operação, que incluem a capacidade de análise distribucional, de analogias, de habilidades de formular e testar hipóteses.

Meisel (1997:258), ao comparar a aquisição da negação em L1, por crianças, com a aquisição da negação em L2, por adultos, sugere que os adultos, aprendizes de L2, recorrem a estratégias de observação das seqüências lineares para produção, não tendo acesso à GU da mesma forma que as crianças.

Resumindo, os defensores do Acesso Nulo sustentam que a aquisição de L1 por crianças e a aquisição de L2 por adultos são processos cognitivos fundamentalmente diferentes. Os proponentes dessa hipótese se apoiam na idéia conhecida como ‘período crítico’, formulado por Lenneberg para a aquisição da linguagem.

2.3.4.3 - A hipótese de Lennberg (1967) defende a existência de um **período crítico** para aquisição da linguagem entre dois e doze anos de vida de um indivíduo. Lenneberg propôs essa teoria de forma detalhada, baseando-se em estudos da literatura clínica sobre acidentes que afetavam partes laterais do crânio e em casos de remoção de um hemisfério cerebral em crianças. O autor relaciona a lateralização de funções no cérebro com a perda da capacidade de aquisição da linguagem na puberdade.

Embora essa hipótese tenha encontrado opositores, pelo fato de que hoje se sabe que a lateralização é concluída por volta dos cinco anos de idade (Carroll, 2001), a hipótese de Lenneberg encontra eco na vida real, uma vez que a grande maioria de adultos experimenta algum tipo de dificuldade para aprender uma L2. Além disso, estudos sobre a aquisição de uma L2 mostram que a aprendizagem de uma segunda língua aumenta em dificuldade com a avanço da idade.

Hoje, fala-se em período sensível em vez de período crítico para aprendizagem de línguas.

O caso de crianças selvagens ou vindas de lares de pais psicóticos, encontradas depois da puberdade, como é o caso de ‘Genie’ (Pinker, 2002), encontrada em 1970 com 13 anos e meio, num

subúrbio de Los Angeles, mostra que também a L1 está sujeita ao período crítico. *Genie* não conseguiu dominar a gramática da língua inglesa. O fato desses sujeitos não terem tido a oportunidade de desenvolver uma L1 pode ter significado a perda da habilidade para a aquisição de uma gramática plena. Por outro lado, o *input* dado a esses sujeitos foi instrucional, com treinamento intensivo, não sendo, certamente, o tipo de aprendizagem por imersão.

2.3.4.4 – Reflexões de Kato (2002)

Refletindo sobre sua própria capacidade bilíngüe, Kato (2002) considera que aquisição de L1 e de L2 não diferem, pelo menos, se as condições do *input* forem similares, ou seja, se o *input* for natural, robusto e não-ordenado. Argumenta a autora, que, se um falante se torna competente em L1 ou L2, essa competência nunca será afetada ou perdida, embora possa haver perdas de proficiência.

Kato, admite que houve, no caso de sua aquisição do Português como L2, acesso à GU, e que o estado inicial foi o mesmo de uma criança aprendendo sua primeira língua, já que o *input* foi natural e não ordenado. Porém, para a aquisição de Inglês, sua L3, ela afirma que ocorreu algo diferente, pois a sua aprendizagem não contou com um *input* natural, mas sim instrucional.

Os adeptos da tese do período crítico afirmam que o aprendiz nunca adquire uma L2 com igual competência de sua L1. Kato (2002), ao contrário dessa visão generalizada, defende a idéia de haver uma idade crítica diferenciada somente para a aquisição da prosódia e da fonologia. No caso da concordância de gênero, por exemplo, que tem muito de fonológico, haveria, sim, uma idade crítica para essa aquisição.

Para a morfologia e a sintaxe, observa Kato, os fatos indicam que a L2 pode ser adquirida com igual competência de uma L1, por adultos, se o *input* for robusto e não ordenado. Casos famosos na literatura corroboram essa afirmação. Podemos citar o escritor Joseph Conrad, polonês de nascimento, naturalizado inglês, que dominava perfeitamente a sintaxe da língua inglesa, tendo escrito vários romances. Outro exemplo é o do filólogo Otto Jespersen, dinamarquês, que escreveu vários livros sobre a língua inglesa, entre eles, a conhecida gramática ‘The Philosophy of Grammar’ e o livro sobre a negação nas línguas ‘Negation in English and other languages’.

2.3.4.5 - A hipótese do **Acesso Pleno**¹³ propõe que a gramática de L2 sofre inicialmente transferência total da L1, sem incluir as matrizes fonéticas e a morfologia. O termo de Acesso Pleno (*Total Access*), não traduz bem a idéia, pois se assim fosse, deveria incluir as matrizes fonéticas e a morfologia.

O desenvolvimento é visto como uma função da reestruturação progressiva da gramática de L1, através do acesso à GU, devido à incompatibilidade entre o *input* de L2 e a gramática de L1 em uso.

Por esta hipótese, supõe-se que os aprendizes podem: a) normalmente, se basear no conhecimento dado pela GU, ou b) confiar, inicialmente, no conhecimento adquirido previamente e recorrer ao conhecimento da GU somente se o primeiro falhar em prover o resultado desejado. Este seria um caminho dispendioso, se o falante tem a GU, que iria garantir a ele uma escolha correta de parâmetros, porque trilhar um caminho mais longo? Errar e voltar à GU?

2.3.4.6 – A terceira hipótese é denominada de **Acesso Parcial** e abrange, pelos menos, duas linhas de pesquisa. A posição defendida por Vainikka & Young-Scholten (1996), chamada de *Minimal Trees*, é uma abordagem maturacionista, que argumenta que apenas as categorias lexicais são transferidas da gramática de L1 quando da aquisição de L2, existindo um estágio inicial sem categorias funcionais para a aquisição de L2. A projeção clausal inicial, na aquisição de L2, é apenas um VP, com o sujeito em Spec de VP. A criação de projeções funcionais vai acompanhar o desenvolvimento do falante.

A proposta de Eubank (1996), denominada por ele de Teoria de traços inertes (*Valueless features*), ou sem valor, difere da proposta de Vainikka & Young-Scholten porque, para esse autor, as categorias funcionais são tomadas da L1, porém, sem os traços flexionais das categorias lexicais que não podem ser transferidas para a L2 e ficam destituídas de valor (*valueless*) na língua alvo.

Há o entendimento de que a GU dá forma ao conhecimento através da competência lingüística adquirida no desenvolvimento da L1. Tal concepção, aponta Meisel (2000), mudando sua posição anterior, deveria ser entendida como **Acesso Indireto** à GU. Caso em que, para Meisel, a questão está mais vinculada a se um parâmetro, uma vez estabelecido na L1, poder ser reassentado ou não na L2. Para Meisel, há duas linhas para o problema da aquisição de uma L2 por adultos:

¹³ Posição defendida por Schwartz & Sprouse (1996),

- 1) A questão da reestruturação, se os parâmetros podem ser re-marcados para valores diferentes, uma vez que já foram fixados na L1.
- 2) A questão da inércia, se o conhecimento da GU não ativado durante o desenvolvimento da L1 poder ser acessado durante a aquisição de L2.

Para Meisel (2000), o cenário sugere que a GU formata o conhecimento gramatical de L2, pelo menos em parte, ou seja, pode-se prever que os aprendizes tenham acesso indireto à GU, via gramática de L1.

Encontramos, ainda, outras abordagens para a questão da aquisição de L2.

2.3.5 – A abordagem de Herschensohn

Herschensohn (2000) ancora seu programa de estudos de aquisição de L2 no Programa Minimalista (Chomsky, 1995).¹⁴ Sua concepção é um misto da hipótese do Acesso Parcial (na L1) e de estratégias cognitivas.

Partindo da concepção de que a sintaxe é invariável entre as diversas línguas, a autora desloca o peso das diferenças para a morfologia e o léxico, propondo três estágios para a aquisição de L2, com a aquisição gradual de construções morfo-lexicais.

Estágio 1, composto pela transferência da gramática de L1 e que pode explicar sua influência no desenvolvimento da gramática de L2 nos estágios subseqüentes, juntamente com itens lexicais de L2.

Estágio 2, caracterizado pela variação, uma vez que os traços das categorias funcionais são sub-especificados no início, resultando em opcionalidade porque os valores paramétricos de L2 são adquiridos gradualmente, podendo mostrar-se de forma incompleta.

¹⁴ Com o intuito de explicitar uma nova proposta, Herschensohn revisa os conceitos principais do Minimalismo. A autora salienta que a evolução da gramática gerativa dentro do Modelo de PP para o Programa Minimalista não foi abrupta, mas uma mudança gradual de perspectiva. Considera as idéias de Chomsky (1995), que propõe um modelo de gramática reduzido ao seu mínimo essencial, um modelo que tenta eliminar redundâncias e motiva elementos e funções de seu sistema computacional por razões de economia das derivações e que incorpora avanços teóricos tais como um inventário mais explícito de categorias funcionais, propondo uma gramática com o mínimo: um léxico, os componentes de interpretação PF e LF, e duas operações Mover (Move) e concatenar (Merge), a autora lembra que, também no Minimalismo, são os princípios linguísticos invariáveis que determinam as derivações possíveis, e que a variação entre as línguas é limitada a partes do léxico, a certas propriedades dos itens lexicais, como a força dos traços das categorias funcionais.

Segundo a autora, as gramáticas intermediárias são reestruturadas, primeiramente, em decorrência da incompatibilidade com o *input* da L2 e, em segundo lugar, pela possibilidade de acesso à GU.

Estágio 3, caracterizado pela re-marcação de parâmetros para os valores de L2 com a especificação completa de traços.

Herschensohn defende a posição de que há total transferência, tal como assumido pela hipótese do Acesso Pleno¹⁵, com pequenas diferenças. Afirma que o estado inicial de L2 é a gramática de L1 com um número limitado de itens lexicais de L2. Para Herschensohn, o processo de transferência pode ser seletivo e continuar até o estágio 2. A autora vê a transferência de L1 para L2 como um exemplo de estratégia de aquisição, de maneira semelhante à postulada por Meisel (2000).

Enquanto a aquisição de L1 é caracterizada pela aquisição, sem esforço, dos conjuntos de efeitos dos parâmetros e pela inevitabilidade de aquisição de forma completa, a aquisição de L2 é caracterizada pelas gramáticas intermediárias que são indeterminadas, variáveis e incompletas.

A autora adota a posição minimalista de que a variação entre as línguas tem base na morfologia e no léxico, propondo a teoria do *Construcionismo* que considera a aquisição de L2, substancialmente, como uma questão de aquisição da morfologia e do léxico, que provoca o surgimento de traços [$\pm$ interpretáveis] possibilitando a obtenção do valor correto de um dado parâmetro.

2.3.6 – A abordagem de Carrol

Carrol (2001) aponta que as pesquisas, até o momento, enfatizaram a estrutura deixando de lado o processo de aquisição da linguagem, como se a teoria da descrição gramatical pudesse substituir uma teoria de processamento da fala. Para a autora, estrutura e processamento são inseparáveis na aquisição da linguagem, mas são maneiras distintas de se pensar sobre a linguagem.

Quanto à GU, Carrol considera que, diferentemente do caso da aquisição de L1, em que a criança depende da GU, os adultos, na aquisição de L2, têm sistemas representacionais desenvolvidos. Em outras palavras, o estado inicial do aprendiz adulto é tal que ele pode codificar o estímulo em vários tipos de representação, não só a sintática, mas a semântica, como também conceitos em termos de proposições, categorias referenciais e expressões quantificadas. Essas habilidades estão presentes na aquisição de L2 desde o início. Assim, Carrol afirma que não se pode

¹⁵ A hipótese do Acesso Pleno exclui a matrizes fonéticas e a morfologia do processo de transferência.

argumentar que o acesso à GU seja logicamente necessário para a aquisição de L2 e, conseqüentemente, considera que não existe o problema lógico para a aquisição de uma segunda língua. A GU seria acessada, mas de forma indireta.

2.3.7 – A abordagem de Roeper

Um autor, com trabalho bastante recente, que trata a aquisição de L1 como um tipo de bilingüismo, é Roeper (1999), cujo posicionamento passamos a comentar com mais detalhe.

Roeper (1999) afirma, apoiando-se em dados empíricos, que somos todos bilíngües quando crianças. O *Theoretical Bilingualism* (TB), proposto por ele, é definido em termos minimalistas tal como na sintaxe apresentada por Chomsky (1995).

Tomando como ponto de partida exemplos da aquisição da língua inglesa, como ‘I want’ e ‘me want’, o autor mostra que as duas formas resultam porque a marcação de Agr¹⁶ é opcional na gramática da criança: ‘I want’ ou ‘he wants’ revela Agr e ‘me want’, não. A criança passa a ser monolíngue ao fazer Agr obrigatório.

A alternativa oferecida por Roeper é a proposta da existência de um bilingüismo em que se postula que:

- (1) a criança tem duas gramáticas, uma com Agr e outra sem Agr.

G1: TP = +/- Tense, +/- Agr

G2: TP = +/- Tense

Lembrando que Chomsky (1995) mostra que Agr é um traço de TP, o autor menciona que essa afirmação torna o cenário mais plausível para sua teoria, que explica que a criança pode não ter um traço formal, Agr, mas tem o nóculo TP, conforme (1) acima.

No caso da existência de duas gramáticas, uma deve representar uma gramática *default*, denominada pelo autor de *Minimal Default Grammar* (MDG), que funcionaria com economia ótima.

Quando o valor *default* do parâmetro é diferente do valor definido na L1 a diferença é notada. Na negação, o que estamos assumindo como *default*, [Vneg] foi considerado como um tipo de erro em muitos trabalhos. Meisel (1997) observa que construções do tipo [Vneg] são

¹⁶ Agr = traços formais de um item lexical que podem ser ($\pm$ interpretável) (Chomsky, 1995).

utilizadas por crianças que têm Espanhol como L1, com exemplos como ‘*jugar no*’, acrescentando que esse tipo de ‘erro’ também ocorre na aquisição de L1 de outras línguas como o Basco.

Voltando ao trabalho de Roeper, o autor aponta que um outro fator que pode revelar o bilingüismo, é o papel da inferência. Adultos, tal como as crianças, no uso de suas gramáticas, são mais ou menos explícitos dependendo da ocasião social, deixando uma parte do significado daquilo que querem dizer para a inferência. O autor também sugere que o significado explícito tem mais valor do que o não-explícito.

Quanto à economia das representações, para Roeper é importante reconhecer que nenhum *input* regular justifica a expressão ‘*me want*’, a G2 do ex. (1). ‘*Me want*’ pode ser considerada uma expressão espontânea derivada do conhecimento inato da GU. O autor argumenta que as duas gramáticas não têm o mesmo estatuto, não são iguais: G1 segue a economia da representação, uma perspectiva desenvolvida em Chomsky (1995) sobre o que restringe as gramáticas possíveis. Em um senso geral amplo, a economia favorece que se tenha menos estrutura e movimentos mais curtos. A argumentação é a de que representações do tipo ‘*me want*’ é econômico, podendo ser gerado diretamente via GU sem nenhum mecanismo (*trigger*) do *input*, sob a atribuição do caso *default* (*Default Case Assignment*)¹⁷. No caso da negação do Português, estamos assumindo que a estrutura [V não] é o *default*, por ter sido encontrado na aquisição do PB por crianças de Campinas/SP e de Florianópolis/SC, e que não dispunham dessa estrutura no *input* recebido.

Os dois critérios relevantes para a adoção de uma gramática, segundo o autor, são:

- (i) economia de representação; e
- (ii) significado explícito.

Esses dois critérios, segundo o autor, tem características opostas: um favorece mais estruturas elaboradas, o outro menos.

Sob a ótica dessa proposta, a aquisição de L2 poderia significar apenas a ativação de gramáticas anteriormente colocadas no ‘limbo’ ou ‘*buffer*’ ao lado da gramática de L1.

¹⁷ Ver Kato (1999) para uma discussão do caso *default* no português, francês e inglês. Neste último o caso *default* é o acusativo, como no exemplo de Roeper, no francês, o dativo (moi) e no português o nominativo (eu que).

A opcionalidade das regras faz surgir várias gramáticas uma vez que, para o autor, se uma gramática é ou [+ Agr] ou [-Agr], segue-se que uma gramática única não poderá permitir tanto ‘I want’ como ‘me want’.

Na abordagem do TB (*Theoretical Bilingualism*), proposta por Roeper, a criança não tem necessidade de converter uma regra opcional em obrigatória. Em vez disso, uma gramática é simplesmente abandonada, constituindo-se essa idéia de abandono como um avanço, segundo o autor, porque resolve um quebra-cabeça tradicional, uma vez que é muito difícil encontrar a evidência que forçaria a conversão de uma regra opcional em obrigatória. Se Agr é opcional, então o fato de ouvir um exemplo como ‘he walks’ não pode estabelecer que essa é a regra obrigatória.

Essa perspectiva sugere que a opcionalidade e conseqüentes estágios durante o período de aquisição de L1 podem também ser caracterizados como um tipo de bilingüismo.

Roeper argumenta que toda língua, ao ser examinada de perto, revelará alguns domínios em que escolhas contraditórias são feitas, revelando que um bilingüismo ‘escondido’ existe. Pensando no caso da categoria gramatical NegP, nessa perspectiva, por estar presente em todas as línguas, faz parte da MDG sendo, portanto, determinada pela gramática *default*. Já para as expressões-n¹⁸, podemos pensar em um traço de concordância, determinado por um fator de concordância negativa em determinada língua, como o Português, por exemplo, mas que pode estar ausente noutras. O falante poderia exibir ora [+CN] , ora [-CN] , em um comportamento bilíngue.

Um posicionamento semelhante à proposta de Roeper é a de Epstein et alli (1996). Para esses autores a fixação de parâmetros não implica em modificar a forma básica das opções da GU, mas, ao contrário a GU vai incorporar, em cada estágio da gramática, a opção particular que concorda com os dados primários lingüísticos a que a criança é exposta. A argumentação em favor dessa forma de GU vem da aquisição da linguagem por crianças bilingües, em que o aprendiz enfrenta a tarefa de ter que construir gramáticas que requerem fixação de parâmetros diferentes. Nesse caso, é difícil manter a idéia de que as opções não utilizadas fiquem indisponíveis. Consideramos o argumento mencionado como válido para a aquisição de uma segunda língua por crianças.

É interessante considerar a proposta de Roeper, quando se pensa na aquisição de L2, porque a aquisição de L2 parece se apoiar em uma gramática anterior, o que não acontece para

¹⁸ Expressões-n = expressões negativas, termo utilizado por Peres (2001).

quem nunca teve uma L1, como nos casos de *Genie* e de *Nell*. Se aprender uma L2 é ativar uma gramática que está à parte, reservada, o aprendiz precisa ter passado por essa fase em L1.

2.4 –Nossas hipóteses

Encerrando este capítulo, passamos a apresentar as hipóteses que adotaremos para nosso estudo:

Na aquisição da sintaxe, por imersão:

- a) o acesso à GU pode ser a1): indireto via L1 , ou a2) direto, via gramática *default*.
- b) se a L1 do aprendiz tiver o mesmo valor paramétrico das propriedades da L2, a L1 atuará como o estado inicial, podendo-se observar a aquisição instantânea;
- c) se a L1 do sujeito for marcada diferentemente da L2, o acesso à GU será direto, podendo- se observar um estágio de gramática *default*.

A análise das amostras de nossos informantes poderá nos indicar em que medida as hipóteses assumidas se confirmam.

Capítulo III – Teorias sobre negação

3.1 – Introdução

Todas as línguas permitem o contraste entre sentenças afirmativas e negativas e, como mencionado na introdução, as línguas exibem variação superficial nas sentenças negativas no que diz respeito à:

- a) posição da negação em relação ao verbo (3.2);
- b) concordância negativa (3.3);
- c) negação externa (3.4)
- d) negação descontínua (3.4.1).

3.2 - A posição da negação

Os estudos sobre as línguas mostram que a negação pode ser expressa em duas posições diferentes: uma pré-verbal (NegV), e outra pós-verbal (V Neg) conforme os exemplos abaixo:

(01) El **no** sabe. (espanhol)
Neg V

(02) Maria a mangia **nen**. (piemontês)
V Neg

Veremos que essa posição é determinada por vários fatores:

- a) pelo movimento ou ausência do movimento do verbo para I (Inflection) (3.2.1);
- b) pela subida ou não do verbo para C (Complementizer) (3.2.2);
- c) pela natureza da categoria NegP (3.2.3).

3.2.1 – Movimento ou ausência do movimento do verbo para I (inflection)

Chomsky (1995:140)¹⁹ apresenta uma proposta segundo a qual o traço Neg está adjungido a Agr, posição assumida por Mioto (1998) para o PB, e por Raposo (2001), para o PE e para a língua inglesa.

O esquema para a língua inglesa é resumido por Raposo:

- (03) i. V principal não se movimenta para Infl em inglês.
- ii. V Modal é inserido em Infl em inglês.
- iii. V auxiliar se movimenta para Infl em inglês.

3.2.2 – O movimento de V+I para C

Nas línguas germânicas, por exemplo o alemão, o movimento de $V_{[+fin]}$ para I e, depois, para C resulta no fenômeno V2. Tem-se, então, dois movimentos do verbo. O fato de a negação permanecer à direita do $V_{[+fin]}$ pode ocorrer por conta de C^0 estar ocupado pelo verbo, não restando a Neg^0 posição para onde possa se mover, caso o operador da negação fosse um Neg^0 .

Quando comparamos as línguas germânicas inglês e alemão, ambas com negação pós-verbal, vemos que as diferenças no tocante à posição da negação nas duas línguas estão condicionadas a fatores diferentes. Enquanto no inglês a negação só aparece pós Aux, no Alemão aparece pós elemento que vai pra C, isto é, Aux e V.

3.2.3 - A natureza da categoria NegP e a posição da negação

Enquanto na seção anterior, foi visto como a posição da negação pode resultar do movimento do V, será visto aqui que ela pode ser decorrência da sua natureza X^0 ou XP.

3.2.3.1 - O VP cindido e a projeção NegP

Antes do advento do VP cindido ('Split Infl'), INFL era composto de dois conjuntos de traços: Aspect /Agr e Tense (Chomsky, 1981), e a negação era vista como uma adjunção a I.

¹⁹ Em 'Minimização das derivações' retomando os fatos para inserção de 'do' na língua inglesa o autor sugere Neg em adjunção a Agr.

Pollock (1989), ao propor as projeções AGRP e TP, provocou um aumento de posições disponíveis no francês e no inglês e, por extensão, em todas as línguas. Por esse raciocínio, tempo e concordância passam a ter duas projeções disponíveis em vez de uma²⁰.

O autor explora a idéia de que o marcador negativo do francês *ne* projeta uma categoria de acordo com a arquitetura da teoria X-barra. Enquanto o núcleo de NegP em francês é realizado como *ne*, a posição de especificador aloja o marcador negativo *pas*.

Para explicar a ordem de palavras na superfície, em que *ne* sempre precede o verbo, Pollock sugere que, pelas suas propriedades de clítico, *ne* se junte ao verbo, movendo-se junto com o verbo finito para T°.

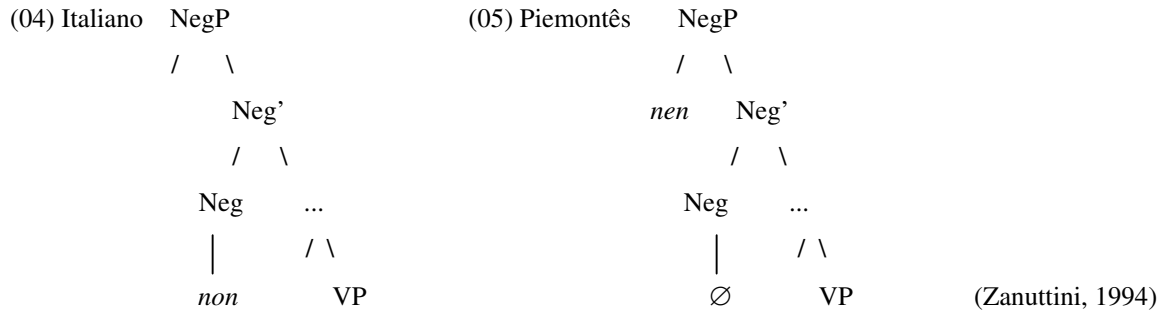
Zanuttini (1994) propõe manter a idéia das propostas de Pollock (1989)²¹, ou seja, que nas línguas românicas os marcadores negativos podem ser vistos como projetados em NegP e que as diferenças superficiais são resultados de movimentos.

A proposta de Zanuttini é a seguinte: os marcadores negativos nas línguas românicas podem ser elementos X°, quando projetam uma categoria funcional NegP e aparecem em posição pré-verbal, sendo sensíveis à presença da categoria funcional TP. São considerados como núcleos, nos termos da teoria X-barra, porque bloqueiam o movimento do verbo e dos pronomes clíticos. A idéia de que o morfema negativo pode ser um X° foi usada por Kayne (1989) para dar conta do efeito de bloqueio exibido pelo marcador negativo *ne* sobre o movimento dos clíticos em construções causativas.

Por outro lado, os marcadores negativos podem ser elementos XP que ocorrem no especificador de NegP, tendo um Neg° vazio, e aparecendo linearmente em posição pós-verbal. Quando o morfema negativo é um XP não existem as restrições demonstradas como no caso de um marcador pré-verbal (X°); o marcador negativo ocorre em uma posição imediatamente anterior a um particípio passado, pode negar um imperativo verdadeiro, segue o verbo finito e pode admitir material lexical entre o marcador negativo e o verbo, como os advérbios por exemplo; não bloqueia movimento do verbo nem o movimento dos pronomes clíticos. Os diagramas abaixo ilustram os dois casos; *non* do italiano é o núcleo de NegP, enquanto *nen* do Piemontês é um XP, que ocorre no especificador de NegP.

²⁰ A idéia de que o morfema negativo pode ser um elemento X° em termos da teoria X-barra foi proposto pela primeira vez por Kitagawa, Y. (1986, *Subjects in Japanese and English*. Ph.D. diss., University of Massachusetts), apud Zanuttini (1994). Essa idéia foi ampliada por Kayne para as línguas românicas (1989) e para o inglês e francês por Pollock (1989), para quem NegP ocupa a posição entre AgrP e TP.

²¹ Veremos mais tarde, em Belletti (1990), proposta alternativa à de Pollock.



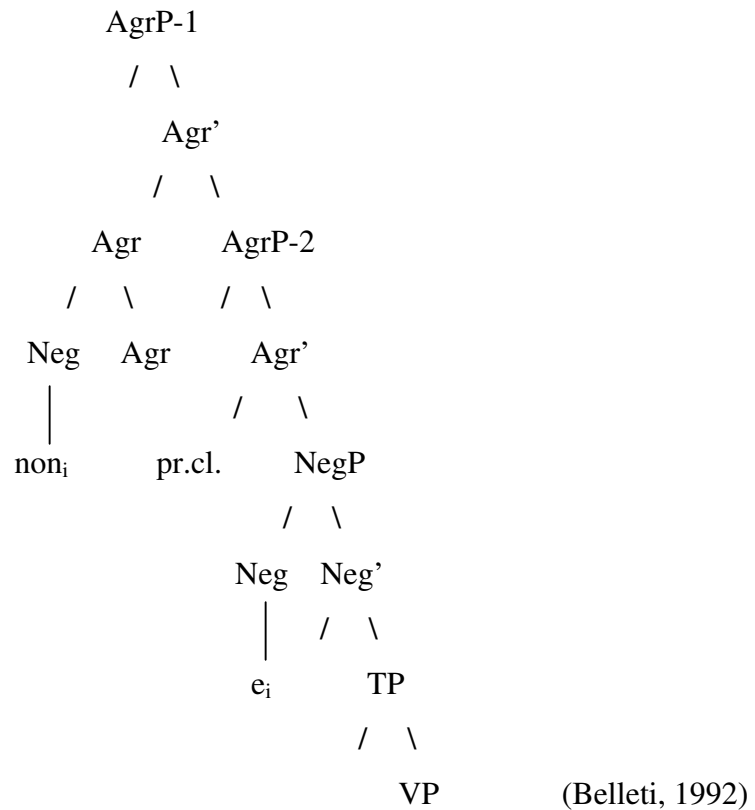
3.2.3.2 - A proposta alternativa de Belletti (1990)

Belletti (1990), reanalisando a ordem relativa de TP e AgrP, propõe, seguindo a linha de Pollock do IP cindido (Split-Infl), que NegP ocorra abaixo de AgrP e mais alto do que TP, como aparece no diagrama abaixo. Belletti estende o tratamento do *ne* do Francês para o *non* do italiano.

Diferentemente do *ne* do Francês, que, segundo Pollock, se move juntamente com o verbo, na visão de Belletti *non*, do Italiano, se move independentemente para o núcleo de AgrP, ocupando a mesma posição para a qual se movem os clíticos. Mas Zanuttini aponta que existe um problema na proposta de Belletti, porque analisar o comportamento de um marcador negativo como o de um clítico é algo problemático em se tratando da gramática do Italiano, uma vez que *neg* e *cl* têm distribuição diferente: enquanto [*non+cl*] precedem o verbo finito (*non+clítico+ V*), *non* precede um infinitivo seguido de um pronome clítico (*non+ V + clítico*).

Em uma proposta mais recente (Belletti, 1992), a estrutura apresentada é modificada para incluir uma projeção extra de AgrP, de tal forma que o marcador negativo e os pronomes clíticos não mais se movem para o mesmo nó funcional. Enquanto o pronome clítico ocorre no núcleo de AgrP-2 (possivelmente como resultado de um movimento), o marcador negativo se move de Neg⁰ para o núcleo de AgrP-1, como na figura seguinte:

(06) Italiano

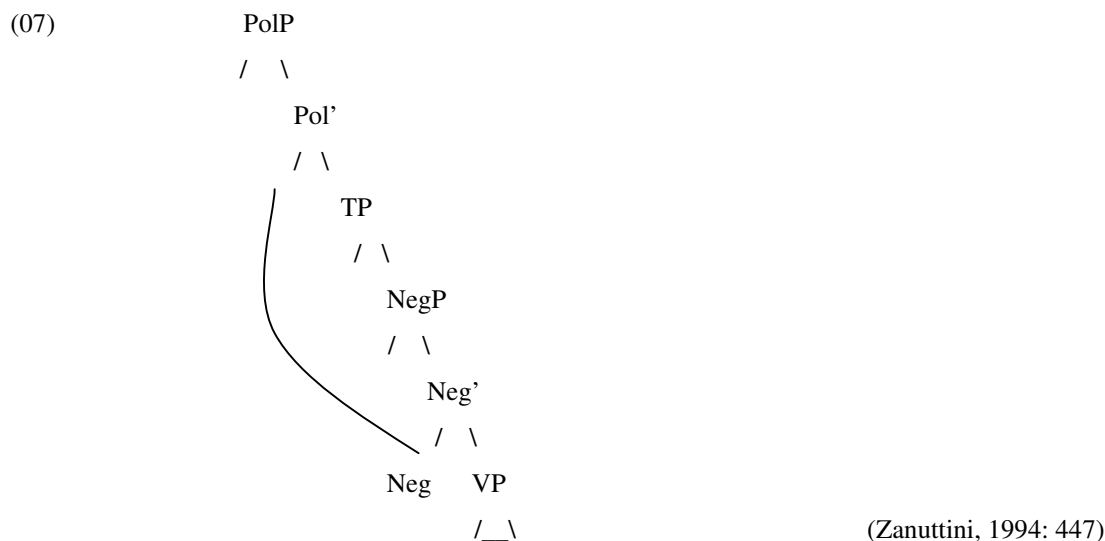


Zanuttini, em seu artigo de 1994, alude a essa segunda proposta de Belletti afirmando que a vantagem dessa análise é a de unificar as estruturas das sentenças negativas para o italiano e para o francês. Ambas ficam com a projeção NegP e na mesma posição estrutural na qual os marcadores negativos são gerados. Em ambas as línguas o núcleo da projeção NegP faz movimento para a posição pré-verbal. A parte dessa proposta que permanece obscura, segundo Zanuttini, é a motivação para o movimento do marcador negativo para a posição pré-verbal, aqui considerada o núcleo funcional da categoria AgrP-1.

Zanuttini (1994), ao propor a categoria PolP, fecha sua proposta unificando as línguas na questão de verificação de traços de negação, se fortes ou fracos (Chomsky, 1993), em PolP.

3.2.3.3 - A projeção PolP

Ao lado da projeção NegP, posição em que os marcadores negativos são gerados na base, uma outra projeção é relevante para a interpretação das sentenças: a projeção PolP²² (Polarity Phrase), adotada por Zanuttini (1994:428), em que os marcadores, X⁰ ou XP, são interpretados. Todos os marcadores negativos serão interpretados em PolP.



Para a autora, as línguas que expressam negação sentencial por meio de um marcador negativo pré-verbal, através de itens que expressam a negação por si sós, são aquelas com traços fortes, que requerem que a verificação de traços aconteça antes do *Spell-out*. Traços fortes forçam o movimento visível. Os traços de PolP podem ser verificados, antes do *Spell-out*, de duas maneiras:

- (A) movimentando o marcador negativo para o núcleo de PolP, como no caso exemplificado a seguir:

- (08) a. Maria *non* lavora qui. (italiano)
 b. Maria *não* trabalha aqui. (português)

²² Zanuttini (1994:429) esclarece, em nota, que o termo PolP adotado por ela equipara-se à projeção ΣP, proposta por Laka (1990), ao NegP que seleciona TP em Ouhalla (1991), à projeção NegP-1 em Zanuttini (1991), e à projeção PolP, em Culicover (1992). Esclarece também que o termo NegP adotado por ela equipara-se ao NegP proposto por Pollock (1989) e Belletti (1990), ao NegP que seleciona VP em Ouhalla (1990, 1991), à projeção NegP-2 em Zanuttini (1991). NegP refere-se, como em todas as outras propostas, à projeção em que os marcadores negativos são gerados, na base.

(B) tendo um indefinido negativo no especificador de PolP, de forma que a configuração de concordância núcleo/especificador aconteça. Este é o caso em que um elemento negativo, X-max, se move do Spec de NegP para o especificador de PolP, como nos exemplos abaixo:

- (09) a . Nessuno parlò di politica. (italiano)
b. Ninguém falou de política. (português)

Zanuttini (1990) analisa os marcadores das línguas germânicas de forma análoga ao *nen* do Piemontês, como um advérbio.

Em 1989 a autora propõe a existência de uma cadeia negativa, com núcleo constituinte em configuração apropriada com relação a Infl, e em posição de c-comando em relação a TP e AgrP.

- (10) Gianni non dice nient a nessuno. (italiano)
'Gianni não disse nada a ninguém.' (português)

Quando um marcador negativo e um quantificador negativo co-ocorrem, ambos contribuem com seus valores negativos para a sentença, cancelando-se mutuamente, no tipo de sentença denominado como de dupla negação (DN) e que resulta na interpretação positiva das sentenças.

- (11) a . He did not say nothing (inglês não-padrão)
Ele não disse nada
'Ele disse algo'
b. Er hat nicht nichts gesagt (alemão)
Ele tem não nada dito
'Ele disse algo'

As sentenças de (11 (a) e (b)) têm a interpretação de uma afirmação 'ele disse algo/alguma coisa'.

3.3 - Concordância negativa (CN)

Passamos agora a examinar os tópicos que abordam o fenômeno da concordância negativa.

3.3.1 - O critério Neg

Usando como base o Critério-wh de Rizzi (1990), Haegeman e Zanuttini (1991) propõem o Critério Neg que determina a condição de formação, distribuição e interpretação dos elementos negativos:

(12) Critério Neg

- A. Um operador neg deve estar em configuração de Spec-head (especificador-núcleo) com um X^0 ;
- B. Um X^0 [neg] deve estar em configuração de especificador-núcleo com o operador-neg,

com as seguintes definições:

- a) Operador-neg: uma frase negativa em posição de escopo;
- b) Posição de escopo: posição A' [Spec,XP] ou [Yp, XP] na periferia à esquerda.

Sentenças negativas são sentenças que, minimamente, têm um traço-neg associado a um núcleo funcional de uma projeção estendida de V, ou seja, do domínio frasal.

Haegeman (1995) relaciona a sintaxe da negação à sintaxe das sentenças interrogativas, apresentando, como argumentos, os itens de polaridade e a presença da inversão sujeito/auxiliar.

a) Itens de polaridade

Em Inglês, tanto os elementos negativos quanto os interrogativos licenciam itens como *anyone* e *anything*.

- (13) a. Did you see anyone? (inglês)
- b. I did not see anyone.
- c. * I saw anyone.

- (14) a .Who said anything? (inglês)
b. No one said anything?
c.* I said anything.

Assume-se que os itens de polaridade são licenciados por um elemento interrogativo ou negativo em relação de c-comando.

No exemplo (13a) assume-se que um traço interrogativo no auxiliar invertido licencia *anyone*. (13c e 14c) são agramaticais por não haver algo que licencie o item de polaridade.

Em (14 a), a frase wh c-comanda e, portanto, licencia o item de polaridade.

Em (14b) '*no one*', em posição de sujeito, c-comanda o item de polaridade.

b) Inversão sujeito/Auxiliar

Outro motivo para tratar a negação como fenômeno paralelo ao da interrogação é o fato de que ambos os elementos interrogativos e negativos provocam a inversão sujeito/auxiliar no Inglês.

- (15) a . What did you see? (inglês)
b. Never in my life will I do that again.

Há, no entanto, uma diferença relacionada ao wh-inicial, que sempre provoca a inversão; esse fenômeno nem sempre se registra com a negação.

3.3.2 - A (im)possibilidade de dois elementos negativos

A análise de Haegeman (1995) para as sentenças interrogativas mostra que (16a) é um exemplo de absorção de *wh*. A sentença contém duas perguntas-wh, todavia, a interpretação é a de que temos somente uma pergunta, isto é, a representação dessa sentença é a de que há um único operador que liga duas variáveis. Em (16b) algo semelhante acontece com a negação.

- (16) a) **Qui** disait **quoi** ? (francês)
 Quem disse o quê?
 b) **Personne ne** disait **rien**. (francês)
 Ninguém *ne* disse nada
 ‘Ninguém disse nada’.

No enfoque da GB, esse efeito é obtido por adjunção em LF do constituinte *wh* não movido *quoi*, ao já movido *qui* para [Spec CP], diferentemente do tratamento dado à negação que, além de requerer a presença categoria NegP, pode ou não resultar na ocorrência da CN, refletindo os diferentes tipos de línguas quanto a esse fenômeno.

Há também línguas que se caracterizam pela presença de dois ou mais elementos negativos, em uma mesma sentença, interpretados como uma negativa simples, e outras que não permitem essa dupla ocorrência, como se pode verificar nos exemplos abaixo do francês e português, de um lado, e inglês do outro:

- (17) Il n’a dit rien. (francês)
 (18) Ele não disse nada. (português)
 (19) No one has done nothing²³. (inglês)

Em (19), há dois constituintes negativos, *no one* e *nothing*, contribuindo cada um com sua força negativa para a sentença. O resultado é o cancelamento da negação, uma vez que a primeira toma escopo e cancela a segunda.

Em (17), os dois constituintes negativos, *n’* (*no*) e *rien* (*nothing*), não se cancelam, mas entram em concordância negativa. Passam, assim, a expressar, juntos, uma negação simples.

Para Haegeman (1995), a CN pode ser analisada como um tipo de absorção. No caso de absorção-*wh*, um operador interrogativo se liga a uma variável *n*. Neste caso, o operador de perguntas atua sobre um número de variáveis.

Da mesma forma que as línguas variam em admitir absorção de *wh* (inglês e francês, por exemplo, admitem; italiano, não), as línguas variam quanto a admitir concordância negativa.

²³ Obs. Não há asterisco no original; por se entender que há um cancelamento da negação, a sentença é boa.

Há, porém, uma assimetria entre os constituintes interrogativos e negativos. Em línguas sem CN, ocorrências múltiplas de constituintes negativos desencadeiam o efeito da negação dupla, ou seja, de cancelamento da negação. Em línguas de CN, às vezes, a ocorrência de constituintes negativos múltiplos pode não ocasionar a leitura de CN. No caso de elementos-wh múltiplos, só a estratégia de absorção é possível.

3.3.3 - Sintaxe atribuidora de sentidos

Postma (1995), estudando os processos sintáticos da negação nas línguas, conclui que a sintaxe é, também, atribuidora de significados. O autor aponta que o significado lexical de uma palavra ou expressão pode ser estabelecido em função do contexto sintático em que ela se encontra, havendo casos em que o significado pode ser desativado, fenômeno que ele denomina de ‘*zero semantics*’ (semântica zero).

(20) A obra **não** vale **um tostão furado**.

Postma observa que um item em semântica zero não se flexiona para número e o plural impede uma palavra de receber interpretação de quantificação. O item desativado passa a ter um significado de quantificação como ‘*nada*’ ou ‘*ninguém*’, que lhe é atribuído pela composição sintática. O exemplo (20), mostra que a expressão ‘um tostão furado’ perdeu o valor original semântico, tornando-se, em decorrência da posição que ocupa na estrutura frasal, um conjunto de palavras vazias (*dummies*), que passam a ser interpretadas como enfatizadores da negação.

O aporte semântico de (21) como sentença negativa mostra, segundo Postma, que nesta sentença existe um operador negativo nulo que, por ser do tipo ‘afetivo’ (Klima, 1990) produz um efeito de inversão na sintaxe aberta, sendo a sentença interpretada como negativa.

(21) Aluno algum fez isso.

Para Postma (2002) quando um operador de negação e um enfatizador são homófonos, eles se fundem, como acontece em Português:

(22) *Não* vi o arco-íris.

Segundo o autor, o *não* pré-verbal do Português, assim como o *non* pré-verbal do Italiano, são formas duplicadas que se apresentam, após a fusão, como uma negação única, simples.

3.4 – A negação externa

Algumas línguas desenvolveram uma estratégia de copiar o antigo operador de negação. De acordo com Schwegler (1990, 1991) são elas: Ladino Central (Gardinese, Badiotto, Fassano, Livinallonghese), Milanese, Português, assim como os crioulos do Espanhol, Palenquero e Choco, ambos falados na Colômbia. Zanuttini (1996) menciona que os dialetos de Cembra e Lisignago falados no norte da Itália também exibem esse padrão. Vejamos alguns exemplos²⁴:

(23) La no vem no. (fassano/Livinallonghese)

Você não vem não’.

(24) No kredo ke podia parlar kon elo no. (cembra)

‘Não creio que poderia falar com ele não’.

(25) No faro da corú no! (milanese do séc. XVII)

‘Não faria como ele não’

(26) Tio mi knose utere un. (palenquero)

Meu tio conhece você não

‘Meu tio não conhece você não’.

(27) João não fala chinês não. (português)

O que se observa nessas línguas é que há uma tendência, dos operadores que se repetem, de aparecerem em posição final da sentença. Abordaremos essa estrutura no PB no capítulo IV do presente trabalho.

²⁴ Exemplos (37) de Schwegler (1990:169), exs. (38-39) de Zanuttini (1996:114), ex. (40) de Porras (1992:197).

3.4.1 - A negação descontínua no Francês (Jones, 1996).

O francês padrão, uma língua SVO, com pouca variação de ordem, quando comparada com outras línguas românicas, normalmente requer a negação descontínua *ne-pas*, tipo de negação que já existiu no alemão antigo, mas considerada muito rara, quando se estuda as línguas. A posição dos dois elementos é estritamente fixa: *ne* precede o verbo finito e se cliticiza a ele; *pas* segue o elemento finito, usualmente adjacente a ele.

(28) Il (n') a pás servi lê millésime à son amie.

‘Ele não serviu a champagne especial ao seu amigo’.

Somente os pronomes sujeitos clíticos (*n'avons-nous pas...* nós não temos...) e alguns advérbios (por ex. *pourtant, d'ailleurs, probablement*) podem interferir entre o verbo finito e *pas*, assim precedendo o verbo não finito, quando a frase contém um desses advérbios.

A análise de Pollock (1989) sobre o francês, em que o autor propõe que *pas* não se move na estrutura, enquanto [*ne* + *V_{fin}*] se movimenta para Infl, tem sido adotada por grande parte dos autores. O verbo finito sempre precede *pas* na superfície da sentença, o verbo não finito e o objeto seguem *pas*. O francês coloquial se diferencia do francês padrão pelo fato de que o núcleo de NegP pode estar vazio lexicalmente. A posição típica de *pas*, então, é explicada pelo fato de que *pas* ocupa o Spec de NegP, é uma projeção máxima e não pode ser realizada como um afixo.

Em francês coloquial, *ne* é omitido, de forma que *pas* expressa a negação por si só. No entanto, construções em que *ne* expressa a negação, por si só, podem ser atestadas em documentos literários como vestígios de um período anterior, na história da língua francesa, quando *ne* era, sem sombra de dúvidas, o marcador negativo sem atrelamento ao *pas*.

Na análise de Jones (1996), considera-se *pas* como o item que, de fato, expressa a negação, e *ne*, a partícula redundante. O uso coloquial pode ser descrito por uma regra que apaga *ne*, sempre que ocorrer. Sintaticamente, *pas* pode ser descrito como um advérbio, ainda que de uma natureza muito especial. A partícula *ne* comporta-se como um clítico, exceto em construções de infinitivo, quando se cliticiza ao verbo, do qual não se separa, a não ser pela presença de um pronome clítico. Para as frases não finitivas, que não se movem para I, provavelmente porque elas não se flexionam para concordância e tempo; a estrutura permanece como a de (28):

Quanto a palavras como *rien*, *personne*, que coocorrem com *ne*, podem ser consideradas como palavras-n e não como itens de polaridade negativa.

3.4.2- Fusão de itens contíguos

Em Schwegler (1990), encontramos um exemplo do latim apresentando a negação dupla em posição pré-verbal:

- (29) *Ne oenum dico* (Latim)
'Não digo nada'

Schwegler comenta que, pela sua estrutura, o latim permitiu que a expressão *oenum*, originalmente um objeto do verbo, ficasse justaposta ao operador *ne*, como se verifica em (29), permitindo, assim, a fusão dos dois itens resultando em um novo operador de negação, o item *non*.

Esse autor discute, ainda, em seu artigo, que o operador *non* ocasionalmente era enfatizado por elementos nominais que expressavam valor mínimo ou quantidade insignificante, como no exemplo seguinte:

- (30) *Non licet transversum digitum discedere*
'não se pode ir adiante um único passo'

3.4.3 - Enfatizadores ou minimizadores da negação

Para Schwegler (1990), no Latim, a partícula *non* perdeu seu valor de negação enfática, atraindo novos itens enfatizadores como *micam*, *transversum digitum*, entre outras. No período, enquanto essas novas construções apareciam, o latim estava em processo de evolução de uma língua de estrutura XV para VX, alocando novas posições para os objetos, tais como *micam*, da esquerda para a direita do verbo, eliminando dessa forma a justaposição de *non* com seus enfatizadores, como vemos em (31).

- (31) *Non vales uno coco.*
'Você não vale nada.'

Para o autor, itens lexicais como *mie*, *pas*, *giens*, perderam completamente seu significado original passando a funcionar, simplesmente, como enfatizadores da negação. Acabaram perdendo, também, a habilidade de se flexionarem em número, tornando-se invariáveis.

3.4.4 – A negação ‘dupla’ no Alemão

Ao analisar a aquisição da sintaxe da negação no francês e no Alto Alemão (Meisel, 1994:115) mostra que as construções negativas do Alto Alemão são similares às aquelas do francês moderno. No Alto Alemão uma partícula negativa (*ne*, *en*, *in*, *-n*, *n-*) imediatamente precedia o verbo, cliticizando-se ou ao verbo ou a um elemento precedente a V.

(32) a) vor dem tage enmohtem sie
bei tage neg-durften sie
‘Durante o dia eles não podiam faze-lo’.

b) Ichn gewan nie lieb noch ungemach
Ich-neg bekan nie Liebe noch Leid
‘Não ganhei nem amor nem dor’.

Um elemento poderia ser acrescentado para enfatizar o sentido da negação da sentença. Esse item negativo adicional era derivado de um advérbio ou nome no Alto Alemão antigo, ao qual a partícula negativa era incorporada, por exemplo, *nicht* (*not*) < *nicht*, *nie* (*never*) < *ne* + *eo* (*Neg* + *always*).

Segundo Meisel, no século XII a ‘dupla negação’, que estamos chamando de ‘descontínua’, tornou-se obrigatória; e as similaridades em comparação com o francês moderno tornaram-se inegáveis, sugerindo uma análise similar para *nicht* e *pas* em [Spec NegP], conforme Pollock (1989).

3.5 – Parâmetros da negação

A concepção de parâmetro é pouco discutida na literatura sobre negação, com exceção de Ouhalla (1991) e Zeijlstra (2002). Mas podemos nos perguntar se há propriedades que co-variam. Pollock (1989) justifica que o movimento do V para I vai depender da opacidade ou da transparência da morfologia.

O movimento do verbo determina a posição da negação, se pré ou pós-verbal. Em línguas em que o operador da negação é um núcleo de NegP, um X^0 , a negação vai aparecer em posição pré-verbal; quando o operador da negação está em Spec de NegP, um XP, a negação vai surgir em posição pós-verbal. Existe, também, um outro fato relacionado à posição da negação, se pré ou pós verbal: trata-se da presença ou ausência de CN nas línguas. Até aqui, observamos que, quando a negação é núcleo, em X^0 , haverá a possibilidade da língua ser [+CN], se a negação é pós-verbal, em XP, a língua será do tipo [-CN]. Assim, partindo da observação dessas propriedades correlacionadas, inclusive o movimento dos verbos, podemos propor, provisoriamente, a seguinte generalização:

(33) Generalização 1

Neg em posição de núcleo = negação pré V $\rightarrow$ [+CN]

Neg em posição de Spec = negação pós V $\rightarrow$ [-CN]

3.5.1 – Posição de Neg e CN

Zanuttini (1997) observa que o contraste notado acima pode ser relacionado às diferentes propriedades dos marcadores negativos que, em línguas como inglês, alemão e holandês mostram, segundo a autora, as mesmas propriedades do operador pós-verbal do piemontês e do *pas* do francês moderno, ou seja, não podem co-ocorrer com quantificadores dentro do VP, não havendo possibilidade de CN.

Haegeman (1995) mostra que a negação WF (*West Flemish*, flamenco ocidental) tem similaridades com a negação em francês, uma vez que WF tem a negação descontínua e permite a CN.

(34) da Valère die boeden nie na zen voader getoogd (en)-oat.

‘Que Valère não havia mostrado estes livros para seu pai’.

Em (34), temos a negação sentencial com um advérbio negativo *nie* que pode co-ocorrer com um núcleo negativo *en*. A negação sentencial em WF também pode ser expressa pelo quantificador negativo como *niemand* (no one) que pode ser acompanhado por *en-*, em posição de núcleo.

(35) da Valère ier niemand en-kent.
 que Valère ele ninguém en-conhece
 ‘Que Valère não conhece ninguém aqui’.

A autora esclarece que o clítico *en-* vem sendo omitido pelas gerações mais novas, de forma semelhante ao que vem ocorrendo atualmente com o *ne* do francês.

No entanto, WF difere do holandês e do alemão, uma vez que admite CN. Para a autora, *nie* se equipara ao *pas* do Francês, que também ocupa o especificador de NegP, considerando que o clítico *en-* é um núcleo em WF. A CN só acontece em WF quando *en-*, núcleo de NegP, está preenchido. Ao comparar *nie* do WF com *nicht* do Alemão, considera *nie/nicht* como projeções máximas. Não há CN na presença de *nie*.

(36) da Valère tegen zenen gebeur nie klaapt. (- CN)
 que Valère com seu vizinho não fala
 ‘que Valère não fala com com seu vizinho’

Portanto, observamos que a co-variação de propriedades nas línguas determinam o tipo de negação que as línguas terão. Os traços de V, se fortes ou fracos, em I ou C, indicam se uma língua terá a negação pré ou pós-verbal. A negação em X⁰ produz línguas com negação pré-verbal, [+CN]; enquanto a negação em Spec determina negação pós-verbal, gerando línguas [-CN].

Esse conjunto de propriedades condiciona o aparecimento da negação nas línguas e se admitirão CN ou não. Um parâmetro da negação, quando proposto, deverá levar em conta todas essas propriedades para bem determinar esse padrão lingüístico.

3.5.2 - Parâmetros e c-seleção de Neg

Na seção anterior foi demonstrado que a posição de Neg é determinada:

- a) pelo movimento de V e,
- b) pela sua natureza de X⁰ ou XP.

A discussão, a partir deste momento, volta-se para a questão da existência de um só parâmetro para determinar a negação em todas as línguas. Uma vez que a negação envolve a categoria funcional NegP, pergunta-se se o *locus* da negação está no Spec ou no núcleo dessa categoria. No tocante às línguas do tipo DN, proposto como *default* por Heijlstra (2002), em que a negação está no Spec de NegP, segue-se que é essa a propriedade que determina o tipo de língua quanto à posição da negação.

3.5.2.1 - Um trabalho preocupado com o problema do parâmetro da negação é o de Ouhalla (1991). Para Ouhalla, NegP é uma categoria funcional independente, uma projeção máxima, que se situa entre I e VP. Para esse autor, diferentes sentenças negativas são geradas de diversas estruturas relacionadas às várias posições hierárquicas de Neg, condicionadas às propriedades de c-seleção de NegP. Para a língua inglesa, ele considera que Neg seleciona VP. Em línguas do tipo berber, o autor considera que Neg c-seleciona Agr e T.

Partindo das propriedades de c-seleção, o autor propõe, pois, a existência de um parâmetro Neg, com duas possibilidades:

(A) Primeira possibilidade do Parâmetro I

- i. Neg c-seleciona VP
- ii. Neg c-seleciona Agr/Tns

Para ele, a língua inglesa e a língua turca pertencem a uma mesma tipologia, ou seja, são línguas em que Neg c-seleciona VP. Ouhalla ressalta que inglês e turco diferem em um ponto importante: em turco, a negação é um afixo, com elemento preso, enquanto em inglês a negação é não-afixal, um elemento livre, fato que determina diferença significativa na derivação das frases negativas. *Not*, para o autor é núcleo, e, portanto, bloqueia o movimento de V, sobrepondo-se a Neg^o, para T, forçando a inserção de *do*. Em turco a natureza afixal do elemento negativo não impede o movimento, uma vez que o V e o afixo formam um bloco e se movem juntos, de forma análoga à proposta de Pollock (1989) para explicar porque *ne* precede *pas* em francês. O morfema preso da negação, em turco, permite que V se movimente com seu afixo.

Resumindo, em inglês, a categoria Neg é não afixal, e esse aspecto ocasiona dois fatos: o impedimento do movimento do verbo para T, e a inserção de *do* (*do support*). A negação é, portanto, pós Aux flexionado.

(B) Segunda possibilidade do Parâmetro I

(i) Neg é preso.

(ii) Neg é livre.

É possível, aponta ainda o autor, que a posição de NegP, em vez de ser universalmente a mesma, seja o resultado de opções da GU.

Para o francês, Ouhalla, seguindo a sugestão de Pollock (1989), assume que *ne* é o núcleo de Neg, enquanto *pas* é seu especificador, isto é, ocupa a posição de Spec. A posição de Spec da projeção NegP do inglês é preenchida por um operador vazio, e *not* ocupa o núcleo de NegP. Percebemos que há um desacordo entre os autores. Com Pollock (1989), a negação do inglês, com *not*, estava sendo comparada ao *pas*, em Spec de NegP, ocupando a posição pós-verbal no francês. Ouhalla também considera que *ne* é de natureza afixal, com o valor preso do Parâmetro B, no entanto, percebe-se, que essa posição não se sustenta, uma vez que no infinitivo *ne* aparece separado do V.

(37) *Ne pas parler Anglais.*

Contrariamente à posição de Ouhalla (1991), assumimos, com Pollock (1989) que *not* do inglês ocupa o Spec de NegP.

3.5.2.2 - Zeijlstra (2002), em um estudo bastante abrangente sobre a negação nas línguas, considera que WF, tal como o francês, está em um estágio intermediário no ciclo de Jespersen, ficando claro, porém que, como afirma Haegeman, a CN só acontece em WF quando a partícula *en* está em posição de núcleo de NegP.

O autor considera a estrutura de DN como o *default*, uma vez que, se uma leitura de CN não é possível em uma sentença de negação múltipla, a leitura de DN se aplica.

Para o Zeijlstra, a negação é realizada via relação núcleo/especificador, com duas possibilidades. O parâmetro da negação proposto por ele é o seguinte:

a) Se o parâmetro é estabelecido em Spec, todo elemento negativo se localiza no Spec de NegP, significando que no caso em que há duas palavras-n em uma sentença, existem dois XPs, cada um dominado por um NegP com um especificador visível, resultando em DN.

b) Se o marcador negativo for um núcleo, ele se cliticiza ao elemento que ele nega. Isso poderia ser concebido, no nível sintático, como um núcleo que projeta NegP que domina XP.

O autor considera que NegP domina TP universalmente. Com relação ao núcleo, de forma similar à proposta de Pollock (1989), se estiver expresso na sintaxe aberta, vai verificar seus traços contra Spec de NegP, e o V_{fin} move-se de T^0 para Neg^0 , o núcleo de Neg se cliticiza ao V. Uma vez que o Spec de NegP está vazio e o núcleo é incorporado, a negação se restringe ao conjunto (*cluster*) verbal.

A proposta de Zeijlstra (2002) é inovadora quando o autor, levando em conta o escopo dos operadores, e as palavras-n em posição de núcleo ou especificador, relaciona essas posições com a possibilidade de ocorrência de CN. Ele mostra que a negação nuclear tem escopo somente sobre o elemento cliticizado; assim, os outros elementos negativos no complemento (que também exibem negação nuclear e, portanto, um escopo estreito), não cancelam a negação. Essa configuração leva à CN.

Por outro lado, a negação no Spec nega o complemento todo; assim, toda e qualquer outra negação no complemento provoca um cancelamento. A negação expressa no Spec de NegP produz uma leitura de DN. Então, as mudanças diacrônicas podem ser explicadas através de uma reanálise do local da negação em NegP. Se o núcleo for preenchido por um elemento negativo, resultará CN. Quando o Spec é preenchido por um advérbio ou quantificador negativo, obtém-se DN. No caso em que ambas as posições são preenchidas, ambas as leituras são possíveis, dependendo da posição das palavras-n e do advérbio negativo.

3.5.2.3 – Palavras-n em posição pré-verbal

Observamos que todo estudo que trata da negação, em dado momento, precisa fazer considerações de ordem semântica e, muitas vezes, de ordem fonológica, para dar conta do

que ocorre na negação nas línguas. Alguns autores fundamentam suas idéias com base na diacronia para justificar a presença de alguns fenômenos nas línguas.

Um estudo de Martins (1997) mostra a evolução dos itens de polaridade negativa (IPNs) no Português, *nenhum*, *nada*, *ninguém*, com base na idéia de que os traços dos itens lexicais alimentam a operação da computação das línguas humanas.

A autora entende que quando há mudança na natureza dos itens lexicais, a mudança tem efeitos que podem se traduzir por fenômenos na sintaxe. Analisando os itens de polaridade negativa nas línguas românicas, Martins mostra que houve uma evolução na polaridade desses itens, sendo que muitas das características dos IPNs foram perdidas na passagem para o Romance Moderno²⁵, como consequência de mudanças históricas. A partir daí, as línguas românicas classificam-se em quatro grandes grupos, no que se refere ao comportamento dos indefinidos negativos.

1º. grupo: indefinidos negativos ocorrem em posição pré e pós-verbal, obrigatoriamente com o marcador negativo em posição pré-verbal. O rumeno tem essa característica.

(38) Nimeni *(nu) a venit la petrecere
Nobody not has come to the party
'Ninguém veio para a festa' (rumeno)

2º. grupo: algumas línguas, como o catalão permanecem como o Romance Antigo, permitindo que os indefinidos ocorram em contextos não negativos.

(39) Há vingut ningú aquesta tarda? (catalão)
Has come nobody this afternoon
'Veio alguém esta tarde?'

3º. grupo: Línguas que não permitem que os indefinidos negativos co-ocorram com o marcador negativo propriamente dito, mas que ainda permitem os itens indefinidos negativos ocorrerem em contextos modais, não negativos. São línguas desse tipo, italiano, espanhol, francês, galego.

²⁵ Expressão utilizada em Portugal, em PB corresponde a 'línguas românicas modernas'.

(40) Nada (*no) quero de vostede. (galego)

‘Nada quero de você’.

(41) Dudo que venga nadie. (espanhol)

‘Duvido que venha alguém’.

4º. grupo: Português, língua em que os indefinidos negativos não podem co-ocorrer com o marcador negativo, tal como as línguas do terceiro grupo, com a diferença de que o Português não permite o licenciamento de indefinidos negativos em contextos não-negativos e modais; em tais contextos somente os indefinidos positivos são licenciados. O português, no presente, tem os itens de polaridade com traços fortes de polaridade.

(42) Ninguém (*não) sabe o que se passa. (português)

(43) Duvido que venha alguém.

A autora procura mostrar que a natureza dos indefinidos negativos, com respeito à sua constituição morfológica, evoluiu, não sendo a mesma dos tempos do Romance Antigo. Eram fracos e agora são traços fortes em negação e têm no português um ciclo que se completou. Sendo fortes, quando pré-verbais não podem co-ocorrer com o *não*. E já têm seus domínios estabelecidos, não mais competem com os indefinidos positivos, nem surgem em contextos modais.

(44) Nada lhe agrada. (português)

(45) * Nada não lhe agrada.

A mudança foi recente, reitera Martins, e não se aplica a línguas como o francês, o galego e o italiano, em que os itens correspondentes são ambíguos entre polaridade forte/fraca e modal.

O trabalho de Martins é bastante interessante, no entanto, não seguiremos sua linha de trabalho, uma vez que adotamos a idéia de um operador vazio no núcleo de NegP para dar conta de estruturas como em (44).

Vimos, também, que no caso das sentenças interrogativas, a interpretação de Haegeman (1995) é a de que existe um único operador abstrato *qu/wh*, que liga *n* variáveis, numa operação em cadeia, que provoca a absorção das palavras-qu, resultando no entendimento, em LF, de uma só interrogativa. Por essa linha de pensamento, pode-se concluir que, da mesma forma que as línguas admitem vários itens lexicais para o elemento *qu*, tais como, *onde, porque, como, quando*, o PB teria também vários itens para expressar a negação como *não, nada, ninguém, nenhum, nunca* ²⁶.

Em paralelo à análise atribuída pela autora às palavras-qu deverá também haver um operador negativo abstrato para esses tipos de sentença negativa.

Zeijlstra (no prelo), apresenta uma proposta de um operador abstrato para o tipo de sentença em questão. Nesse particular as propostas de Zeijlstra e Haegeman se assemelham.

Entendemos que a idéia de um operador abstrato, como na proposta de Mito (1991), Haegeman (1995) e de Zeijlstra pode, satisfatoriamente, ser aplicada ao português para dar conta de sentenças em que as palavras-n aparecem na posição de sujeito. Adotamos, portanto, a idéia da existência de um operador abstrato ou nulo para esse tipo de sentença.

3.5.4 – Resumo e conclusões

Quanto à negação, podemos observar, no quadro a seguir, que os pesquisadores concordam em relação ao preenchimento da posição de núcleo e de Spec de Neg em francês. Porém discordam quanto a que complemento Neg c-seleciona.

Francês		Núcleo	Spec	Complemento
Pollock	(1989)	ne	pas	AgrPs
Belletti	(1990)	ne	pas	TP
Ouhalla	(1991)	ne	pas/adv	TP
Zanuttini	(1994)	ne	pas	VP
Zeijlstra	(2002)	ne	pas	TP

²⁶ No Japonês os itens são os mesmos para os pronomes interrogativos e os indefinidos (com. pessoal M. Kato).

(i) Dare-ga _{nom} tsuita chegou quem? 'Quem chegou?'	(ii) Dare-mo tsuita Chegou não 'Ninguém chegou.'	(iii) Dare-ka tsuita. Chegou alguém 'Alguém chegou.'
---	--	--

Já quando se trata da língua inglesa, Zanuttini afirma que a língua inglesa faz uso dos dois tipos de NegP. NegP-1, quando aparece a forma *n't*, um núcleo, e NegP-2 quando aparece a forma *not*, formas que não são intercambiáveis. Quanto ao complemento que NegP c-seleciona, Ouhalla (1991) e Zanuttini (1994) concordam, embora em parte, como mostra o seguinte levantamento:

<u>Inglês</u>	<u>Núcleo</u>	<u>Spec</u>	<u>Complemento</u>
Pollock (1989)	vazio	not	AgrPs
Ouhalla (1991)	not	vazio	VP
Zanuttini (1994)	n't	not	TP/VP

Podemos observar, no quadro acima, diferentes propostas para o estatuto do *not* em inglês. Adotamos a proposta de Pollock (1989), por entender, pelo observado, que *not* se localiza no Spec de NegP, é um XP.

Com relação à língua italiana, podemos verificar que as autoras estão de pleno acordo sobre *non* ocupar o núcleo de NegP (no Spec vai um advérbio) e NegP tomar TP como seu complemento.

<u>Italiano</u>	<u>núcleo</u>	<u>Spec</u>	<u>Complemento</u>
Belletti (1990)	non	adv	TP
Zanuttini (1994)	non	adv	TP

Diferentemente de Pollock (1989) e Belletti (1990), que não mencionam que parâmetro estaria envolvido na questão da negação, Ouhalla (1991) afirma que haverá variação paramétrica a depender do tipo de operador que as línguas possuem: se afixal ou não. Esse seria o determinante para se saber que categoria NegP c-seleciona como complemento. Zanuttini (1996) vai optar por dois tipos: NegP1 para as línguas que apresentam negação sentencial pré-verbal, e NegP2 para as línguas que apresentam negação pós-verbal. Nesse ponto, a autora aproxima-se das teses defendidas por Ouhalla porque na verdade, ela está postulando diferentes parâmetros para diferentes casos, embora ela não mencione a variação paramétrica, fica claro que dois NegPs atestam essa variação. Assim,

constatamos que, em relação aos parâmetros, não há uma posição uniforme entre os estudiosos dessa questão.

O estudo das línguas aqui delineado mostrou que existe a variação paramétrica apontada por Ouhalla, também captada na proposta de um parâmetro da negação de Zeijlstra (2002).

Dentro desse quadro teórico, estamos adotando a proposição de Zeijlstra para o parâmetro da negação. Com Ouhalla, a idéia de que há variação paramétrica entre as línguas, e que a condição da negação ser afixal ou não, pode ter relevância para determinar o surgimento, na superfície, da negação pré ou pós-verbal.

A generalização proposta anteriormente no presente capítulo, deve ser, então, modificada, para incluir a possibilidade de uma negação com base em XP, surgir na superfície na posição pré-verbal, como acontece no caso da negação afixal. Esse fato invalida a afirmação da primeira premissa da Generalização 1, vemos, portanto, que somente a segunda premissa se mantém.

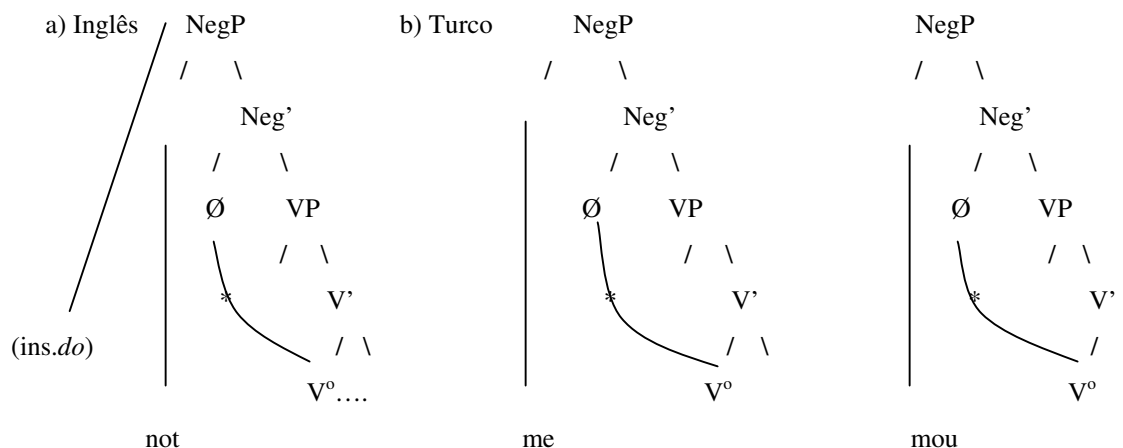
(46) Generalização 2

Neg em posição de Spec = negação pós V ou $\text{afixoNeg V} \rightarrow [-\text{CN}]$

Além disso, do ponto de vista das estruturas, se as línguas de CN têm as palavras-n no Spec/ NegP, deduz-se que línguas que têm o Spec/NegP ocupado pelo operador negativo (*pas*, *nie*) não podem ter CN porque as palavras-n não podem ser ali inseridas para a relação de concordância.

Através das representações arbóreas a seguir, podemos verificar que as diferenças entre inglês e turco se assemelham às diferenças entre inglês e chinês, mas que as três línguas têm o mesmo tipo de negação, com Neg no Spec de NegP.

(47)



As diferenças entre as estruturas de inglês, turco e chinês cantonês estão na inserção de *do* na primeira, e na natureza afixal de *me* do turco e de *mou* do chinês cantonês.

Quanto à interação do movimento de V-para-I com a negação, lembramos que chinês cantonês não tem esse movimento, o que ocasiona a negação pré-verbal nessa língua, embora seja um XP. Esse dado contraria a posição de Zanuttini, para quem negação pré-verbal é sinônimo de negação com traços fortes.

Zeijlstra (no prelo) ao analisar a problemática de se ter itens negativos em posição pré-verbal, sem a presença do licenciador, propõe que somente as línguas de concordância negativa tenham NegP. As outras línguas teriam apenas o traço [+Neg] Forte, em adjunção. Para Zeijlstra (no prelo) línguas que admitem a CN têm na realidade, traços fracos de Neg, que resultam de uma leitura negativa obtida por uma implicatura semântica, que necessita de um reforço. Embora pareça uma colocação interessante, o pensamento Zeijlstra de que a negação em XP é do tipo forte, não seguiremos essa linha de pensamento. Vou assumir a idéia da existência de NegP para todas as línguas, por questões de uniformidade na arquitetura da árvore sintática.

A seguir, listamos as posições assumidas a partir das teorias estudadas, lembrando que, antes de Pollock, a negação foi proposta como adjunção (Chomsky, 1981). A partir dos estudos de Pollock, a categoria NegP é adotada por grande parte dos autores até o início do Minimalismo (Chomsky, 1995), quando a negação volta a ser considerada como uma adjunção.

Com Pollock (1989), assumimos a existência da categoria NegP; com Zanuttini (1994) a proposta da existência da categoria PolP.

Adotamos com Haegeman e Zanuttini (1991) o Critério Neg.

Adotamos o Parâmetro da negação proposto por Zeijlstra, considerando também a proposta de Ouhalla quanto à questão da negação afixal, ponto extremamente importante para a presente tese.

CAPÍTULO IV – Da negação em L1 para a negação do PB (L2)

4.1 - Introdução

Neste capítulo, apresentaremos as características da negação no português, para, depois, mostrar a negação nas línguas dos sujeitos de nossa pesquisa.

4.2 - A negação no PB

O PB pode ser descrito da seguinte maneira:

A) Não apresenta variação entre a principal e a subordinada. A negação é sempre pré-verbal, seja com verbo principal ou auxiliar, com verbo finito ou não finito.

(01) a) Ele **não** foi porque **não** tem tido notícias.

b) **Não** ter podido ir fez Maria ficar furiosa.

B) Nada interrompe a adjacência entre a negação e o $V_{fin.}$, a não ser clíticos.

(02) a) Ela **não** considera o Pedro inteligente.

b) * Ela **não** já/sempré foi ao cinema.

c) Ela **não** me viu.

Quando há presença de palavra-n em posição pós-verbal, o PB tem CN na maioria dos dialetos e na escrita, mas não quando esse tipo de palavra aparece em posição pré-verbal.

(03) a) **Não** encontrei **ninguém** lá.

b) Ele **não** deu **nada** a **ninguém**.

c) Ela **nada** fez.²⁷

d) **Ninguém** esteve aqui.

C) Palavras-n em posição pré-verbal podem também instanciar CN.

(04) a) **Ninguém** viu **nada**.

b) Ela **nunca** disse **nada**.

²⁷ Construção arcaizante.

Basicamente, essas são as estruturas que o estrangeiro precisa aprender/adquirir para expressar-se na maioria dos dialetos do Brasil; porém, se o falante estiver na Bahia, particularmente em Salvador, terá que descobrir os seguintes pontos sobre a variedade falada nessa localidade:

- a) O elemento negativo *não* pode aparecer depois do verbo.

(05) Choveu **não**.

- b) O elemento negativo pode aparecer depois do predicado.

(06) Choveu ainda **não**.

- c) O elemento negativo pode estar em concordância com outro elemento negativo no predicado, podendo haver ainda a negação reforçada.

(07) Vi ninguém não.

Destaca-se, como podemos ver, o apagamento do item negativo pré-verbal no PB baiano. Podemos nos perguntar qual seria a razão desse apagamento²⁸. Examinemos um pouco da história do PB na Bahia.

4.2.1 – Influências de falares africanos no PB baiano

Nos três primeiros séculos do período de escravidão no Brasil, temos a influência, segundo os historiadores²⁹, dos falares do grupo Banto, em todo o Brasil, com falantes do

²⁸ O PB já foi analisado por Schwegler (1991), que avança a possibilidade da existência de um *pidgin* ou crioulo afro-português desde o século XVI. Nossa posição, entretanto, é diferente, procuramos apenas verificar se há indícios de ter havido influência dos falares africanos nas estruturas de negação do PB baiano.

²⁹ Esses historiadores indicam as localidades de origem dos escravos que vieram para a Bahia: :

- 1) O ciclo da Guiné, na 2ª. metade do século XVI.
- 2) O ciclo de Angola e do Congo, no século XVII.
- 3) O ciclo da Costa da Mina, durante os 75 anos do século XVIII.
- 4) O ciclo do Benin, entre 1770 e 1850, estando incluídos aí o período de tráfico clandestino.

quimbundo e quicongo, provenientes de Luanda e Angola. Os estudiosos relatam que muitos negros se tornavam bilíngües e serviam de intérpretes entre a casa grande e a senzala³⁰.

O estudo de Petter (2003) sobre a sintaxe da negação do quimbundo e do quicongo mostra que nessas línguas a negação é marcada morfológicamente, com um morfema negativo precedendo o verbo, em quimbundo, e, duplamente marcada em quicongo, com morfemas que antecedem e acompanham o verbo.

(08) **kingádi**

/ki ng - á - d - i/
neg IS tp base verbal – aspecto

‘Eu não comi’.

(Quimbundo, Petter, 2003)

(09) **kètùdìdì kò**

/ke - tù + O + dî + IDI / kò/
/neg – IS + imediato + base verbal – aspecto / neg/

‘Nós não comemos não’

(Quicongo, Petter, 2003)

Examinando essas duas línguas, vemos que há semelhanças entre elas e o PB quanto à estrutura da negação.

No entanto, a partir do século XVIII, começam a ser trazidos para a Bahia os yorubás ou nagôs, que pertenciam a um outro grupo de língua, falavam jeje-nagô ou ewe-iorubá, línguas do grupo Kwa³¹. Por ser a chegada dos iorubás ou nagôs, provenientes da região da Nigéria e do Benin no Golfo da Guiné, mais recente, nota-se mais a influência desses povos na Bahia.

Castro (1981) enumera várias semelhanças entre as línguas banto e kwa e o português, como por exemplo, o sistema vocálico de sete elementos do português (a, e, *e*, i, o, *o* u), que

Em Castro (1981) temos que 12 milhões de africanos foram introduzidos no Brasil em três séculos de escravidão. Calcula-se que para a Bahia, vieram 5 milhões. No período clandestino há apenas estimativas.

Sabe-se, no entanto, que em 1891, após a libertação dos escravos, em 1888, o governo brasileiro mandou queimar todos os documentos referentes ao período da escravidão, para evitar os pedidos de indenizações. Ficamos, então, sem as fontes históricas que poderiam melhor embasar os estudos sobre a formação do PB.

³⁰ Em 1697, é publicado em Lisboa, uma gramática da língua quimbundo, ‘A arte da língua de Angola’, falada em Salvador na Bahia, escrita pelo Padre Pedro Dias. A gramática era destinada aos jesuítas que trabalhavam na catequese dos negros e precisavam aprender o quimbundo para melhor desempenharem seu trabalho.

³¹ Os nagôs islamizados ou malês, por se entenderem em um mesmo idioma, organizaram vários levantes na Bahia, sendo o mais importante deles a revolta dos Malês, em 1835.

coincide praticamente com o do yorubá, com as vogais nasais correspondentes. A estrutura silábica do português, que coincide com a estrutura silábica [CV] do iorubá e de certas línguas banto, como o quimbundo, o quicongo.

A autora comenta que, possivelmente, sejam essas algumas das razões subjacentes que podem explicar o fato de não haver sucedido no Brasil uma língua crioula do tipo que se encontra nas ex-colônias de língua francesa, inglesa, espanhola ou holandesa, nas quais houve também maciça presença dos africanos.

No entanto, podemos nos perguntar se as influências³² de origem afro, não teriam acontecido para além dos campos da cultura: da culinária com dendê, da música axé, dos costumes pelo sincretismo religioso, da miscigenação das raças. O contato diário entre o português e esses falares africanos poderia ter produzido mais do que a simples transferência de vocábulos e mudanças já assinaladas pelos estudiosos?³³.

Sabemos que para a Salvador, em períodos mais recentes, vieram escravos provenientes de regiões da África Oriental, de localidades do entorno do Golfo da Guiné, de países modernamente denominados como Nigéria, Chade, Camarões e de Burkina Faso. Falares denominados de tupuri, no Chade e em Camarões, gbaya, na República da África Central e san, em Burkina Faso, de onde vieram as levas mais recentes para a Bahia, apresentam a negação no final da estrutura sentencial.

(10) Kíi lê bee yo mi **wa** (san, Kabore, 1998)
 chefe ele Pred bebe cerveja+inacc neg
 ‘O chefe bebe cerveja **não**’.

(11) ko bara wo wa (san, Kabore, 1998)
 expl. pred.+mod entrar+asp.Ø neg
 n’entrez pas!
 ‘entre **não**!’

³² Serafim Silva Neto observa que ‘*não se pode falar em influência indígena por ação urbana no Português, pois os indígenas logo cedo saíram dos centros urbanos*’. Portanto, pode-se concluir que a influência nos centros urbanos, como Salvador, se deve à influência de falares africanos.

³³ É grande o número de palavras de origem, geralmente, banto no PB. Como exemplo podemos citar as palavras caçula, desconhecida no PE = benjamin; calunga, candomblé, entre outras.

(12) á ndúu sú **gá** (tupuri, Kabore, 1998)
 il vir+acc. aqui neg
 il ne vint pas hier
 ‘veio ontem **não**’

(13) rë wa! (tupuri, Kabore, 1998)
 ‘coma **não**!’

(14) á jó yíí **ga** (tupuri, Kabore, 1998)
 expl. tem bebido cerveja neg
 ‘Bebeu cerveja **não**’

Voltando ao português, como já mencionado, a negação final é comum em Salvador. Nesse caso, pode ter havido influência da sintaxe dessas línguas na sintaxe do Português falado na Bahia, produzindo estruturas do tipo (5, 6 e 7).

Vejamos, a seguir, algumas análises da negação do PB na literatura.

4.2.2 - Análises da sintaxe da negação do Português

Nesta seção, apresentaremos, de forma resumida, algumas das análises sobre a sintaxe da negação no Português Brasileiro.

4.2.3 – A posição do não pré-verbal

Mioto (1991) apresenta um estudo sintático da negação sentencial do PB, averigüando como a negação sentencial é expressa, procurando explicar fatos observados, com base na teoria gerativa. O autor apresenta análises que determinam o estatuto categorial dos elementos negativos que respondem pela negação sentencial em várias línguas.

Quanto aos parâmetros envolvidos na questão das variações interlingüísticas, os comentários de Mioto concentram-se na questão de subcategorização do núcleo de NegP.

Duas propostas são apresentadas para explicar o preenchimento do núcleo de NegP. Ou o núcleo está vazio ou é preenchido pelo *não*, entendido como um *não* átono, que ocorre junto a um verbo. Os advérbios (*nunca*, *jámais*) ocupariam a posição de Spec de NegP, posição definida como não-A.

Os argumentos utilizados pelo autor para definir que *não* é o núcleo de NegP têm por base a relação Spec-núcleo, apoiando-se na teoria de incorporação de núcleos de Baker (1988), Miotto explica que o *não* forma um complexo indestrutível com o verbo, tendo propriedades de núcleo.

(15)* Maria não provavelmente visitou os avós.

Ao buscar estabelecer a melhor estruturação das categorias funcionais no PB, Miotto propõe a seguinte estrutura: PB NegP>AgrP>TP. Na estrutura profunda, Miotto comenta que é irrelevante se IP é cindido ou não. Para o autor a estrutura sentencial do PB seria assim representada:

(16) (Neg (I (V)))

(17) Maria não viu o carro.

Ao tratar do movimento dos especificadores, Miotto explica que, se o Spec de NegP é uma posição não-A, e NegP é uma categoria mais alta: *Maria* não está ocupando uma posição A em (17). No entanto, a posição ocupada por *Maria* deve ser uma posição A, pela necessidade de ser marcada por caso nominativo. Para resolver essa questão, Miotto propôs que posições nucleares que recebem outros núcleos tornam-se híbridas³⁴, facultando a duplicação de especificadores. Assim, do movimento de (V+I) para Neg, resulta uma categoria híbrida com dois especificadores, sendo um especificador não-A de NegP, no exemplo abaixo, preenchido por ‘nunca’, e um especificador A de IP, que no exemplo, será preenchido por *Maria*. A representação pertinente é:

(18) (SpecIP Maria (SpecNegP nunca (viu...)))

Maria nunca viu o carro.

Observa-se que o *não* está ausente na representação acima. O autor salienta que o *não* também estará ausente se o Spec de Neg contiver uma expressão negativa,

³⁴ De forma similar à proposta de Miotto para uma categoria híbrida, encontramos a proposta de Torres Morais (2001) que, adotando a categoria PolP (Zanuttini, 1994) para o português, propõe a existência de uma categoria sincrética PolP/NegP, projetada acima de TP.

- (19) (_{SpecIP} Ninguém (_{SpecNegP} (viu...)))
Ninguém viu o carro

ou no caso de preenchimento dos dois especificadores:

- (20) Ninguém nunca viu o carro.

Para sentenças do tipo em (21) a explicação de Mito (1991) vincula-se a propriedades do item ‘nada’, por causa de seu comportamento peculiar, segundo o autor. Por um lado, pode estar funcionando como um advérbio no sentido de que a variável ligada por ele é incompatível com uma posição A:

- (21) O silêncio não durou nada.

Em (21) ‘nada’ é selecionado por ‘durou’ da forma como os advérbios são selecionados por certos verbos. Por outro lado, ‘nada’ pode funcionar como ‘reforço’ da negação:

- (22) Maria não viu nada.

Ou como uma resposta negativa a perguntas.

- (23) Ela não telefonou nada.

- a) Ela telefonou?
- b) Telefonou nada.

Mito aponta que ‘nada’ pode funcionar como um elemento de natureza adverbial, enquanto o item ‘ninguém’ não pode.

Para sentenças do tipo (24) abaixo, Mito postula que o elemento negativo *nada* ocupa a posição não-A em Spec de NegP, após ser movido da posição de objeto de *viu*.

- (24) João nada viu.

Para o autor a ausência do *não* em (24) decorre do fato de o Spec de NegP conter uma expressão negativa, observando que é a categoria funcional NegP que licencia os itens de polaridade negativa (IPN) depois do verbo. Essa relação é estabelecida ou pelo núcleo ou pelo especificador de NegP, que deve estar preenchido na ausência de Neg no núcleo. O autor observa que um prefixo negativo não é capaz de licenciar um IPN em posição pós-verbal, apontando que, para ser licenciado, um IPN necessita ser c-comandado por um elemento de NegP.

(25) a) Não é possível ver nada.

b) * É impossível ver nada.

(Mioto, 1991)

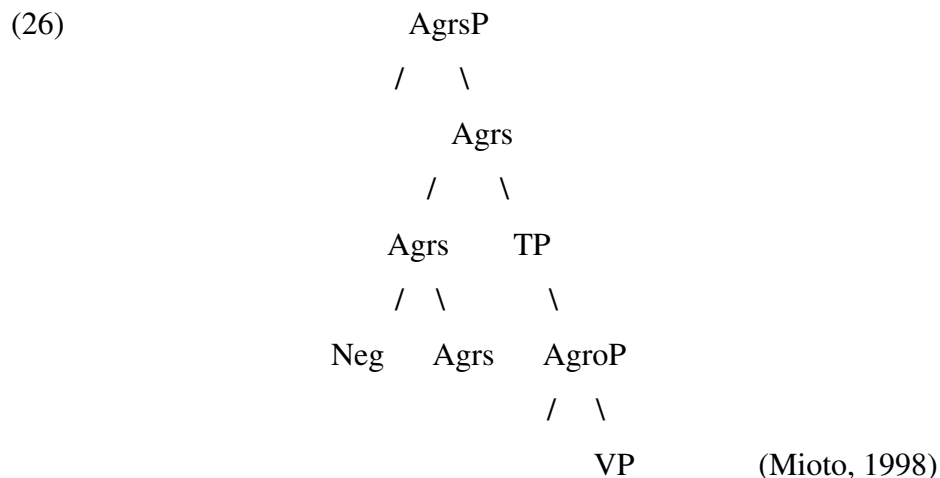
Seguindo os avanços da teoria gerativa, Mioto (1998) apresenta uma nova proposta de análise para a negação no PB. O *não* se traduz por uma especificação [+ Neg], que agora já não é mais o núcleo de uma categoria sintática NegP. Assim, o autor afirma:

‘A especificação [+ Neg] é gerada sob alguma das categorias que fazem parte do conjunto das categorias funcionais que constituem a projeção estendida (Grimshaw, 1991) de uma categoria lexical. A negação tem seu escopo definido sobre os constituintes dominados pela categoria funcional que contém a especificação [+Neg].’

(Mioto, 1998:747)

Quanto ao tratamento a ser dado às diferenças entre o item *não* e os itens lexicais de cunho negativo, como o prefixo *in*, por exemplo, o autor, na linha minimalista, observa que os prefixos atuam apenas no nível lexical. Quanto ao tratamento a ser dado a *não*, Mioto observa que deve haver, nesse caso, algum tipo de atuação do componente computacional.

Considerando que as categorias funcionais relativas à sentença são de dois tipos, as que pertencem ao sistema I (TP, AgrP) e as que pertencem ao sistema C (CP, TopP, FocP), Mioto propõe que a especificação [+ Neg] seja gerada sob o núcleo AgrsP, conforme diagrama abaixo:



Observemos que $[+ \text{Neg}]^{35}$ é gerado sob a categoria mais alta do sistema I.

Passemos a outras análises da negação no português.

4.2.4- A abordagem de Martins

A análise de frases negativas no PE foi objeto de estudo de Martins (1994), que, procurando dar um tratamento unificado para as sentenças afirmativas e negativas, propõe, além da categoria funcional NegP adotada, a existência da categoria funcional Σ P, cuja função é a de possibilitar a interpretação da polaridade da sentença, se afirmativa ou negativa. A autora assume a hipótese, segundo a qual o valor de Σ é sempre $[+ \text{forte}]$ para as duas derivações. No caso da negação, haveria duas possibilidades, ou *não* é uma expressão fonética dos traços negativos em Σ , ou o *não* existe no léxico como um item independente gerado como adjunto de Σ -negativo, checando seus traços contra traços contidos no núcleo a que se adjunge. Sua proposta é de que a checagem dos traços de Neg ocorre em Σ P, assumindo, além disso, que o movimento do verbo vai até AgrsP, pelo fato de que é em AgrSP que o verbo termina a verificação de traços na cadeia derivacional. Martins diferencia a realização do núcleo de Σ P daquela que ocorre com o *não* em posição pré-verbal. Para a autora, a negação é realizada por meio de dois tipos de *não* no PE, com dois elementos. O *não* pré-verbal é um morfema abstrato, que se cliticiza ao V e o *não* final, em Σ , é $[+ \text{forte}]$. Importante para essa proposta é a noção de núcleo funcional com conteúdo lexical e núcleo funcional sem conteúdo lexical. Segundo a autora, uma categoria funcional com conteúdo

³⁵ No Programa Minimalista haverá referência a traços negativos e haverá checagem desses traços, a categoria NegP pode não ter estatuto nesse programa.

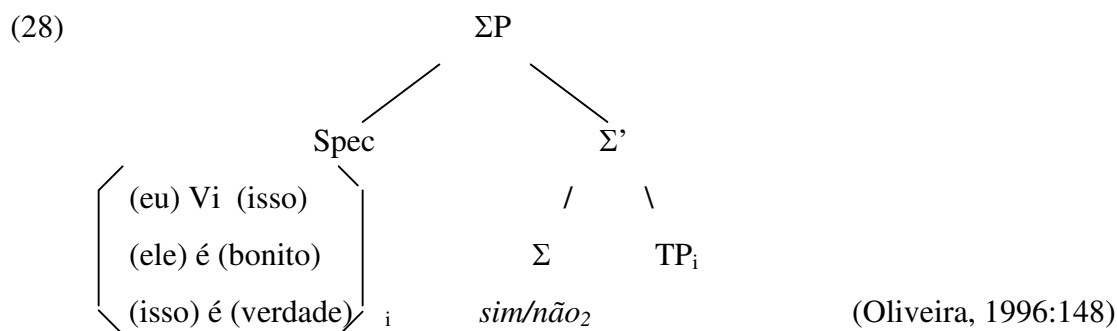
lexical pode conter traços morfológicos fortes, e mesmo assim não provocar movimento na sintaxe visível para verificação de traços. Admitindo-se, ou que o *não* é apenas a expressão fonética dos traços do núcleo de Σ , ou que o *não* existe no léxico como um item independente, adjungido a Σ negativo, que verifica seus traços contra os traços do núcleo a que se adjunge, a checagem de traços de Neg deve ocorrer em ΣP . A autora diferencia a realização do núcleo de ΣP do núcleo de NegP, que ocorre na posição pré-verbal.

4.2.5 – Negação externa no PB

Oliveira (1996) atribui a ΣP o lugar em que a negação externa aparece pré ou pós sentencialmente, analisando tipos de sentenças, em (21), como resultantes de um movimento de IP para Spec de ΣP , projeção acima de IP, onde se encontram as partículas polares *sim/não*.

- (27) a) Não, eu não vi.
 b) Sim, eu vi.
 c) Eu não vi, não.
 d) Eu vi, sim.

Observemos sua representação, a seguir, em que TP se move para Spec de ΣP .



Seguindo a proposta de Oliveira (1996), para quem a partícula *sim/não* do PB é um elemento nuclear em ΣP , admitindo-se que há um movimento da categoria TP para ΣP , em que se encontram as partículas *sim/não* na análise de Laka (1990), podemos notar que a negação

externa³⁶, no PB, é reflexo de fenômenos totalmente diversos daqueles que ocasionam a negação descontínua no Francês.

(29) Jean **ne** mange **pas** de chocolat.

Jean não come não chocolate

‘Jean **não** come chocolate **não**’

4.2.6 –Noção de concordância negativa “estrita”

Em um trabalho conjunto, Peres e Negrão (2001), buscam delinear algumas propriedades das construções negativas do português brasileiro e do português europeu. Consideram como objeto de estudo: (i) os operadores de negação frásica e as construções a eles diretamente associadas, designadas como negação reforçada e (ii) alguns aspectos das construções de concordância negativa (CN)³⁷.

Trataremos aqui apenas parte dos aspectos das construções de CN, sobre os sintagmas-n, que englobam as palavras-n, em português.

A característica proeminente no caso de CN, segundo os autores, é a co-ocorrência da negação padrão, indicada pela presença de um operador de negação, e uma expressão traduzida por palavras-n, tais como *nessuno, ninguém, nadie, nobody*. Em contextos como em (30), a peculiaridade das palavras-n reside no fato de que expressam, sem a presença de um operador negativo, algum tipo de valor negativo, enquanto em outros contextos, como o de (31), se o operador negativo tiver seu valor semântico total, então o valor negativo das palavras-n estará desativado, sendo essa a noção empregada para o estabelecimento da noção de *concordância negativa estrita*.

(30) Ninguém (*não) viu o Pedro.

(31) O Pedro não viu ninguém.

³⁶ Kato (em preparação) sugere que os exemplos de negação, a seguir, podem ser interpretados como casos de redobro, de forma análoga à análise dos pronominais sugerida em Kato (1996), na qual os pronominais fracos são analisados como clíticos ou afixais; a negação intra-sentencial poderia também ser considerada como clítica ou afixal com redobros de negação na posição extra-sentencial.

(i) a) ELE, Maria o viu ontem.

b) Maria o viu ontem, ELE.

(ii) a) NÃO, eu não vi.

b) Eu não vi, NÃO.

Oliveira (c.p) observa, no entanto, que o *não* continua a ser usado no Português.

³⁷ Um trabalho extenso do fenômeno da CN e da natureza dos IPNs pode ser lido em Peres (1997).

O que se pode observar em (31), segundo eles, é um tipo de item que, privado de seu valor negativo, mantém sua forma (*ninguém*) envolvendo um morfema negativo. Quanto ao francês, sabe-se que é um caso diferente, para o qual se requer a presença da partícula negativa fraca. Já no caso de línguas eslavas como o húngaro, a partícula negativa forte sempre acompanha as palavras-n; esse é também o caso do polonês (Witkos, 1996). Os autores estabelecem subdivisões dos fenômenos dentro do grupo de línguas que admitem CN estrita, definidas como línguas em que os sintagmas-n por si sós, na ausência de outros operadores negativos realizados, negativizam frases. Na CN explícita monofrásica, requer-se um contexto anti-verídico, com ocorrência de um licenciador negativo visível para o sintagma-n, como é o caso clássico mostrado em (31).

Quanto à CN implícita, em que se verifica a ocorrência de sintagma-n sem licenciador negativo visível, existem numerosos casos como no espanhol ou no italiano, mas os autores comentam haver um número reduzido desse tipo de construção em português.

(32) Dubito che venga nessuno. (italiano)

(33) Demoliram a nunca acabada ponte da Madalena. (português)

Observam os autores que a CN explícita em PE e no PB mostra um comportamento uniforme, semelhante ao de outras línguas de CN estrita, como o espanhol e o italiano, embora haja registros de inovação no PB, como vemos no exemplo abaixo:

(34) Tem *ninguém* no chat. (Fonseca, 2003)

Embora os autores considerem (34) como inovação, a passagem a seguir faz parte da obra de Machado de Assis, no romance ‘Quincas Borba’, escrito em 1891:

*‘Antes de principiar a agonia, que foi curta, pôs a coroa na cabeça ...; ele pegou em nada, levantou nada e cingiu nada; só ele via a insígnia imperial, pesada de ouro, rútila de brilhantes e outras pedras preciosas’.*³⁸

A análise apresentada por Matoso Câmara (1979) é a seguinte:

³⁸ Joaquim Matoso Câmara Jr., ‘A coroa de Rubião’. In: Ensaio machadianos, 1979, p.53-61.

“No problema estilístico particular, com que se defrontava Machado de Assis, em Quincas Borba, impunha-se a necessidade de trazer para o primeiro plano o elemento lexical nada. Só assim se poderia visualizar, mercê de um recurso estilístico, o gesto de mãos vazias do demente Rubião. Em vez de um verbo negativo, passar-se-ia então a ter um verbo afirmativo, mas referindo-se a um objeto zero.

Para isso, o escritor fez abstração da função gramatical de nada, e, considerando-o exclusivamente o antônimo de tudo, usou-o numa frase que tinha de ser formalmente afirmativa. Conseguiu-o pela posposição de nada ao verbo, sem acompanhá-lo da anteposição de não, como é o uso normal da língua. Há assim uma deformação estilística deste uso com um objetivo expressivo bem definido.”

4.2.7 – Apagamento do *não* pré-verbal no PB

Trabalhando com a teoria da checagem (Chomsky, 1995), Vitral (1999), para dar conta do fenômeno do apagamento da negação e dos marcadores negativos pré-verbais, relaciona o ciclo da negação, apontado por Jespersen, com a noção de gramaticalização. Para tanto, o autor procura mostrar que certas palavras, que seriam usadas para reforçar a negação, pela evolução histórica, passaram a exprimir a negação. Como exemplo do fenômeno citado o autor menciona o caso da palavra *nada*, que teve origem na locução do Latim *rem natam* (coisa que exista); mostrando que, no português antigo, somente a forma *rem* se manteve, ao passo que, no francês, *rien* foi mantida.

Pela diacronia, Vitral apresenta um estudo da evolução da palavra ‘ce’ que, na literatura, reconhecidamente evoluiu de um pronome de tratamento *Vossa Mercê*, e no presente, é um pronome pessoal. Em termos da Gramática Gerativa trata-se um item lexical que se tornou, pela sua evolução, um item funcional. O autor, propõe (cf. Hopper & Traugott, 1993, apud Vitral, 1997)³⁹, a seguinte representação para as etapas que envolvem a gramaticalização do pronome ‘ce’, que teve como ponto de partida a expressão *Vossa Mercê*, já mencionado:

a . item lexical > b. item gramatical > c. clítico > d. afixo

Esse seria um eixo que as palavras seguem durante o processo de gramaticalização, podendo-se, mesmo, prever o apagamento de alguns itens.

Seguindo essa linha de pensamento o autor procura mostrar que a forma *não* pré-verbal do PB já se encontra no estágio (b), enquanto o *num* já estaria adiante no eixo, observando que, em alguns dialetos do PB já se admite o apagamento do *não* pré-verbal⁴⁰.

³⁹ Hopper, P. & Traugott, E. Grammaticalization. Cambridge. Cambridge University Press, 1993.

⁴⁰

- (35) - Você viu o José?
- Vi não⁴¹.

O PB baiano permite o apagamento da negação pré-verbal quando há a presença de um elemento negativo pós-verbal, tal como o observado em (35).

Para explicar o duplo preenchimento que ocorre nos dialetos do PB que admitem *ninguém num*⁴², Vitral (1999) recorre à idéia de que, nesses casos, um dos dois itens não possui o traço negativo inerente capaz de checar o traço [+Neg]. A justificativa vem da idéia de que os itens perdem valor negativo historicamente. Nos dialetos do PB que admitem *ninguém num*, o autor aventa a possibilidade de que *num* não seja capaz de checar esse traço, comportando-se, assim, como um expletivo.

O que podemos observar é que, para Vitral, o item *num* perdeu força de seus traços negativos. Para Martins (1994) os itens *nenhum*, *nada*, *ninguém* ganharam força em seus traços negativos. Portanto, nesse ponto, as abordagens de Vitral para o item *num* e a de Martins, para as palavras *nenhum*, *nada*, *ninguém* se complementam quanto à interpretação de perda e ganho de força de itens negativos em posição pré-verbal.

As construções sem o *não* pré-verbal tem recebido diferentes análises. As construções com VNeg também tem sido estudada no PB. Temos a análise de Fonseca (2003) que propõe que o PB tem dois tipos do item *não*, um que é fraco, clítico; que pode ser apagado, e outro que é +forte, o *não* em posição pós-IP nas estruturas, que se desloca para ΣP. Fonseca se baseia em Martins (1994) e em Oliveira (1996) para o desenvolvimento de sua análise, apoiando-se na possibilidade de múltiplo *spell-out* para justificar a presença dos dois itens *não/num* pré-verbal e o *não* pós-IP.

Martins (1994), faz uma distinção entre núcleos funcionais com conteúdo lexical e núcleos funcionais sem conteúdo lexical. Ela propõe que um elemento lexical pode ter os seus traços morfológicos checados por confronto contra os traços inerentes de um outro elemento lexical que seja parte de uma categoria funcional. Dessa forma, a autora justifica o fato de que uma categoria

⁴¹ Em um estudo sobre a negação no português, Furtado da Cunha (2001) observa que esse tipo de negação é usado em resposta a perguntas diretas.

⁴² Em Catalão, uma língua românica, há esse tipo de CN. (iii) Ninguú no há vist res.
Ninguém não tem visto nada.
'Ninguém viu nada.'

funcional com conteúdo lexical poderá conter traços morfológicos fortes sem que haja movimento na sintaxe visível para verificação de traços - algo que lembra a possibilidade de múltiplo *spell-out*. Martins E. (1997) formula a hipótese de que sincronicamente os registros do PB mostram em seus dialetos o ciclo de Jespersen: (a) a modalidade escrita representado o 1º. Estágio, com a partícula pré-verbal; (b) o 2º. Estágio na modalidade falada, em que o marcador negativo é usado juntamente com um marcador pós-verbal; enfático; (c) o último estágio desse processo apresenta apenas o marcador negativo final. Camargos (2002)⁴³ analisa o surgimento da estrutura [VNeg] em decorrência do elemento foco, como nos exemplos abaixo:

(36) Eu vim de carro não. [+foco]

(37) Eu não vim de carro.

4.2.8 – A Negação e a concordância negativa

Uma análise da negação e da concordância negativa⁴⁴ no PB, com base na teoria da checagem, é proposta por Vitral (1999), que sugere que o item *não* é inserido por meio da operação concatenar (*merge*) para a checagem do traço [+Neg], interpretável. O traço [+Neg] pode ser checado por um item, não ser apagado e permanecer visível para a checagem de outro item. Os itens negativos como *nada*, *ninguém*, que tem posição A, quando surgem como objeto ou como argumento, estão no especificador de VP, e os itens *nunca* e *jamaiz* estão em adjunção a VP. A posição de Vitral é diferente da assumida por Miotto (1998), para quem [+Neg] é gerado sob a categoria mais alta do sistema I, em AgrSP. O fato de os IPNs necessitarem de um licenciador, aponta Vitral, pode significar que esses itens não sejam, de fato, negativos, mas se tornam negativos quando c-comandados por uma partícula negativa, como o *not* no inglês, por exemplo.

Por outro lado, os quantificadores negativos não necessitam ser precedidos pela partícula negativa nem podem preceder esta partícula:

⁴³ Remetemos o leitor para os trabalhos de Vitral (1999), Fonseca (2003), Martins (1994),), Martins E. (1997) e Camargos (2002 para uma visão completa da argumentação desses autores dentro dos diferentes modelos da teoria de Princípios e Parâmetros.

⁴⁴ De acordo com Chomsky (1995) um item lexical possui traços formais interpretáveis e não interpretáveis. Entre os traços interpretáveis encontram-se os traços da negação, [+Neg]. Na computação para LF, os traços formais não interpretáveis precisam ser checados e eliminados para que a derivação convirja. Os traços interpretáveis não precisam ser checados porque eles são lidos por LF.

- (38) Nobody came.
 ‘Ninguém veio.’

Para a análise de exemplos como o de (38) acima, a categoria funcional NegP deveria conter um núcleo *não* não realizado fonologicamente, para haver o licenciamento apropriado. Vimos que Miotto (1991), Haegeman (1995) e Zeljstra (2002) propõem a existência de um operador abstrato para dar conta desse tipo de sentença.

Vitral analisa as possibilidades para explicar esse caso. A primeira delas seria negar a existência da categoria NegP, a segunda seria uma proposta com NegP, com um núcleo que pode ser nulo, e a terceira seria a existência de uma categoria Neg sem especificador.

O autor analisa a negação face à Teoria da Checagem, iniciando pela idéia de que o escopo da negação pode ser determinado através de uma configuração especificador-núcleo, envolvendo uma concordância de traços formais negativos. Considera, então, que as construções negativas dispõem de uma categoria funcional negativa definida pelo traço [+Neg]. Para Vitral, a estrutura da negação seria a seguinte:

- (39) [TP [T' T [NegP [Neg' Neg [VP DP V DP]]]]] (Vitral, 1999)

A presença da partícula *não* ou de um item negativo é caracterizada por um traço formal [+Neg], que faz surgir uma categoria também definida pelo traço [+Neg], que tem a natureza forte, ou seja, que exige a checagem antes do ‘spell-out’. A partícula *não* é inserida por meio da operação juntar (merge) em Neg, de forma a checar o traço [+Neg]. Os itens negativos tais como *nada* ou *ninguém*, que se alocam na posição objeto, ou funcionando como argumento externo, na posição de Spec de VP, e *nunca* e *jámais*, que aparecem numa posição adverbial adjunta ao VP, se deslocam através da operação mover (*move*) e podem ocupar a posição de especificador de NegP ou transitar por esta posição. As duas operações permitem a checagem do traço [+Neg]. Quando o deslocamento dos itens negativos tem lugar na sintaxe visível, a inserção da partícula negativa *não* não é necessária e sentenças do tipo (41) são geradas:

- (40) a) José nada encontrou na estante
 b) Ninguém conseguirá passar no vestibular.

Quando a operação Juntar (*merge*) insere a partícula *não*, o deslocamento dos itens negativos não precisa ser feito, de forma que são derivadas frases como:

- (41) a) Maria não encontrou nada na estante.
b) José não ganhará nunca na sena.

Vitral propõe que a categoria Neg seja interpretável e permaneça disponível para o sistema computacional e visível no nível de FL mesmo após ter sido checado. Comparando as frases negativas do português às frases interrogativas do inglês como em Chomsky (1995), Vitral propõe que o traço [+Neg] dos itens negativos também seja interpretável e dispensado de checagem. Nesse caso, os itens negativos se movimentam para o domínio de checagem de Neg apenas se esta opção for selecionada para eliminar o traço forte de Neg. Em frases como a de (41b) acima, o autor indica que o item *ninguém* transita pela posição de especificador de NegP antes de se alocar na posição de especificador de TP, na qual o traço D de T é checado. Os itens negativos podem, também, recebendo foco, aparecer numa posição no início da frase, após terem participado da checagem do traço [+Neg]:

- (42) Nunca, o Mané conseguirá ganhar na lota.

O autor conclui que, no PB, o movimento do verbo para T não se faz na sintaxe visível.

No caso das línguas que apresentam a negação pós-verbal, Vitral justifica e adota a posição de que o *pas* do Francês e o *ekki* e *inte* de línguas escandinavas, através da operação juntar, encontram-se adjuntos ao VP, antes do *spell-out*, e se movimentam para o domínio de checagem de Neg na sintaxe encoberta, de forma a checar o traço [+Neg], que nessas línguas é do tipo Fraco.

No Minimalismo, em que se deslocou o peso das explicações do surgimento de itens para a morfologia e o léxico, torna-se, porém, difícil dar conta dos operadores nulos na teoria, necessários para ancorar o licenciamento em muitos casos, principalmente quando as línguas estão em estágio intermediário no ciclo de Jespersen, quando acontece o apagamento do marcador negativo em PF, ou quando necessário se faz advogar a presença deles, como nos exemplo abaixo:

(43) Para ninguém o João vai dar presente este ano.

(Mioto, 1998)

Por outro lado, no entanto, vemos que o Minimalismo, pela vinculação das estruturas às questões de morfologia e do léxico, possibilita, por exemplo, a explicação de que o item *mou* do Chinês Cantonês apareça em posição pré-verbal como consequência de sua natureza afixal.

Apresentamos, a seguir, um resumo para o PB:

A) neg pré-verbal é um clítico pré-verbal, núcleo de NegP. (Mioto, 1991)

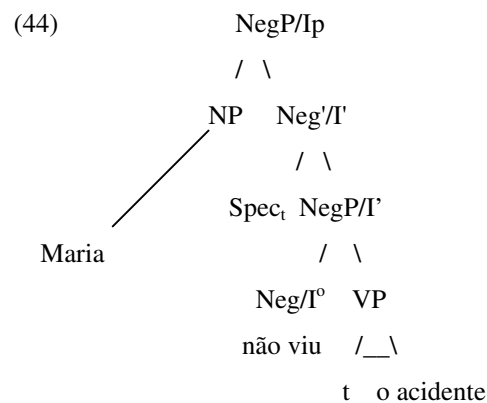
B) Neg pós-verbal é um neg externo à sentença, com a sentença movida para o Spec de Σ P.

(Oliveira, 1996)

C) Neg pré-verbal está em processo de gramaticalização mais avançado no PB baiano podendo desaparecer em alguns contextos, [Cl > afixo > $\emptyset$] (Vital, 1999)

4.2.9 - Posições assumidas

Assumiremos, pois, a proposta de Oliveira (1996), para a negação externa, e a de Mioto (1991), para a derivação da sentença negativa. Assim, estamos assumindo a existência da categoria NegP que domina TP (Pollock, 1989), e a idéia de que o *não* sentencial do PB ocupa o núcleo de NegP, havendo a possibilidade de palavras-n ocuparem o Spec de NegP, como pode ser visto na representação a seguir.

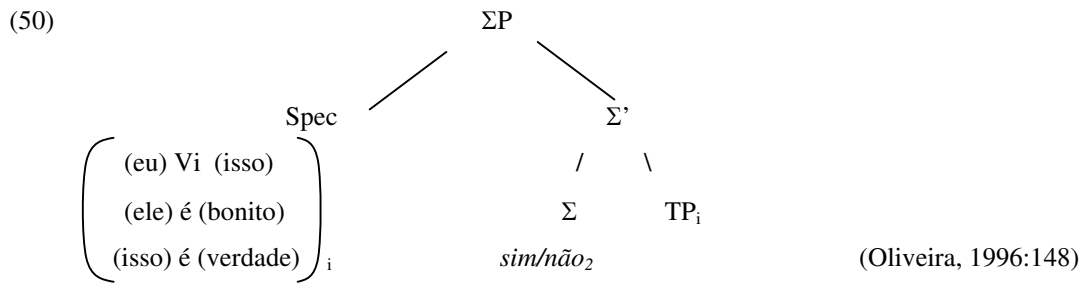


(Mioto, 1991)

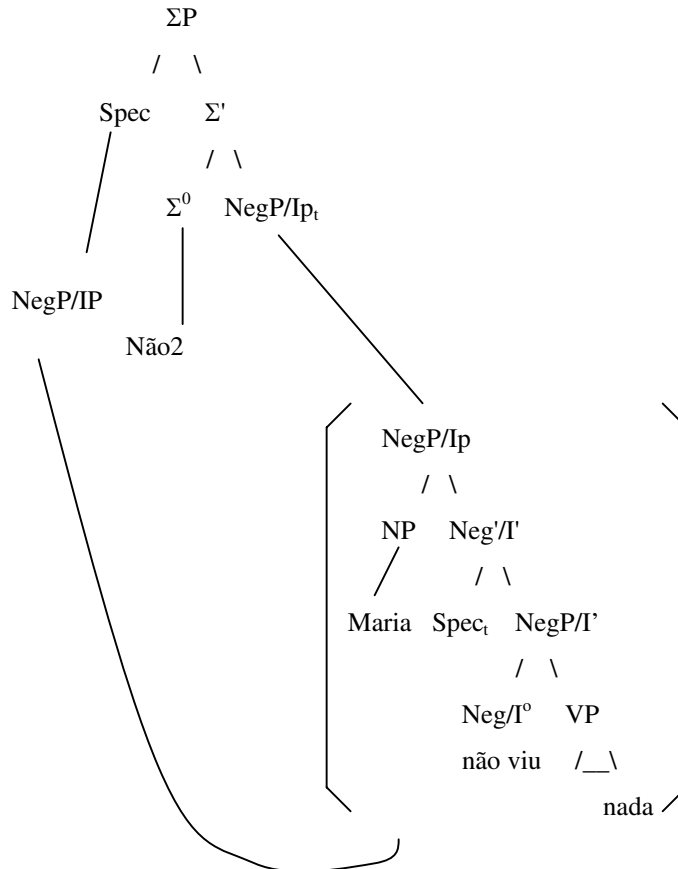
(45) [[_{SpecIP/NegP} Maria] [_{NegP/IP^o} não viu] [_{ObjVP} acidente]].

- (46) $[[_{\text{SpecIP/NegP}} \text{Maria}] [_{\text{NegP/IP}^0} \text{n\~{o} viu}] [_{\text{ObjVP}} \text{nada}]]$
 (47) $[[_{\text{SpecIP/NegP}} \text{Ningu\~{e}m}] [_{\text{NegP/IP}^0} \text{viu}] [_{\text{ObjVP}} \text{nada}]]$.
 (48) $(_{\text{SpecIP}} \text{Maria } (_{\text{SpecNegP}} (_{\text{Neg}} \text{n\~{o} viu})))$
 (49) $(_{\text{SpecIP}} \text{Maria } (_{\text{SpecNegP}} \text{nunca (viu } [_{\text{ObjVP}} \text{o carro}])))$.

A representação em (44), com base em Mioto (1991), d conta da sentença negativa com negação interna  sentença, enquanto a representação de (50), com base nos estudos de Oliveira (1996), aqui repetida, d conta da negação extra-sentenal do PB.



A seguir temos as duas árvores juntas.



(51) $[[_{\text{NegP/IP}} \text{Maria } \textit{num} \text{ viu nada}]]_{\Sigma^0} \text{ não}]]$.

Adotamos a proposta de Camargos (2002)⁴⁵, que apresenta uma reanálise do núcleo negativo incorporado em T^0 , tomando por base a teoria do movimento como cópia (Chomsky, 1995 e Nunes, 1999).

Para a geração de uma sentença do tipo de (51) o autor propõe que a computação faz, primeiramente, cópias múltiplas de *não*, formando uma cadeia descontínua. A cópia mais alta em Σ é distinta das outras, pela aplicação de *select*.

O ponto central da análise de Camargos tem base na reavaliação do estatuto do movimento e do traço do marcador negativo em posição pré-verbal. Evidencia que os marcadores negativos na sentença formam uma cadeia, e estão, por isso, sujeitos às propriedades de linearização. A realização do item *não* como clítico decorre de uma reanálise morfológica de dois núcleos em mútua relação de c-comando. O marcador pré-verbal teria formado uma palavra morfológica com o núcleo verbal, tornando-se invisível para o LCA, mas visível na Forma Fonética. Por essa razão, tanto a realização da negação como *não* ou *num* são possíveis.

A partir das propriedades dos objetos sintáticos envolvidos na computação, argumenta o autor que, se os traços estão sendo incorporados ao verbo e este complexo está sendo lido como uma única unidade fonológica, a incorporação de *num* pelo verbo impede que este elemento receba o acento de foco. O único elemento negativo que será visto pelo LCA, é a cópia distinta do elemento negativo em Σ^0 . O autor aponta que Σ^0 é o elemento relevante para projetar o rótulo do objeto formado, uma vez que este elemento estabelece uma relação de predicação com o verbo, em um passo derivacional para checagem da polaridade da sentença.

Adotamos a proposta de Camargos (2002) para justificar o fronteamento de NegP/IP para o Spec de Σ em (49), com a realização de *não* em Σ^0 .

4.3 - A negação das línguas dos sujeitos em processo de aquisição do PB

Nesta seção, faremos um resumo das propriedades das construções com negação das línguas dos sujeitos, usando como quadro teórico o que vimos no capítulo III. Ali, vimos que as línguas que tem Neg pré-verbal são as que tem Neg no núcleo de NegP e as que tem Neg pós-

⁴⁵ Para evitar uma violação teórica, passando a categoria NegP/IP por cima do núcleo Σ^0 .

verbal são as que tem Neg em Spec de NegP. Porém há que mencionar que línguas que apresentam a negação através de um afixo, como acontece com o chinês cantonês, podem mostrar essa negação em posição pré-verbal⁴⁶.

4.3.1 - Italiano, espanhol, francês (= PB)

A negação nas línguas românicas, a exemplo do italiano, do espanhol e do francês, têm estrutura semelhante à da negação do PB recebendo, por essa razão, a mesma análise. O operador de negação, que aparece em posição pré-verbal, é considerado como um núcleo nessas línguas, o que licencia CN. Em italiano, a negação é expressa pelo marcador negativo *non*, em espanhol, pelo marcador negativo *no*. Em francês, *ne* ocupa o núcleo de NegP e *pas* o seu Spec (Pollock, 1989).

(52) Gianni **non** telefona a sua madre. (italiano)

‘Gianni não telefona para sua mãe’

(53) El auto **no** arranca. (español)

‘O carro não arranca’

(54) Pierre (**ne**) mange **pas**. (français)

Pierre não come (não)

Quanto à CN, o fenômeno está presente nas três línguas:

(55) Gianni **no** dice **niente**. (italiano)

‘Gianni não diz nada’

(56) Yo **no** llamaría a **ninguno** de ellos. (español)

‘Eu não chamaria nenhum deles.’

⁴⁶ Também vimos que Neg no núcleo de Neg tem escopo apenas sobre o V enquanto Neg no Spec de NegP tem escopo sobre todo o VP, o que redundaria em não possibilidade de CN. Podemos pensar, então, que a parte que a criança usa para saber se a língua tem ou não CN é através da posição de Neg.

(57) Il n'a dit **rien**.

(francês)

Ele não disse nada'

Nas línguas dos informantes, aqui estudadas, pelo observado, nenhuma exibe a negação pós IP, ou do tipo externa do PB.

4.3.2 - Inglês (diferente do PB em posição do neg e pela ausência de CN)

A negação na língua inglesa difere da negação nas línguas românicas, uma vez que o operador negativo *not* ocupa Spec de NegP⁴⁷. Outra diferença decorre do fato de os traços do V serem fracos em Inglês, o que impossibilita o movimento de V, determinando a necessidade do 'do-support' para receber os afixos de tempo, fato que faz com que a negação do Inglês seja pós-Aux e pré-verbal. Vejamos os exemplos:

(58) a) He is **not** coming.

(inglês)

b) He isn't coming.

(59) a) She has **not** been here.

b) She hasn't been here.

(60) a) John does **not** watch TV.

b) John doesn't watch TV.

Zanuttini (1994) considera o *n't* do Inglês como um núcleo, e Ouhalla (1991) o *not* como núcleo, mas vamos discordar desses autores e adotar Pollock (1989) pois, vemos que *not/n't* não provocam o aparecimento da CN naquela língua⁴⁸.

Sendo a negação pós-verbal no Inglês, a previsão é a de que seja uma língua (-CN), o contrário do PB. Essas diferenças levam à previsão de que haverá dificuldades para os falantes de Inglês Americano na aquisição do PB, que apresenta negação pré-verbal, com o operador negativo ocupando o núcleo de NegP, com possibilidade de CN, se a teoria da transferência de S₀ estiver correta.

⁴⁷ Ouhalla (1991) equipara *not* a o *ne* do francês, ocupando, portanto, o núcleo de NegP, o Spec de NegP em inglês estaria preenchido por um operador nulo.

⁴⁸ Pode-se conceber que a redução de *not* para *n't* é fonológica.

4.3.3 – Chinês cantonês

O chinês cantonês é uma língua tonal. Uma convenção estabelece que um número é colocado à direita das palavras na escrita, indicando os diferentes tons presentes na fala.

Observemos uma sentença afirmativa:

- (61) siu₂pang₄jau₅ wan₂ wun₆goey₆ (Tsang & Stokes, chinês cantonês)
criança brinca brinquedo
‘As crianças brincam com os brinquedos’.

De acordo com Cheung (1972, apud Tsang & Stokes, 2001)⁴⁹, o chinês cantonês tem as seguintes propriedades:

A) a ordem de palavras é relativamente fixa, para expressar as relações gramaticais como sujeito e predicado. A ordem predominante é SV(O), havendo também a possibilidade de ordens como OSV ou VS. Essas variações ocorrem sob certas condições, como na topicalização (OSV). Os exemplos são de Tsang e Stokes (2000).

- (62) Ni₁ di₁ je₂ ngo₅ m₄’sik₁ ge₃ (Tsang & Stokes, chinês cantonês)
Este negócio I não sei partícula
‘Eu não sei nada desse negócio’.

O PB também admite a topicalização e, portanto, vê-se que não haverá problemas quanto a esse tipo de construção para nosso falante.

B) Embora no nível da sentença a ordem seja SVO (núcleo inicial), o chinês cantonês é núcleo final (head last) para o sintagma nominal (*Cheung Mr*). O PB é núcleo inicial. Se houver transferência de sintaxe a inversão da ordem dos constituintes será notada.

De fato, os exemplos abaixo mostram essa inversão na fala de nosso informante.

⁴⁹ TSANG & STOKES. ‘Syntactic awareness of Cantonese-speaking children’. In: *Journal of Child Language*, 28:703-739. 2001.

(63) ... brasileira irmã. (Entrevista 1)

(64) ... ele nome (Entrevista 1)

Quanto à ordem do sintagma verbal, vejamos:

(65) ngo₆ sei₂ keoi₅ la
fome morre dela partícula
'Ela morre de fome'

A ordem OVS (fome morre ela) é inversa à ordem do PB. O falante precisará fazer algum ajuste para atingir a estrutura da língua alvo.

C) O verbo cópula *hai* geralmente é omitido da sentença, a inserção de *hai* tornaria a sentença (67) agramatical.

(66) keoi₅ leng₃
Ela bonita
'Ela é bonita'

Quanto à negação, objeto de nosso estudo, vemos que as sentenças negativas variam, conforme estejam no presente ou no passado⁵⁰:

(67) John *m₄ging₃* Suzy. (Presente)
John não vê Suzy
'John não vê Suzy'
(68) John *mou₅gin₃* Suzy. (Passado)
John não viu Suzy.
'John não viu Suzy'.

⁵⁰ Há quatro formas de marcadores de negação em cantonês: /mou₅/, /m₄/, /mai_{2,5,6}/, mei₆/. Ex. m₄hou₂ = not have; m₄leng₃ = not beautiful.

No caso em que se deseja enfatizar o resultado, acrescenta-se ‘*dou2*’:

- (69) John *mou*₅ gin₃ dou₂ Suzy. (chinês cantonês)
John não viu mesmo Suzy
‘John não viu mesmo Suzy’

A possibilidade de uma forma forte *mou* ou uma reduzida *m* leva à hipótese de que ela é um XP como no inglês. A ausência de concordância negativa nessa língua confirma essa previsão. Diante desses fatos, percebemos que a primeira Generalização apresentada anteriormente, não se sustenta, pela contra-evidência encontrada no chinês cantonês.⁵¹

Logo, só vale a segunda implicação, mas não a primeira: neg núcleo $\supset$ +CN.

Ficamos, portanto, com a generalização 2, aqui repetida:

(70) Generalização 2

Neg em posição de Spec = negação pós V ou $\text{afixoNeg V} \rightarrow [-\text{CN}]$

O que parece ocorrer é que, estatisticamente, a maioria das línguas com neg=XP é pós-verbal, mas há casos que contrariam essa previsão, como o chinês antonês.

O chinês cantonês pode ser considerado como uma língua de DN⁵², similar à língua inglesa, não admitindo CN. Os exemplos são de Sze-Wing (2001).

- (71) Keoi *m* zidou jamho je. (presente) (- CN)
ele não sabe alguma coisa
Ele não sabe coisa alguma.

- (72) Keoi *mou* zou jamho je. (passado) (- CN)
ele não fez algo
Ele não fez coisa alguma.

⁵¹ A explicação mais plausível é a de que, provavelmente, o V do cantonês não sobe, nem mesmo o Auxiliar, e consequentemente, Neg aparece em posição pré-verbal (Kato, em comunicação pessoal).

⁵² De Double Negation (DN).

Resumindo, podemos afirmar que o chinês cantonês difere do PB em, pelo menos, quatro aspectos da negação: neg em XP vs X⁰; (-CN) vs (+CN); [-V-para I] vs [+V-para-I]; morfema preso x morfema livre. Esses fatos poderão dificultar a aquisição da negação do PB pelo falante de chinês cantonês.

4.3.4 - Polonês (Bielec, 1998)

O polonês⁵³ é uma língua eslava, que tem como característica formas flexionadas. As relações sintáticas são expressas por meio de formas declinadas e também pelo uso de palavras funcionais como as preposições. O polonês tem sete casos: nominativo, acusativo, genitivo, dativo, instrumental, locativo e vocativo, com as respectivas formas morfológicas. Segundo Stanislawski (1969), o exemplo em (74) admite as ordens variantes de (75) sem alteração do significado da sentença:

- (73) Matka chwali corke. SVO
Mãe elogia filha.’
- (74) a) Corke chwali matka.
b) Chwali matka corke.

Para a descrição da sintaxe da negação do polonês, estamos seguindo Przepiórkowski & Kupsé, (1997), doravante P&K. Para esses autores, a negação do polonês tem as seguintes características:

A) A negação é pré-verbal e o genitivo da negação (GoN) é um fenômeno presente na língua polonesa. Acontece quando um verbo que atribui caso acusativo vai para a forma negativa. Na sentença negativa, o caso acusativo passa a ser genitivo. Vejamos os exemplos:

- (75) a) Jan kupuje domu/*domu.
John cinora casa_{acc/*gen}
‘John está comprando uma casa’
- b) Jan nie kupuje domu/*dom.
John não compra casa_{gen/*acc}
‘John não está comprando uma casa’

⁵³ Os diacríticos da escrita do Polonês não estão sendo aqui transcritos por problemas de impressão.

B) Admite a Concordância Negativa (CN). É obrigatória a presença do operador *nie* nas sentenças com CN, juntamente com as palavras-n.

- (76) Marysia **nie** dala **nikomu** ksiazki
Mary não deu ninguém livro
‘Mary não deu o livro para ninguém.’

O exemplo (76) mostra ordem idêntica à do PB para a CN. Portanto, quanto a esse tipo de estrutura, a previsão é a de que não haverá problemas para a aquisição da L2 pela nossa informante. Porém, diferente do polonês, em PB as palavras-n podem aparecer sem o operador de negação quando em posição pré-verbal.

- (77) Ninguém viu nada.
(78) Nada foi pago.

C) Diferentemente de outras línguas, a CN no polonês não depende da posição linear das palavras-n; o resultado será sempre uma negação simples. O que se nota é que as palavras-n podem preceder o operador de negação *nie*⁵⁴. Em português o operador *não* sempre precede as palavras-n⁵⁵. Vejamos os exemplos:

- (79) *Nikt nie przyszedl.*
Ninguém não veio
‘Ninguém veio’
(80) Marysia *niczego nie* dala Jankowi.
Maria nada não deu para João.
‘Maria não deu nada para o João’

⁵⁴ Em catalão, uma língua românica, há esse tipo de CN. (i) Ningú no há vist res.
Ninguém não tem visto nada.
‘Ninguém viu nada’

⁵⁵ Alguns dialetos do PB admitem esse tipo de CN. (ii) Ninguém não veio.
(iii) Ninguém não viu nada.

As palavras-n e o operador *nie* dos exemplos acima aparecem na posição pré V_{fin} , diferentemente da CN no PB que, geralmente surge com um item pré-verbal e o outro na posição pós-verbal. Observamos, ainda, que há adjacência entre o operador de negação *nie* e o verbo em polonês. No PB, também acontece haver adjacência entre o *não* e o verbo, mas a CN no PB acontece com o operador *não* em posição pré-verbal e as palavras-n parecem na posição pós-verbal. Esta diferença poderá constituir-se em um problema para a aquisição de nossa informante.

Pode-se supor que, de igual forma que se postularam dois AGRs: AgrsP e AgroP, as línguas naturais permitam ter NegsP e NegoP, o primeiro para CN2 com sujeito, que o Polonês ativa, e o segundo com a CN1 do tipo existente no PB (Kato, c.p.).

D) No entanto, diferente do PB, as palavras-n no polonês não podem ser licenciadas por outras palavras-n em posição pré-verbal.

4.4 - Conclusões

Com a apresentação das características da negação e de fenômenos correlatos no PB e nas línguas de nossos informantes, é possível prever onde e porque os informantes podem, eventualmente, encontrar facilidades, dificuldades ou ter sua aprendizagem retardada, se assumirmos a hipótese do acesso indireto, via L1.

Traçamos abaixo um resumo comparativo das estruturas das línguas envolvidas, se a L1 é = S_0 .

Espanhol, francês e italiano = PB: [+ V para I; Neg = núcleo $\therefore$ + CN]

Inglês: [-V-para-I; Neg = XP $\therefore$ -CN, + inserção de Aux em I]

O chinês cantonês: [-V para I; Neg = XP $\therefore$ - CN , - inserção de Aux em I]

Ao lado das questões do movimento, podemos acrescentar o que se refere à possibilidade de uma concordância negativa em posição pré-verbal. Trata-se de línguas como o polonês, que admite CN em posição pré-verbal, e do PB, que não admite essa concordância nessa posição, temos, então, um outro tipo:

Polonês: [- V-para-I, Neg = núcleo, + NegoP $\therefore$ + CN]

Em Witkos (1996), encontramos a observação de que o núcleo de NegP em Polonês deve estar sempre lexicalizado, sendo obrigatório, e que Polonês não tem movimento de V-para-I.

Com base na teoria dos conjuntos, podemos pensar na seguinte sub-parametrização para a CN, considerando as observações acima:

$$\begin{array}{ll} [+ \text{ CN sujeito}] \supset [+ \text{ CN complementos}] \\ (\text{sub-conjunto}) & (\text{conjunto maior}) \end{array}$$

As línguas teriam a seguinte variação:

$$[-\text{CN}] \vee ([+ \text{ CN sujeito}] \rightarrow [+ \text{ CN complemento}])$$

É com base nessas descrições, que pretendemos analisar a aquisição de L2 pelos sujeitos de nossa pesquisa.

No próximo capítulo, procedemos à análise dos dados coletados.

Capítulo V – Análise dos dados

5.1 – Introdução

Nossos informantes pertencem a línguas de tipos diferentes quanto a terem:

- a) movimento de V para I ou não;
- b) Neg no núcleo ou em XP; tendo como consequência permitirem ou não,
- c) a concordância negativa (CN).
- d) negação externa

Os falantes de línguas +CN, espanhol, francês e taliano estão no grupo I, por razões já explicitadas. No grupo II, estão as amostras do inglês americano e a de Chinês Cantonês, línguas (-CN). Analisamos, também, uma amostra de Polonês, língua [+CN]. Para a análise, além dos exemplos que envolvem as expressões-n, outros exemplos de estruturas, que auxiliem na prova de hipóteses que estamos assumindo, serão também mencionados.

Nosso interesse pelos estágios iniciais da aquisição de L2 norteou a coleta de dados dos informantes, a partir do momento em chegaram ao Brasil, com o início das gravações num período de 1 a 4 meses. Embora tenhamos nos concentrado nos estágios iniciais, precisamos registrar que, como afirma White (1996:8), mesmo quando estudamos a fala dos informantes do momento em que eles começam a falar a L2, não podemos ter plena certeza de que estamos obtendo dados do estágio inicial mesmo, pois pode existir uma gramática do período silencioso que precede as primeiras produções. Nossas observações repousam, no entanto, sobre o que temos, de fato, nas amostras. Lembramos que quase todos os informantes analisados eram bilíngües e que, portanto, temos que pensar que poderia haver também transferência da gramática de alguma outra L2 já adquirida anteriormente por esses falantes. Entendemos, porém, que a L1 será de grande peso no processo de aquisição da L2.

5.2 – Grupo I: Espanhol, italiano, francês

Examinaremos, a seguir, as amostras de falantes de línguas consideradas semelhantes ao PB, com negação pré-verbal no núcleo de NegP, e [+ CN]. Por terem o parâmetro semelhante ao do PB, se o estado inicial para a L2 for a L1, a previsão é a de que os falantes apresentarão a CN logo de início.

5.2.1 – Espanhol

Para iniciar, tomamos os dados de nosso primeiro trabalho (Fonseca, 1999), sobre a aquisição do PB por uma falante alemã, e contrastamos os dados de aquisição do alemão, uma língua do tipo (-CN), com os dados de uma falante de espanhol, língua do tipo (+CN). Constatamos que a falante de espanhol apresentava a CN já de início, o que não aconteceu com a falante de alemão. Os exemplos abaixo são da entrevista 1 da fala de **Sylvia**, colombiana que estava, há dois meses, em Campinas/SP.

(01) Eu **non** queria falar...

(02) E ele **non** tinha muito tempo

(03) **Non** conocia **ninguém**.

(04) Eu **non** gosto **ningum** tempero

(05) Quando tentei falar **ninguém** me entendia.

A constatação de que CN já fazia parte da fala de Sylvia poderia ser uma indicação de que a falante estava operando na gramática de sua L1 para essa concordância, comprovando, assim, a hipótese do $S_0 = L1$ e do acesso indireto à GU, via L1⁵⁶, que assumimos.

5.2.2 – Italiano

Se assumirmos que Neg = XP é o valor *default*, a CN no estágio inicial da aquisição dos falantes de línguas (+CN) mostra que eles estão operando em sua L1 e não na gramática *default*. Para confirmar essa hipótese, preparamos testes, que foram aplicados a falantes de Italiano, recém-chegados ao Brasil.

Os testes constaram de um texto em italiano⁵⁷, traduzido pelos informantes para o PB. Se a CN aparecesse na tradução, estaria constatada a transferência do parâmetro, que, nesse caso, é indício de acesso à gramática de L1. Os exemplos abaixo são transcrições das ocorrências dos resultados dos testes feitos com informantes de L1 italiano, Dário, Sérgio e Aldo, que estavam há 1 mês e dez dias no Brasil.

⁵⁶ No entanto, quando a L1 for igual à opção *default*, como observado por Xavier (1999), não se pode decidir se o aprendiz está usando a GU ou sua L1, já que as duas opções são iguais.

⁵⁷ Ver anexo.

- (06) não sei explicar como... (Dário)
- (07) esperar una resposta que nunca chegava...
- (08) O personal do aeroporto não me...não me deu nenhum aviso.
- (09) Ninguém me disse nada.
-
- (10) não sei explicar como (Sérgio)
- (11) Ninguém me falou nada
- (12) esperar una resposta que nunca chegav
- (13) Pensei em mi nunca encontreró essa mala
-
- (14)... ninguém me disse nada (Aldo)
- (15) O personal do aeroporto não me...não me deu ninheu, nenhum aviso
- (16)... não procurei nada

Observamos que os falantes de Italiano mostraram a presença da CN nas traduções, em fase bem inicial, sugerindo que a hipótese do $S_0 = L1$ pode estar correta.

5.2.3 – Francês

Para verificar se, mesmo sem o estímulo escrito, como foi o caso do italiano, o falante de línguas [+CN] usariam sua competência em L1, fizemos entrevistas com falantes de francês, para verificar se também mostrariam, de forma análoga aos nossos informantes de espanhol e de italiano, a CN nas fases iniciais.

5.2.3.1 - Os exemplos seguintes são da entrevista 1 de **Rokya**, da Costa do Marfim, informante que tem francês como L1, que estava há dois meses em Campinas/SP.

- (17) Eu **não** sei.
- (18) Nós **não** podemos te ajudar
- (19) Ela **num** fez **nada**, nada.
- (20) A velha **não** fala **nada**. Eles vão

A falante apresentou a negação pré-verbal e a CN desde a primeira entrevista, indicando, tal como o previsto, que $S_0 = L1$, confirmando, portanto, a hipótese de acesso indireto à GU, via L1.

5.2.3.2 – Outra informante entrevistada foi **Emily**, que nasceu na Suíça, é bilíngüe, tendo francês e inglês como L1. Foram feitas cinco entrevistas com a informante, totalizando 120 minutos de gravação. Os exemplos seguintes provêm da fala de Emily.

- | | | |
|------|-------------------------------|----------------|
| (21) | Eu não sei signifique. | (Entrevista 1) |
| (22) | Às vezes eu não entende nada. | (Entrevista 2) |
| (23) | ...muitos têm nada. | (Entrevista 4) |
| (24) | Se é não possível. | (Entrevista 4) |

Através da análise da fala de Emily, vemos que a informante transferiu do francês o parâmetro de Neg pré-verbal e a CN para a L2. O que parece ser importante no caso, é a negação pré-verbal, em posição de núcleo, que, como sabemos, determina a CN. O exemplo (24), tanto poderia ser uma construção com o *pas* do francês ‘C’est pas possible’ ou estrutura da língua inglesa, em que o Aux é alçado ‘If it’s not possible’. Os exemplos mostram que Emily transita entre duas gramáticas, a do francês, que lhe possibilita ter a CN desde o início, e a gramática do inglês, que causa estruturas como a de (23 e 24). De qualquer forma, os saberes lingüísticos prévios, das duas línguas maternas da informante, parecem ter sido seu estado inicial e não o *default*.

A previsão da teoria do acesso indireto se confirma, pois, se os parâmetros são iguais, espera-se que a negação pré-verbal e a CN apareçam logo no início do processo de aquisição. E foi o que aconteceu, efetivamente.

5.2.4– Conclusão sobre os dados de espanhol, italiano e francês

A utilização de dados escritos, no caso dos informantes italianos, e dados orais no caso dos informantes do espanhol e do francês, não prejudica nossa conclusão. A análise desses dados permite a afirmação de que os falantes de espanhol, francês e italiano, mostram ter a negação pré-verbal e a CN desde o início da aquisição do PB, corroborando as hipóteses iniciais mencionadas sobre o acesso indireto à GU, via L1.

5.3 – Grupo II: Inglês Americano como L1 e PB como L2/L3

Quando comparamos o PB, que tem V-para-I e admite a CN, com o inglês, língua que não admite nem V-para-I, nem CN, podemos prever que haverá alguma dificuldade para essa aquisição, pois, pela teoria que adotamos, será necessária uma alteração no valor do parâmetro, para que os falantes de inglês americano atinjam a gramática da L2. Lembramos, ainda, que o *input* de L2 para esses falantes foi o PB baiano, que admite o apagamento do *não* pré-verbal.

Retomando as informações que temos sobre a sintaxe da negação em inglês, podemos delinear o seguinte resumo: o inglês não tem movimento de V-para-I dos verbos temáticos, O PB tem; o inglês tem Neg em Spec de NegP e o PB tem Neg no seu núcleo. A relação entre Neg nuclear e a estrutura [+CN], e Neg (XP) e a estrutura [-CN], já estudada, explica porque o inglês não tem CN. O falante americano terá que descobrir que Neg em PB é pré-auxiliar e pré-verbal (e núcleo de NegP) e não apenas pré-Aux, como no inglês, justamente por que o inglês não tem movimento de V-para-I. Como consequência dessa descoberta, conforme o previsto, o falante de inglês passará a exibir a gramática da negação do PB.

Passemos às análises das amostras de fala de nossos falantes com L1 Inglês Americano⁵⁸ levando em conta os fatos acima revistos.

5.3.1 – Análises da fala dos informantes americanos

Temos cinco falantes que têm inglês americano como L1. São eles Angélica, Byron, Cristina, Mark e Mônica, todos residentes na Califórnia/EUA. Todos eles, além de inglês, exceto Byron, falam também espanhol. Consideramos que Byron tem conhecimento de espanhol por já ter tomado aulas dessa língua e por viver na Califórnia, estado americano em que espanhol é considerado como uma segunda língua.

Passemos aos exemplos da fala de nossos informantes americanos. Na entrevista 1, todos os informantes mostram a negação pré-verbal.

⁵⁸ Agradecemos ao pessoal do Departamento de Português como língua estrangeira da (Associação Cultural Brasil Estados Unidos) por permitirem as entrevistas dos alunos do programa de ensino de Português para estrangeiros daquela instituição.

Estrutura (a) Neg + V

(25) Acho que não temos aula.	(Angélica)
(26) Não comi salada.	(Angélica)
(27) ...mas não quer fumar mais.	(Byron)
(28) eles não tem muitos dados.	(Byron)
(29) Pessoas não tem casa.	(Byron)
(30) Eu não falo francês... ah... muito bem.	(Cristina)
(31) Eu não danço.	(Cristina)
(32) Non estan ciudades pobres, non juntos.	(Cristina)
(33) Não temos aula esta tarde.	(Mark)
(34) Não sei se é obrigatório de ir ao teatro.	(Mark)
(35) Não estou acostumado a essa datação.	(Mark)
(36) Tenho, mas non vivo com eles.	(Mônica)
(37) No sei o nome.	(Mônica)

Por ser a L1 desses falantes o inglês esperava-se que apresentassem a negação pós-verbal para os auxiliares e modais, fato que não ocorreu na maioria dos casos. Ocorreu, sim, no exemplo (24), com a negação pós-cópula. Se compararmos esse resultado com o de nossa informante alemã, vemos que a alemã apresentou a negação pós-verbal no início. Sabemos que os informantes americanos falavam espanhol, uma língua de negação pré-verbal, nuclear. Podemos, então, cogitar que os falantes se valeram do conhecimento que já tinham do espanhol como ponte para a aquisição do PB. Nesse caso, podemos afirmar que a $S_0 = L2$, tendo funcionado para acesso ao PB como L3. A hipótese de acesso indireto à GU, via L2, fica aqui registrado.

Outro ponto observado foi o surgimento das palavras-n, que aparecem isoladas em dado momento, em contextos onde o PB não requer CN.

Estrutura (b1) presença de palavras-n sem concordância negativa:

(38) Ninguém sabia como fazer.	(Angélica, entr. 1)
(39) Eu nunca conhecia guaraná.	(Angélica, entr. 1)

- | | |
|---|---------------------|
| (40) Nunca viajei ali antes. | (Cristina, entr. 1) |
| (41) Em apartamentos e nadie mora em casas. | (Cristina, entr.1) |
| (42) Ninguém me fala. | (Mônica, entr. 5) |

Dois informantes apresentaram CN já nas primeiras entrevistas:

- | | |
|--|------------------|
| (43) ...non tenia... nenhuma idéia o que ... | (Mark, entr. 1) |
| (44) ...não se perguntou nada. | (Byron, entr. 2) |

Vimos no trabalho anterior, com a falante alemã, que as palavras-n também surgiram de forma isolada, depois do neg pré-verbal e logo após a aquisição desses itens, a CN surgiu. A ordem de aquisição se repete. Esperamos que a CN apareça em seguida, o que de fato acontece. A presença da CN é atestada nos seguintes exemplos:

Estrutura (b2) presença de palavras-n com a concordância negativa

Os exemplos com CN estão junto às tabelas.

Há, como mencionado acima, indícios de transferência do conhecimento do Inglês e do Espanhol, conforme mostram os exemplos:

- | | |
|--|----------------------|
| (45) Você nunca tem visitado o México? | (Angélica, Espanhol) |
| (46) Não sempre é possível, mas ... | (Angélica, Inglês) |
| (47) ... é não importante. | (Mônica, Inglês) |
| (48) Tem muitas diferentes lojas. | (Angélica, Inglês) |

Podemos afirmar, pelos exemplos encontrados que houve transferência da sintaxe da L1, em alguns casos, e da L2, em outros, o que comprova ter havido acesso indireto à GU, pelos efeitos observados. A tese do $S_0 = L1$ se confirma, e a tese de $S_0 = L2$, espanhol, se apresenta. Para confirmar a tese anterior de Fonseca, com a falante alemã, seria necessário conseguirmos um falante de inglês que não fosse bilíngüe inglês/espanhol, mas isso não foi possível, ficando para um futuro trabalho obtermos dados adicionais.

5.3.2 – Tabelas

Passemos, a seguir, a um resumo, em forma de tabelas⁵⁹, sobre o desempenho dos informantes americanos, com comentários adicionais, onde pertinente.

Tabela 1 – Negação na fala de Angélica

Entrevista	Tempo	Neg + V	Palavras-n		
		Ocorrências	Palavra-n Pré-verbal	Palavra-n Pós-verbal	+ CN
1	15min	01	-	-	-
2	30min	08	2 x nunca 1xninguém	-	-
3	30min	07	-	-	-
4	45min	18	-	-	-
5	30min	20	-	1 x nada	1
Total	150'	54	3	1	1

Com negação de constituinte a falante usa *não* em vez de *nem*, mostrando transferência de seu conhecimento do Inglês.

(49) Não sempre é possível, mas...

(Angélica, entr. 2)

A presença da CN aparece na entrevista 5.

(50) Então não tem nada que não gostei.

(Angélica, entr. 5)

Tabela 2– Negação na fala de Byron

Entrevista	Tempo	Neg + V	Palavras-n		
		Ocorrências	Palavra-n Pré-verbal	Palavra-n Pós-verbal	+ CN
1	10min	06	-	-	-
2	45min	41	1 x nunca 2xninguém	-	-
3	60min	87	1 x nunca 4xninguém	2 x nada 1 x nunca	3
Total	120'	134	8	3	3

⁵⁹ Não incluímos tabela referente aos dados do informante Mark porque com ele fizemos apenas duas entrevistas.

No exemplo abaixo, Byron mostra uma estratégia para evitar a CN, ele constrói dois VPs, provando que naquele momento, estava operando na gramática da língua inglesa, que não admite CN. Consideramos o exemplo abaixo como um indício de transferência de sintaxe de L1 para L2.

(51) Eu não sabia Vitória é um ...sabia nada sobre bairros de Salvador. (Byron, entr. 3)

A CN aparece nas entrevistas 2 e 3.

(52) ...eu não como nada. (Byron, entr.2)

(53) Ninguém reclama nunca. (Byron, entr. 3)

Tabela 3 – Negação na fala de Cristina

Entrevista	Tempo	Neg + V	Palavras-n		
		Ocorrências	Pré-verbal	Pós-verbal	+CN
1	15min	09	1 x nunca 1 x nadie	-	-
2	25 min	14	1 x nunca-	-	-
3	30min	14	-	-	-
4	30min	17	1x ninguna	2 x nada	2
5	40min	19	2 x nunca	-	-
Total	140'	73	6	4	2

Com a presença de CN:

(54) E antes não entendi nada. (Cristina, entr. 4)

(55) Não entendi nada. (Cristina, entr. 4)

Tabela 4 – Negação na fala de Mônica

Entrevista	Tempo	Neg + V	Palavras-n		
		Ocorrências	Pré-verbal	Pós-verbal	+CN
1	15min	04	-	-	-
2	30min	10	-	-	-
3	30min	13	-	2 x nada	2
4	45min	7	-	-	-
5	30min	17	2xninguém	2 x ninguém	2
Total	120'	51	2	4	4

Com a presença da CN:

- (56) Sexta-feira não faço nada. (Mônica, entr. 3)
 (57) Não fizemos nada. (Mônica, entr. 3)
 (58) Ninguém fala nada. (Mônica, entr. 5)
 (59) Ninguém fala nada. (Mônica, entr. 5)

Examinando as tabelas, confirma-se a existência de uma seqüência desenvolvimental, fato já observado, em que o falante primeiro usa as palavras-n de forma isolada, onde PB não requer CN, para depois, combinando o operador *não* com as palavras-n, usar CN.

O que observamos é que a CN só acontece com palavras-n em posição pós-verbal, pelo menos nas variantes do PB do presente estudo.

5.4 – Chinês cantonês como L1 e PB como L2

Lembrando que o chinês cantonês difere do PB em, pelo menos, quatro aspectos no que se refere à negação: núcleo XP vs X⁰, (-CN) vs (+CN), [-V-para I] vs [+V-para-I], morfema preso x morfema livre, e que esses fatos poderão dificultar a aquisição da negação do PB pelo falante de chinês cantonês, passamos à análise da fala desse informante, iniciando pelo resumo das ocorrências verificadas.

5.4.1 - Análise da fala de Johnny

A negação pré-verbal aparece desde o início das entrevistas, como vemos nos exemplos⁶⁰ a seguir:

(60) Não sei como fala (em) chinês. (entr. 1)

(61) Eu não gostei. (entr. 1)

A tabela 6 nos revela que o informante começa a apresentar os itens lexicais que vão lhe permitir adquirir a CN a partir da entrevista 2; na entrevista 5, aparece o item *ninguém*. O item *nenhum* não aparece na fala de nosso informante. A negação externa do baiano aparece na entrevista 5.

Uma particularidade do PB são os traços fortes do V, que provocam o movimento do verbo para Infl para checagem de traços *phi* e nominativo. O PB tem V-para-I também no infinitivo, como no italiano. Mas, em chinês cantonês, o V tem traços fracos, pois o verbo não se movimenta para Infl, permitindo que um advérbio intervenha entre o Neg e o verbo. Os dados de Johnny mostram que ele está usando sua L1, pois nos exemplos abaixo, vemos essa intervenção.

(62) Ele não muito gosta. (entr. 2)

(63) Ele não muito dormir. (entr. 5)

Lembremos, ainda, que a posição de negação na superfície não revela a aquisição do seu estatuto como núcleo ou um XP.

Para a aquisição de CN, o informante terá de assimilar a propriedade nuclear do PB, uma vez que em sua L1 é diferente, com negação em XP.

Os exemplos a seguir mostram que o informante hesita, produzindo dois VPs. O falante parece estar em uma fase intermediária, entre o PB e o Chinês Cantonês, no entanto, a gramática que prevalece é a do Chinês Cantonês, que não admite CN.

(64) Eu não faz.... eu faz nada. (entr. 2)

(65) Não sei... sei nada. (entr. 3)

⁶⁰ No entanto, no exemplo abaixo, Johnny parece estar usando o 'not' do Inglês, onde deveria usar 'nem'.

(i) Não tudo é casa. (Entrevista 1)

(66) Não sei... sei nada.

(entr. 3)

As fases observadas para a aquisição de CN na fala da informante de alemão, do nosso primeiro trabalho, se repete, com exceção do Neg pós-verbal, que não aparece na amostra de Johnny. A primeira hipótese ali sustentada de que o alemão é o *default* parece ser invalidada. Vimos, porém, que a posição em que a negação surge superficialmente não é parte do parâmetro que define a CN, mas sim a sua posição estrutural (X^0 ou XP). Se ambos, alemão e chinês cantonês são iguais (Neg = XP), pode-se cogitar que o *default* é:

(67) [neg = XP] $\supset$ [-CN]

Apesar do falante chinês apresentar estruturas do tipo V+palavras-n, sem o operador *não*, nas entrevistas 3, 4 e 5, o que remete à impressão de ausência de CN, essas ocorrências não foram assim computadas, porque o informante pode estar falando o PB baiano. Não temos como saber se o informante produziu a CN em outras ocasiões anteriores à entrevista 5, mas nosso trabalho toma por base somente as evidências encontradas nos dados colhidos.

(68) Mas em Brasil tem nada.

(entr. 3)

(69) China sabe nada.

(entr. 4)

(70) Pelourinho tem nada.

(entr. 5)

(71) Eu fazer nada.

(entr. 5)

Mas na mesma época, a negação externa ou de reforço do PB, considerada como do tipo pós-IP, surge na fala de Johnny, o que leva à primeira hipótese de que ele já esteja operando com a gramática do PB baiano.

(72) Porque eu com... conhece Salvador não.

(entr. 4)

Por outro lado, na entrevista 5, o falante ainda apresenta a estrutura com o advérbio entre o *não* e V, indicando que ainda está operando na gramática do chinês, como indica (63), aqui repetido.

(73) Ele não muito dormir.

(entr. 5)

No entanto, logo a seguir, na mesma entrevista, como marcador da fita em 669, o informante usa a CN. Nosso entendimento é que, no exemplo abaixo, o falante demonstra ter a negação nuclear do PB.

(74) Não pode fazer nada.

(entr. 5)

Só a partir daí vamos poder dizer que o parâmetro para a CN já está marcado, com Neg na posição de núcleo embora outros aspectos não estejam consolidados.

5.4.2 – Resumo da análise da fala de Johnny

Resumindo, o informante apresentou cinco estruturas distintas em sua aquisição da negação no PB.

Estrutura (a) Neg + V

Não sei.

(entr. 1)

Eu não fui, eu não vai, eu não vou.

(entr. 2)

Estrutura (b) Neg + Adv + V

Ele não muito gosta.

(entr. 2)

Ele não muito dormir.

(entr. 5)

Estrutura (c) Eu V nada.

Eu estudo nada.

(entr. 2)

Eu faz nada.

(entr. 2)

Estrutura (d) Neg V palavras-n

Não pode fazer nada.

(entr. 5)

Estrutura (e) Neg V neg

Não tem não.

(entr. 5)

Eu faz nada.

(entr. 2)

Podemos afirmar que a aquisição de nosso falante chinês mostrou acesso à sua L1, como mostrado pelos exemplos (65-66).

O estágio em que ele mostra uma gramática intermediária, nos exemplos (62-63) revelam que o informante mantinha Neg em XP de sua L1, que é igual ao valor *default*, o que se comprova pela ausência de CN. Houve mudança do parâmetro de XP para X^o, como demonstrado em (74).

Tabela 5 – Negação na fala de Johnny

Entrevista	Tempo	Neg+V	V+Neg	Pal.-n Pré-verbal	Pal.-n Pós-verbal	+CN	-CN	Neg Pós-IP
1 29.11.97	60 min	37	-	-	-	-	-	-
2 05.12.97	42 min	72	-	-	2 x nada	-	-	-
3 02.02.98	30 min	71	-	-	6 x nada	-	-	
4 17.02.98	33 min	49	-	-	3 x nada	-	-	1
5 03.03.98	29min	75	-	2xninguém	4 x nada, 2xninguém	1	-	1
Total	194min	120	-	2 itens	17 itens	1	-	2

5.5 - Polonês como L1 e Português Brasileiro como L2

O polonês não tem movimento de V-para-I, e o PB tem; o operador de negação é obrigatório em todas as sentenças negativas em polonês, em PB podemos ter o apagamento do *não* pré-verbal e palavras-n podem licenciar outras palavras-n para a CN, o que não é permitido em polonês.

O polonês, embora seja uma língua de CN e de negação pré-verbal, apresenta a configuração de uma CN na posição pré-verbal, não admitida no PB⁶¹. A CN do PB, com um item negativo em posição pré-verbal e palavras-n em posição pós-verbal, será denominada de CN do tipo 1 e a do tipo polonês como Concordância do tipo 2. Pela similaridade do tipo de CN1, espera-se que a falante a adquira facilmente, prevendo-se alguma dificuldade para a

⁶¹ Como vimos, o PB admite, para alguns dialetos, o mesmo tipo de CN em posição pré-verbal, encontrada no polonês.

aquisição da CN2, já que o conhecimento adquirido naquela língua não poderá ser integralmente transferido, em termos de marcação, para o PB.

Quanto à tipologia, sendo o PB uma língua SVO e o polonês uma língua de ordem livre, entendemos que não haverá problema para a aquisição do PB pela informante polonesa, considerando que os autores admitem que a ordem SVO é uma ordem usual não marcada no polonês (Bielec, 1998:270).

5.5.1 - Análise da fala de Olga

A informante mostra saber usar o operador de negação *não* do PB, como nos exemplos a seguir:

(75) Ele não tem educação. (entr. 1)

(76) Ele não fala bem Polonês. (entr. 1)

A posição do advérbio *bem* demonstra que Olga já tem o movimento de V-para-I do PB.

No entanto, observando os dados, para nossa surpresa, vimos que a informante apresenta regularmente uma estrutura com dois itens negativos repetidos. Olga parece perceber que a construção negativa não é exatamente igual ao polonês, daí, titubear⁶². Em (83) ela titubeia, mas acerta, uma vez que a falante não usa o *não* nesses casos, mostrando uma estratégia bem consciente.

(77) Tenho que ir falar com gente de DAC e **non non** posso falar ainda. (entr. 1).

(78) E mangos também, mas mangos muito caros. Eu **nunca nunca** comprar. (entr. 1)

(79) Meu primeiro problema é que **non non** falo português bastante, **non non** posso falar com pessoas, perguntar, eu **non non** entendo, por exemplo quando pessoas falar rápido. (entr. 1)

(80) Eles querem ter certeza eu tenho dinheiro para ficar aqui .. **ninguém ninguém** verificou se ele tem ou não tem. Muito estranho. (entr. 6)

⁶² Seria interessante pensar que essa repetição não é um mero titubeio, mas algo que reflete a estrutura do polonês.

A forma dobrada pré-verbal aparece por toda a amostra, tendo sido alta a sua ocorrência na entrevista 1, diminuindo bastante nas entrevistas seguintes até desaparecer na entrevista 10. Observamos que a informante construiu uma fórmula própria com palavras-n dobradas em posição pré-verbal, inexistente no PB.

Pela evidência encontrada nas estruturas dos exemplos de (80 a 83), podemos afirmar que existiu uma gramática intermediária na fala de Olga, cuja estrutura não pertencia nem à sua L1 (polonês), nem à língua alvo (português), mas que poderia, possivelmente, ser o caso de um reflexo da estrutura de sua L1, do NegoP, sugerida por Kato (c.p.).

Tabela 6 – Negação na fala de Olga

Entrevista	Tempo	NegV	Palavra-n Pré-verbal	Palavra-n Pós-verbal	CN1 (PB)	CN2 (Pol.)	- CN	Neg PósIP
1	30'	32	3 x nunca 1xnada	-	-	-	-	-
2	15'	39	-	-	-	-	-	-
3	15'	24	-	-	-	-	1	-
4	15'	55	-	-	-	-	-	-
5	15'	16	-	-	-	-	-	1
6	30'	23	3 x ninguém	1 x nada 2xninguém	3	-	-	-
7	15'	23	2 x nunca 1 x nenhum	-	-	-	2	-
8	15'	44	-	-	-	-	-	-
9	30'	19	2 x ninguém	2 x nada 1 x ninguém	3	-	-	-
10	15'	34	2 x ninguém	1 x nada	1	-	-	-
Total	195'	309	14	7	7	-	3	1

A CN2, do polonês, em posição pré-verbal não aparece nas entrevistas de Olga

Nas entrevistas, observamos que a ordem [Neg V] da língua alvo já está estabelecida; como essa ordem é idêntica à da L1, a informante tanto pode estar operando na sintaxe de sua L1 como na de L2. Notamos a presença das palavras-n isoladamente, (3 x nunca) e (1 x nada) na entrevista 1; (4 x ninguém) e (1 x nada) na entrevista 6; (2 x nunca) e (1 x nenhum) na entrevista 7; (3 x ninguém), (2 x nada) na entrevista 9; e (2 x ninguém), e (1 x nada) na

entrevista 10. De forma idêntica ao registrado em nossa primeira pesquisa, notamos haver uma ordem de aquisição para o tipo de CN1.

Os exemplos evidenciam que Olga trilhou um caminho semelhante ao de outros falantes que não têm CN em sua L1, isto é, usou como *default* Neg em posição XP, e conseqüentemente [-CN].

Visto que no caso de polonês temos L1 = L2, deveríamos ter, como comprovado no caso das línguas do grupo I, acesso indireto à GU, via L1. Entretanto, falante mostra ausência de CN, como nos exemplos a seguir:

- | | |
|---|-----------|
| (81) Não tivemos que ir algumas vezes pra lá... | (entr. 3) |
| (82) Eles não têm certeza sobre coisa. | (entr. 7) |
| (83) Eles não sabem alguma coisa. | (entr. 7) |

Até a entrevista 5, a CN do tipo 1 está ausente na fala de Olga, que já tem 4 meses no Brasil; a falante não transferiu a estrutura de CN de sua L1 para a língua alvo. A falante não usou o valor do parâmetro que, aparentemente, já estava marcado em sua L1. Esse fato mostra que línguas que fazem CN com palavras-n em posição pré-verbal têm outra marcação do parâmetro, provavelmente uma sub-parametrização, o que poderia explicar porque a falante não transfere essa marcação.

A CN do tipo 1 começa a aparecer na entrevista 6, após a permanência da informante por quase 5 meses no Brasil. Os exemplos a seguir atestam presença de CN do tipo 1 na fala da informante:

A CN1, do PB, aparece na fala de Olga, com os exemplos:

- | | |
|--|------------|
| (84) Eu não conheço ninguém. | (entr. 6) |
| (85) ...mas ela não conhece ninguém. | (entr.6) |
| (86) Eu não tenho que mostrar nada. | (entr. 6) |
| (87) mas acho que não tem nada que você... | (entr. 9). |
| (88) Ninguém quis nada. | (entr.9) |
| (89) ... não quero nada . | (entr. 9) |
| (90) Não quero ninguém , por exemplo. | (entr. 10) |

A negação externa aparece na fala de Olga na entrevista 5, lembramos que o *input* foi o PB de Campinas.

(91) Não, acho que não.

(entr. 5)

Lembramos que uma de nossas primeiras hipóteses defendida sobre o alemão ser o *default* foi invalidada; porque vimos que a posição de Neg não é parte do parâmetro que define a CN, mas sim a posição estrutural (X^0 ou XP).

5.5.2 – Resumo da análise da fala de Olga

Observando a fala de Olga, vemos que a informante apresenta estruturas que podem ser, assim analisadas:

Estrutura (a) Neg + V, que pode ser interpretada como:

NegV	{	o <i>default</i> em (XP), ou o <i>não default</i> = PB, Polonês (X^0)
------	---	---

Estrutura (b) com a presença de palavras-n, porém, sem CN, mostra que:

Neg é = *default* = XP^{63}

Estrutura (c) Neg + nada, ninguém..., mostra que:

Neg passa de “*default*” para X^0

Conclusão: $S_0 = GU$ (*default*), $\neq L1$.

Concluindo a análise da fala de Olga, percebemos que, nesse caso, para a aquisição do PB, houve o acesso direto à GU, sinalizado pelo *default*, através das evidências de Neg em posição XP e conseqüente ausência de CN.

A questão que surge é: por que a falante deixa de lado o acesso indireto, via L1, abandonando o parâmetro marcado de sua L1, e assume o valor *default*?

⁶³ Lembramos que o *input* foi o PB paulista.

Segundo Kato (2004), a visão macro de parâmetro, como um conjunto de propriedades de um mesmo parâmetro, vem sendo questionada. A tendência hoje é por uma visão micro-paramétrica, assentada em sub-parametrizações. O exemplo citado pela autora o PB, que deixou de ser uma língua de sujeito nulo, mas que tem sub-parametrizações para esse fenômeno. Sabe-se que as línguas de sujeito nulo não são uniformes, podendo haver sub-tipos bem definidos, relacionados em sub-conjuntos.

Uma das semelhanças entre o polonês e o PB é na negação, que nas duas línguas se aloca na posição X^0 , porém, diferem quanto às estruturas da CN. O polonês tem essa concordância na posição pré-verbal com [palavras-n + *nie* + V], opção inexistente no PB, ou com [*nie* + V + palavras-n], de forma semelhante à do PB.

Essa diferença pode ser vista como um sub-parâmetro no polonês que o PB não tem. O fato de Olga ter recorrido ao *default* indica que a fixação de um parâmetro não é suficiente para garantir o acesso indireto à GU, há que se considerar também os sub-parâmetros.

5.6 – Aquisição da Concordância Negativa

Através dos dados da presente pesquisa, pelas fases detectadas, é possível apresentar uma proposta para a seqüência desenvolvimental na aquisição da CN.⁶⁴

A) Presença do operador pré-verbal, porém com ausência de palavras-n: (-CN)

- | | |
|---|----------------------------------|
| (92) Não tivemos que ir algumas vezes pra lá... | (Olga, entr. 3) |
| (93) Eles não sabem alguma coisa. | (Olga, entr. 7) |
| (94) não ah...me diz ...ah algo .. | (Stephan, entr. 1) ⁶⁵ |

B) Presença de palavras-n em posição pré-verbal onde o PB não requer CN. (-CN)

- | | |
|--------------------------------|---------------------|
| (95) Ninguém sabia como fazer. | (Angélica, entr. 1) |
| (96) Ninguém me fala. | (Mônica, entr. 5) |

⁶⁴ Pesquisamos um número muito reduzido de indivíduos e, portanto, não queremos generalizar as conclusões para outros casos. Vemos que existe a necessidade do desenvolvimento de outras pesquisas nesse campo para confirmar a existência dessas fases, ou não.

⁶⁵ Agradeço à Profa. Gisele Reis pela gentileza de permitir que entrevistássemos os informantes de língua alemã, Stephan, aluno da ‘Diálogo’, curso de Português para estrangeiros, em Salvador/BA.

C) palavras-n em posição pós-verbal.

(97) Eu faz nada. (Johnny, entr. 2)

(98) ...muitos têm nada. (Emily, entr. 4)

D) Presença do operador e das palavras-n, mas com dois VPs (-CN)

(99) Eu não sabia Vitória é um ...sabia nada sobre bairros de Salvador. (

Byron, entr. 3)

(100) Eu não faz.... eu faz nada. (Johnny, entr. 2)

(101) Não sei... sei nada. (Johnny, entr. 3)

Nos exemplos (99-101) vemos a relutância dos falantes que estão entre duas gramáticas.

E) Presença do operador *não* em concordância com as palavra-n. (+CN)

(102) Eu não tenho que mostrar nada. (Olga, entr. 6)

O que parece relevante para a marcação da CN no PB é a posposição da palavra-n ao V e não simplesmente sua presença.

5.7 – Discussão da análise de dados

Retomemos alguns dos pontos abordados pela proposta de Roeper, na teoria do Bilingüismo Universal. A idéia de que todo falante é, potencialmente, bilíngüe não é totalmente inovadora. Entre os psicolingüistas gerativistas que trabalham com a aquisição de L1, quando a língua alvo não se conforma com o valor inicial, *default*, o parâmetro é reassentado, e a criança se torna monolingüe.

Para Roeper, a criança parte, como nos estudos anteriores, inicialmente, de uma gramática *default*, denominado por ele de MDG (*Minimal Default Grammar*). À medida em que a criança é exposta ao *input*, ela vai selecionar o valor do parâmetro de sua L1, que poderá ser igual ao *default*, ou diferente. Porém, se o parâmetro da L1 for diferente do MDG, o *default* permanecerá latente, podendo ser ativado numa situação de aquisição de uma nova

gramática. Para o autor, a L1 é composta pela G1, a gramática nuclear, mais a G2, a gramática periférica. Como exemplo de gramáticas periféricas, ou mini-gramáticas que co-existem dentro de uma língua única, com parâmetros conflitantes, o autor cita o caso do sujeito nulo em Inglês, encontrado em diários e o do objeto nulo, presente em receitas de culinária. O quadro seguinte resume as idéias do autor para um bilingüismo em L1.

Língua I = (G1) + (G2).

G1 = MDG (*default*)

A G1 fica latente se a gramática da L1 não é o *default*.

A parte importante da Teoria do Bilingüismo Universal, para a presente tese, é que ela pode ser interpretada não só como uma hipótese de acesso total à GU, no caso de uma Língua-I, com a G1, mas também como uma hipótese de um acesso indireto, com a G2, via periferia marcada.

Em nossos estudos, quando concluímos que [Neg em XP, - CN] é o *default*, podemos ver a relação com a G1; e quando vimos que [Neg^o, +CN] é a outra opção do parâmetro, podemos relacioná-lo com a G2. Nessa linha de pensamento, segue-se que, se um falante tem a negação em uma gramática do tipo:

a) G1 = [XP, -CN], *default*, então o que funciona como S₀ é o MDG para a aquisição de L2.

Porém, se o adulto tem em sua gramática a negação correspondente à uma G2, temos:

b) G2 = [X^o, +CN], então S₀ = L1 para a aquisição de L2.

A análise dos dados dos informantes, aqui estudados, indica que, na aquisição da negação e da CN do PB/L2 houve:

1) Acesso direto à GU, pela presença do *default*, MDG, atestado na fala dos informantes de polonês e de chinês cantonês, com negação em XP, e conseqüentemente, -CN.

2) Acesso indireto à GU, via L1, com negação em X^0 , + CN, atestado no caso dos falantes de francês, italiano, espanhol; e via L2, no caso dos informantes americanos, constituindo-se a evidência do acesso indireto, via L2/espanhol, algo inesperado.

Podemos acrescentar que nossos informantes, todos adultos, corroboram a observação de Kato (2002) no sentido de que não existe uma idade crítica para aquisição da sintaxe. Através da análise dos dados desses informantes fica comprovado que houve a aquisição da negação e da concordância negativa do PB por todos eles.

No capítulo seguinte, apresentaremos as conclusões finais.

Capítulo VI – Conclusões

Retomamos a seguir nossas hipóteses de trabalho, apresentando nossas conclusões finais.

6.1 – Hipóteses de trabalho

As hipóteses que nortearam nosso trabalho apoiaram-se:

- (a) no estudo prévio de (Fonseca, 1999), com dados de um sujeito alemão.
- (b) nas teorias sobre negação;
- (c) nas teorias sobre aquisição.

6.1.1 – Estudo prévio

Necessitei, no desenvolvimento da linha argumentativa de meu primeiro trabalho, de lançar mão de dados da gramática emergente da criança que aprende a falar o português brasileiro como língua materna⁶⁶. A comparação desses dados com os do sujeito de nosso primeiro trabalho, uma alemã, possibilitou a previsão para a presente pesquisa de que haveria o aparecimento da CN, com fases idênticas de desenvolvimento, semelhantes às detectadas na aquisição do PB como L1 por as crianças brasileiras⁶⁷, e no PB como L2, pela falante alemã.

De acordo com o estudo prévio em (a) haveria o aparecimento:

- (a1) da negação pós-verbal (*default*);
- (a2) da negação pré-verbal (marcada);
- (a3) das palavras-n, isoladas, sem concordância negativa;
- (a4) da CN com [negação pré-verbal + palavras-n].

Na presente pesquisa, percebemos que essa sequência se confirmou, tendo havido, porém, mais três estágios intermediários entre os estrangeiros, não observados, no entanto, nos

⁶⁶ No primeiro trabalho os dados foram consultados no CEDAE/IEL/UNICAMP.

⁶⁷ Essas informações estão em Fonseca (1999), sendo esse o único trabalho publicado, de que temos conhecimento, sobre a aquisição da negação no PB.

dados de aquisição por crianças brasileiras⁶⁸. Essas novas estruturas podem ser introduzidas em (a3), podendo, no entanto, produzir sentenças agramaticais no PB.

(a3b) negação pré-verbal + item de polaridade positiva.

(a3c) V + palavras-n.

(a3d) construção de dois VPs, um com NegV e outro com V-palavras-n.

Nossa proposta para o quadro de fases no desenvolvimento da aquisição da CN, pode ser assim resumida:

- | | |
|--|-----------------------|
| A) Presença do operador pré-verbal, com ausência de palavras-n | (-CN) |
| B) Presença de palavras-n em posição pré-verbal onde o PB não requer CN. | (-CN) |
| C) palavras-n em posição pós-verbal. | (-CN) |
| D) Presença do operador e das palavras-n, mas com dois VPs | (-CN) |
| E) Presença do operador <i>não</i> em concordância com as palavras-n. | (+CN) ⁶⁹ : |

Os dados analisados da aquisição pelos estrangeiros mostram a relevância da posposição da palavra-n ao V e não simplesmente sua presença para que a CN ocorra. É a presença de itens de polaridade negativa em posição pós-V que detonam a CN, devendo ser esse o *trigger* para a aquisição de tal fenômeno no PB.⁷⁰

6.1.2 – Teorias sobre negação

Com relação às teorias sobre a negação em (b), entende-se que há uma relação entre a natureza XP, o *default*, e X⁰, a posição marcada, de Neg com a posição de Neg e a possibilidade de CN, da seguinte forma:

⁶⁸ Consultamos, também, para a presente pesquisa a base internacional CHILDES, com dados de crianças oriundas da região sul do Brasil, mais precisamente de Porto Alegre, com 103 arquivos com acompanhamento longitudinal e 163 arquivos com acompanhamento do tipo *cross-sectional*. E com 5 arquivos de crianças oriundas da região sul do Brasil, de Florianópolis/SC, que tiveram acompanhamento longitudinal.

⁶⁹ Essa é o caminho que os dados nos apontam. Outros trabalhos serão necessários para que se possa confirmar ou não essa sequência desenvolvimental.

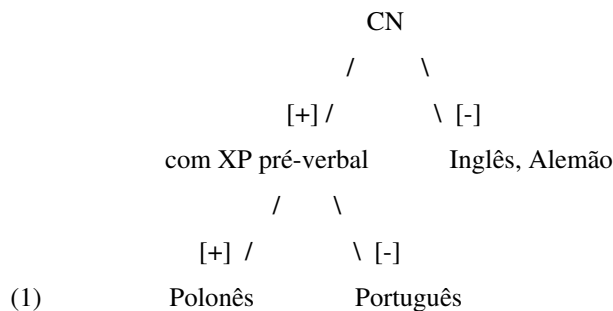
⁷⁰ Esses fatos são favoráveis à proposta de Zeijlstra, quando o autor afirma que línguas de CN são línguas de negação fraca, que necessitam de um outro item para garantir a negação. É interessante notar esse fato, embora não tenhamos adotado essa proposta.

- (b1) Se $Neg = X^0 \rightarrow Neg = \text{pré-verbal e +CN (com elemento pós-verbal)}$;
 (b2) Se $Neg = XP \rightarrow Neg = \text{pós-verbal (e possibilidade de Neg pré V afixal) e -CN}$.

Duas línguas não se encaixaram perfeitamente nessa hipótese:

- (b3) O Polonês que permite CN com elementos pré-verbais;
 (b4) O Chinês Cantonês que tem a negação pré-verbal afixal, e é -CN.

Para o caso do Polonês, aventou-se a hipótese de haver uma sub-parametrização, cuja representação está abaixo.



O observado foi que a falante polonesa precisou efetuar uma operação de volta ao *default*, para a aquisição da CN no PB. Nesse caso, um sub-parâmetro foi suficiente para provocar o acesso à gramática *default*, que, de acordo com Roeper (1999) estará sempre ao alcance dos falantes.

Não temos, porém, ainda uma hipótese sobre o que determina o sub-parâmetro que licencia concordância negativa pré verbal. Esse é um assunto que poderá ser objeto de futuras pesquisas.

Para o caso do Chinês Cantonês, mostrou-se, pela posição do advérbio, que o V não se move para I, como no Inglês. O Neg é um XP e pré-verbal, por conta disso, não possibilitando a CN. Além disso, explica-se a posição pré-verbal de Neg em Chinês Cantonês pela sua natureza afixal.

A Generalização 2, abaixo repetida, se confirma, de acordo com nossos dados, podendo ser considerada o *default* para a aquisição da negação:

Neg em posição de Spec = negação pós V → [-CN].

6.1.3 – Teorias sobre aquisição

Na história sobre a aquisição de línguas estrangeiras, surgiram teorias diversas que influenciaram o desenvolvimento das técnicas de ensino, e até hoje influenciam, como a AC, a AE, a *Creative Construction*. Essas teorias abordam a aquisição de uma língua estrangeira de diferentes formas. Ao longo desse caminho vários conceitos surgiram, como o de ‘transferência’, bastante discutido, e o de ‘interlíngua’, entre outros.

A história recente da teoria lingüística, com a linha chomskiana e a Teoria de Princípios e Parâmetros, mostra uma tendência para mudanças de grande abstração. Fala-se em aquisição de L1, a língua materna, e em aquisição de L2, de uma segunda língua. Os parâmetros são vistos como propriedades abstratas que são responsáveis pela variação entre as línguas.

Temos outros exemplos de inovações na teoria, em escala menor, como é o caso da palavra *trace*, traduzida como vestígio em português, e a palavra *features*, que pode ser entendida como traços morfológicos de uma categoria (gênero, número, pessoa). Outro caso, é a noção de vestígio que evoluiu para uma teoria de cópias, relacionada ao movimento nas línguas.

Quanto à aquisição de uma L2, no caso do acesso à GU, há muita controvérsia, com uma variedade considerável de dados e conclusões conflitantes encontrados. Meisel (2000), por exemplo, considerando as teorias que tratam da questão da aquisição de uma L2, defende haver acesso indireto, à GU, via L1. É nessa linha de pesquisa que o nosso trabalho se insere. Procuramos, através dos dados, verificar de que forma o acesso à GU se dá no momento da aquisição, se é direto (via *default*) ou indireto (via L1). Acredito que a presente tese é uma colaboração para a discussão sobre o acesso à GU.

Roeper é o autor, embora proponha uma teoria para dar conta da aquisição de uma L1, que possibilita uma interpretação mais adequada para os dados encontrados na nossa pesquisa. Lembremos que ele, entre vários argumentos que utiliza, postula um TP sem Agr para justificar sua teoria do bilingüismo. No caso da concordância negativa, temos traços de

concordância envolvidos. Os traços de concordância negativa poderão ou não estar presentes na fala do informante, sendo que a CN representa o parâmetro marcado para essa concordância. As amostras da fala de crianças brasileiras corroboram a proposta de Roeper, com uma forma *default* para a negação [VNeg], e que também surge na aquisição da negação do PB como L2.

O presente trabalho comparou dados de aquisição do PB como L1 com os de aquisição do PB como L2. Essa comparação nos ajudou a encontrar um entendimento melhor dos mecanismos que operam nos dois tipos de aquisição.

Com relação a (c) acima, assumiu-se a hipótese de que $S_0 = L1$, mas que a GU estaria disponível para o acesso, via MDG. Tivemos a confirmação dessa hipótese. Confirmamos também que a pista mais forte é a posição da negação em XP, considerada como o *default*, que determina a ausência de CN.

Embora o chinês cantonês tenha possibilidade de ter Neg pré-verbal, o fato de o aprendiz poder determinar que o verbo não sobe para T nessa língua, faz com que a posição do Neg pré-verbal não seja informativo o suficiente para detonar o parâmetro. Logo, o *trigger* de Neg pré-verbal para as línguas do tipo do português pode ser mantido.

A aquisição da negação no PB tem a ver com esses casos e com os casos de sub-parametrização.

Referências bibliográficas:

- BAKER, M.. Incorporation. A Theory of Grammatical Function Changing. The University of Chicago Press, Chicago, 1988.
- BIELEC, D. *Polish: an Essential Grammar*. Routledge, Londres, Inglaterra, 1998.
- BELLETI, A. *Generalized Verb Movement*. Turin: Rosenberg and Tellier, 1990.,
_____. 'Verb positions, NP positions. Evidence from Italian'. Univ. of Geneva (ms), 1992.
- BLEY-VROMAN, R. 'What is the logical problem of foreign language learning?'. In: *Linguistic Perspectives on second language acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press: 41-68, 1989.
- CÂMARA Jr. Mattoso. 'A coroa de Rubião'. In: *Ensaio machadianos*, p. 53- 61, Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1979.
- CAMARGOS, M. *A Teoria de Cópia e a Negação*. Dissertação de Mestrado, UFMG, 2002.
- CARROLL, S. *Input and evidence, the raw material of second language acquisition*. John Benjamins Publishing Company, Amsterdam, 2001.
- CASTRO, Y. P. *A presença cultura Negro-africana no Brasil: Mito e Realidade*. Centro de Estudos Afro-Orientais, UFBa. Ensaio/Pesquisas no. 10, 1981.
- CHOMSKY, N. *Syntactic Structures*. The Hague: Mouton. 1957.
- _____. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1965.
- _____. 'Conditions on transformations', In: Anderson, S. R. e P. Kiparsky (eds.), *A Festschrift for Morris Halle*, Holt, Rinehart and Winston, Inc., New York, 1973.
- _____. *Lectures on government and binding*. Foris, Dordrecht, 1981
- _____. *Some concepts and consequences of the theory of Government and Binding*. MIT Press, Cambridge, Mass, 1982.
- _____. *Barriers*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1986.
- _____. 'A Minimalist Program for Linguistic Theory'. In Halle, K. e Keyser, S. J. (eds.). *The view from Building 20*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1993.
- _____. *A Minimalist Program*, Cambridge, MIT Press, USA, 1995.
- CLASHEN, H. & MUYSKEN, P. 'The availability of universal grammar to adult and child learners: A study of the acquisition of German word order'. In: *Second Language Research* 2: 93-119, 1986.
- CORDER, S. P. 'The significance of learners' errors'. In: *International Review of Applied Linguistics*, 5:161-170, 1967.

- CULICOVER, P. W. Polarity, inversion and focus in English. In: Proceedings of Escol 91. The Ohio State University, p.46-48, 1992.
- DULAY, H. C. & BURT. 'Natural sequences in child second language acquisition'. In: *Language Learning*, 24: 37-53, 1974.
- EPSTEIN, S. D. & MARTAHARDJONO, G. Second language acquisition: theoretical and experimental issues in contemporary research. In: **Behavioral and Brain Sciences**, 19, (4): 677-758, 1996.
- EUBANK, L. 'Negation in early German-English interlanguage: more valueless features in the L2 initial state'. In: **Second language research** 12, 1, 1996: 73-106, 1996.
- FONSECA, H. D. C. **Aquisição da Concordância Negativa (CN) no Português Brasileiro (PB) como segunda língua (L2)**. Dissertação de Mestrado em Linguística, Unicamp, Campinas/SP, 1999.
- _____. 'Marcador negativo final no português brasileiro. In: **Teorias lingüísticas contemporâneas**. Org.: C. Fernandes, J. B. C. Santos. Editora da Universidade Federal de Uberlândia, MG, 2003.
- CUNHA, M. A. F. 'O modelo das motivações competidoras no domínio funcional da negação'. In: D.e.l.t.a., 17:1, p.1-30, 2001.
- GIANNAKIDOU, A. The landscape of Polarity Items, PhD dissertation. R. Groningem, 1997.
- HAEGEMAN, L. **The syntax of negation**. Cambridge, Great Britain: CUP, 1995.
- _____. & ZANUTINI, R. 'Negative concord in West Flemish'. In: *Parameters and functional heads*, (eds.) Belletti, A and Rizzi, L. Essays in Comparative Syntax: 117-79. Great Britain: Oxford University Press, 1996.
- _____. 'Negative heads and the neg criterion'. In: *The Linguistic Review*, 8:233-251, 1991.
- HERSCHENSOHN, J. The second time around: minimalism and second language acquisition. J. Amsterdam: John Hopkins, 2000.
- JESPERSEN, O. Negation in English and other languages. In: *Selected writings of Otto Jespersen*. London: G. Allen & Unwin, 1917.
- JONES M. A. **Foundations of French Syntax**.Cambridge: CUP, 1996.
- KABORE, R. , PLATIEL, S & Ruelland, S. 'Réflexions sur la negation dans quelques langues africaines'. In: Faits de Langues, no. 11-12, Ophrys, 1998.
- KATO, M. A . Strong pronouns and weak pronominals in the null subject parameter. In: Probus, Berlin, v. 11, n. 1,p.1-37,1999.

_____. Aquisição do Português como L2 e a perda do Japonês como L1: um estudo de caso. (ms), 2002.

_____. 'A gramática do letrado: questões para a teoria gramatical'. (ms), 2004.

KAYNE, R. 'Null Subjects and Clitic Climbing'. In: O. Jaeggli and K. Safir (eds). *The Null Subject Parameter*. Dordrecht: Kluwer. 239-269, 1989.

KITAGAWA, Y. Subjects in Japanese and English. Ph.D. diss., University of Massachusetts, Boston: MIT Press, 1986.

KLIMA, E. S. 'Negation in English'. In: *The Structure of Language*. Fodor and Katz (eds). Prentice Hall, Englewood Cliffs, N. J.: Prentice Hall, 1964.

KRASHEN, S. *Principles and practices in second language acquisition*. Oxford: Pergamon, 1982.

LADO, R. *Linguistics across cultures*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1957.

LAKA I. *Negation in syntax: on the nature of functional categories and projections*. PhD dissertation, MIT, Cambridge, Mass. 1990.

LENNEBERG, E. *Biological Foundations of Language*. New York: Wiley, 1967.

LIGHTFOOT. *The language lottery*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1982.

MARTINS, A. M. 'Aspectos da negação na história das línguas românicas (Da natureza de palavras como nenhum, nada, ninguém)'. In: *Actas do XII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Lingüística*. Lisboa, 1997.

_____. Polarity items in Romance. Underspecification and lexical change, (ms), 1994.

MARTINS, E. E. Sentencial Negation in Spoken Brazilian Portuguese. M.A. Dissertation. George Town University. 1997.

MEISEL, J. M. 'On transfer at the initial state of L2 acquisition'. In: *Working papers in multilingualism*, 2000.

_____. 'The acquisition of the syntax of negation in French and German: contrasting first and second language development'. *Second language research*, vol. 13, 3, p.227-263, 1997.

_____. & MÜLLER, N. 'On the Position of Finiteness in Early Child Grammar. Evidence from Simultaneous Acquisition of two First Languages: French and German'. In: 15th Boston university, *Conference on language development*, 1990.

MIOTO, C. *Negação sentencial no português brasileiro e teoria da gramática*. Tese de Doutorado. Unicamp, Campinas, SP, Brasil, 1991.

_____. 'Tipos de negação'. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas, SP, (34): 103- 117, 1998.

- NUNES, J. Linearization of chains and phonetic realization os chains links. In: Working minimalism, 217-2249. Eds. S. D. Epstein and N. Hornstein. MIT Press, Cambridge, Mass., 1999.
- OLIVEIRA, M. *Respostas assertivas e sua variação nas línguas românicas: seu papel na aquisição*. Tese de Doutorado em Linguística, Unicamp, 1996.
- OUHALLA, J. *Functional categories and parametric variation*. Routledge. London. UK, 1991.
- PERES, J. 'Extending the Notion of Negative Concord'. In: Negation and Polarity, Syntax and Semantics, Selected Papers from the *Colloquium : Negation: syntax and semantics*, Ottawa: 11-13. Amsterdam, John Benjamins, 1997.
- _____. 'Concordância negativa e visibilidade da negação'. Unicamp. Campinas, SP, Brasil, (ms), 1995.
- _____. & NEGRÃO E. 'Algumas propriedades das construções negativas do português'. Comunicação apresentada no Colóquio 'Português europeu e português brasileiro unidade e diversidade na passagem do milênio (PEPB)'. *II Congresso Internacional da Abralin*. Fortaleza, CE, 2001.
- PETTER, M. M T. A negação em algumas línguas do grupo banto, (ms), 2003.
- PINKER, S. O instinto da linguagem, tradução de Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- POLLOCK J. Y. 'Verb movement, universal grammar, and the structure of IP'. In: *Linguistic Inquiry* 20(3):365-424, 1989.
- PORRAS, J. Relexification in Palenquero. In: P. Hirschbuhler & Koerner (eds.). Romance Languages and Modern Linguistic Theory: Papers from the 20th Linguistic Symposium on Romance Languages, Ottawa, 10-14 April, 1990. Amsterdam: John Benjamins: 195-204, 1992..
- POSTMA G. *Zero Semantics*. A study of the syntactic conception of quantificational meaning. 1995.
- _____. 'The syntax of negation'. Seminários do curso regular de pós-graduação. Unicamp. Campinas/SP, 2002.
- PRZEPIÓRKOWSKI A . & KUPSC, A . Verbal negation and complex predicate formation in Polish. In: *Linguistic Forum*, 38, 1997:247-261, 1997.
- RAPOSO, E 'Do modelo de princípios e parâmetros ao programa minimalista, uma Introdução'. Seminário ministrado na Universidade Federal de Uberlândia/MG, 2001.
- RIZZI, L . (1990). *Relativized Minimality*. Cambridge. MIT Press.1990.
- ROEPER T. 'On universal bilingualism'. In: *Bilingualism: Language and cognition*. 2 (3)

- 169-186, 1999.
- SELINKER, L. 'Interlanguage'. In: *International Review of Applied Linguistics*, 10, p.209-231, 1972.
- SCHWEGLER, A. Analyticity and syntheticity: a diachronic perspective with special reference to romance languages. Berlin: Mouton de Greyter, 1990.
- _____. 'Predicate negation in contemporary Brazilian Portuguese – a change in progress'. In: *Orbis*, p. 187-214, 1991.
- STANISLAWSKI, J. **The Great Polish-English Dictionary**. Wiedza Powszechna State Publishing House, Warszawa, 1969.
- SCHWARTZ B. D. & SPROUSE R. 'L2 cognitive states and the full transfer/full access model'. In: *Second Language Research* 12(1):40-72, 1996.
- TORRES MORAIS, M. A. 'Aspectos da história da negação no português'. In: *Humanitas*: 149-203, 2001.
- TSANG & STOKES. 'Syntactic awareness of Cantonese-speaking children'. In: *Journal of Child Language*, 28:703-739, 2001.
- VAINIKKA & YOUNG-SCHOLTEN. 'Gradual development of L2 phrase structure'. In: *Second Language Research*, 12:7-39, 1996.
- VITRAL, L. A negação: teoria de checagem e mudança lingüística. In: D.E.L.T. A., vol.15, no. 1, p..57-84, 1999.
- WHITE L. 'The verb movement parameter in second language acquisition'. In: *Language acquisition*, 1 (4) 337-60, 1990.
- WITKOS, J. 'On NegP and the structure of the Polish clause'. *The Polish-English contrastive project –Papers and studies in contrastive linguistics*. Vol. 31. Editor: Jacek Fisiak, Adam Mickiewicz. University, Posnam, Polônia, 1996.
- XAVIER, G. R. Aquisição do Português Brasileiro por um falantes chinês. Dissertação de Mestrado em Lingüística. Unicamp. Campinas, 1999.
- ZANUTTINI, R. 'Two strategies for negation: Evidence from Romance'. In: Proceedings of ESCOL 88, edited by J. Powers and de Jong, K. Columbus: The Ohio State University. P. 535-546, 1989.
- _____. **Syntactic properties of sentential negation**. A compartive study of romance languages. Ph.D. diss., University of Pennsylvania, 1991.
- _____. 'Re-examining Negative Clauses'. In: **Paths Towards Universal Grammar: Studies in Honor of Richard S. Kayne**. Eds. Cinque et al. Georgetown University Press. Washington, DC, 1994.
- _____. 'On the relevance of tense for sentencial negation'. In Belletti, A. and Rizzi, L., eds., **Parameters and Functional Heads: Essays in Comparative Syntax**. P. 181-207.

Oxford University Press, New York, 1996.

_____. **Negation and Clausal Structure:** A comparative study of Romance Languages. Oxford, Oxford University Press, 1997.

_____. “Reflexes of clausal structure in the syntax of negation”. Artigo apresentado em seminário na Unicamp. Campinas, SP, Brasil.,1995.

ZEIJLSTRA, H. ‘Two ways of expressing negation’. In: *Proceedings of ConSOLE* 12. (no prelo).

_____. ‘What the Dutch Jespersen Cycle may reveal about Negative Concord’. In: *Linguistics in Potsdam*, 19: 183-206, 2002.

All'aeroporto

Il mese scorso, quando arrivavo da un viaggio all'aeroporto di São Paulo, non so spiegare come, una delle mie valigie è sparita. Il personale dell'aeroporto non mi ha dato nessun avviso, nessuno mi ha detto nulla. Ho cercato, quindi, il settore di reclami dell'aeroporto. Per reclamare ho avuto bisogno di riempire un modulo e sono rimasta ad'aspettare una risposta che mai arrivava. Ho deciso di cercare la valigia, però non ha trovato nulla. Dopo 2 ore, ho disistito e sono andata all'albergo. Ho pensato dentro di me stessa: non troverò mai questa valigia!

Dopo 1 settimana, ho ricevuto un'avviso dell'Amministrazione dell'Aeroporto in cui volevano la riscossione dell'affitto del deposito bagagli dell'Aeroporto per avere custodito la mia valigia per tanti giorni. Questo è giusto? Faccio qui il mio protesto per non pagare quello che mi richiedono ingiustamente, dato che sono stati gli stessi funzionari dell'Aeroporto che hanno provocato questa situazione.

Observação:

O texto acima foi escrito por uma pessoa não letrada e pode conter algum engano na escrita. A prerrogativa, de que o texto fosse escrito por uma pessoa não letrada, foi recomendação de minha orientadora.